



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ



Affonso Eduardo Reidy:
Reciprocidades

Cynthia Caroline E. S. Cavalcante



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ



Affonso Eduardo Reidy:
Reciprocidades

Cynthia Caroline E. S. Cavalcante

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História da Arquitetura.

Orientadora: Prof^a Doutora **Elizabete Rodrigues de Campos Martins.**

Rio de Janeiro
Agosto de 2008

**Affonso Eduardo Reidy:
Reciprocidades**

Cynthia Caroline E.S Cavalcante

Elizabete Rodrigues de Campos Martins
Orientadora

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós- graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História da arquitetura, área de concentração História e Preservação do Patrimônio Cultural.

Aprovada por:

Elizabete Rodrigues de Campos Martins, Orientadora

Prof^a. Claudia Nóbrega

Prof. Mauro Neves Nogueira

Rio de Janeiro
Agosto de 2008

C376

Cavalcante, Cynthia Caroline Espírito Santo,
Affonso Eduardo Reidy: reciprocidades / Cynthia
Caroline Espírito Santo Cavalcante. – Rio de Janeiro:
UFRJ / FAU, 2008.
x, 122f. : il., 30 cm.

Orientadora: Elizabete Rodrigues de Campos
Martins.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / PROARQ /
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2008.

Referências bibliográficas: p. 99-122.

1. Reidy, Affonso Eduardo, 1909-1964. 2.
Arquitetura moderna. 3. Arquitetos. I. Martins, Elizabete
Rodrigues de Campos. II. Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. III. Título.

CDD 720.92

RESUMO

Affonso Eduardo Reidy: Reciprocidades

Cynthia Caroline E.S Cavalcante

Elizabete Rodrigues de Campos Martins
Orientadora

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História da Arquitetura.

Propomos reconstruir e resgatar historicamente o ofício do arquiteto, Affonso Eduardo Reidy discutindo seu diferencial entre outros arquitetos sob as influências de Le Corbusier (como, por exemplo, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer). Curiosamente, ao contrário de seus jovens companheiros que juntos traçaram a rota da arquitetura moderna brasileira, o nosso autor se destacou adotando às causas sociais como principal objeto de sua criação.

Nossas questões se encontram estampadas nas páginas dos mais importantes jornais brasileiros e internacionais, bem como em outras publicações e entrevistas pertinentes ao tema, na construção e desenvolvimento do Brasil moderno.

Destacamos o recorte cronológico no período de transição entre os séculos XIX e XX – espaço de tempo que revela as fortes influências sofridas em sua carreira e engloba os acontecimentos relacionados à arquitetura moderna no desenvolvimento

de seu trabalho – que caracteriza o contexto sociocultural no qual o mesmo se desenvolveu profissionalmente.

O cenário brasileiro movido por movimentos políticos, culturais e intelectuais da década de 30, foi primordial para despontar a arquitetura social de Reidy.

Concentrando-nos no estudo e investigação da biografia intelectual de Reidy, apontaremos inicialmente a influencia familiar, principalmente a de seu avô o engenheiro italiano Tommaso Gaudencio Bezzi e de sua companheira a engenheira e urbanista Carmen Portinho. Partindo dos registros efetuados pela imprensa brasileira percebemos e caracterizamos as origens que permitiram a ele tornar-se um legítimo representante da arquitetura social brasileira de renome internacional.

Palavras-chave: Affonso Eduardo Reidy, arquitetura, modernismo, história e imprensa.

Rio de Janeiro
Agosto de 2008

ABSTRACT

Affonso Eduardo Reidy: Reciprocities

Cynthia Caroline E.S Cavalcante

Elizabete Rodrigues de Campos Martins
Orientadora

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História da Arquitetura.

This work proposes a historical reconstruction of the architectonic activity of Affonso Eduardo Reidy, discussing the distinctive features between him and the other architects influenced by Le Corbusier (such as Lucio Costa and Oscar Niemeyer). Curiously, unlike their young fellows who set up together the route of the Brazilian modern architecture, he is noticeable for adopting the social causes as the main object of his creation.

The research covered the events related to the development of modern architecture, during the transition from the nineteenth to the twentieth century, and its effects upon Reidy's academic and professional life. The Brazilian 1930s decade, marked by the cultural, political and intellectual movements in the construction of modern Brazil is examined by using the material found in the most important Brazilian and international newspapers, as well as other publications and interviews, revealing the roots of Reidy's social architecture. The study points out the important role of his

family, specially the influence of his grandfather, the Italian engineer Tommaso Gaudencio Bezzi and his partner, the engineer and urbanist Carmen Portinho, recognizing and characterizing the origins that allowed him to become a legitimate representative of the Brazilian social architecture of international renown.

Keywords: Affonso Eduardo Reidy, architecture, modernism, history and press.

Rio de Janeiro
Agosto de 2008

Dedicatória

Ao querido Toni por todo o apoio.

Agradecimentos

À querida Elizabete Martins, coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ, pelo importante papel que vem exercendo neste Núcleo, que num ambiente motivado pela descoberta incessante conseguiu a difícil tarefa de despertar num só tempo, o interesse de graduandos das mais diversas áreas: história, pintura, arquitetura e física. Agradeço em nome de todos os seus meninos-estagiários que passaram pelo NPD e complementaram seus conhecimentos em meio aos traços de nanquim e aquarela, pequenos mundos descobertos naquelas tardes maravilhosas.

E foi em meio a este vasto acervo que engloba coleções de diversos períodos da história de nossa arquitetura, que tive a oportunidade de pesquisar e auxiliar na organização da coleção do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, objeto principal desta pesquisa.

Sumário

Introdução	13
Capítulo I:	17
Os reflexos nórdicos	17
<i>A influência europeia</i>	17
Capítulo II:	28
A formação acadêmica	28
Capítulo III:	39
A influência de Carmen Portinho	39
Capítulo IV:	61
Reidy e a Nova Capital Federal	61
<i>MES e Brasília um projeto em conjunto</i>	61
<i>Reidy e a Comissão de Localização da Nova Capital</i>	67
Conclusão	84
Anexos:	86
Bibliografia:	106

Retornar o tema é como um acerto de contas com os preconceitos que originaram uma zona de sombra no repertório desta geração. Considerando a já citada importância dessa produção e o fato de ter sido pouco estudado internamente, nasce a certeza de que essa história teria que ser reescrita, contemplando novas formas de encarar a História e buscando entender, nas entrelinhas, o que não foi escrito, para desvelar o mar em que navegam nossas ilusões.¹

¹ TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro**: O Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

[Introdução]

Influências

Analisar a trajetória do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, deixa evidente a impossibilidade de traçar o percurso de seu ofício, somente por suas ações individuais. É evidente que as boas intenções e o domínio da técnica são condições necessárias, mas não suficientes, para que uma arquitetura venha atender às reais necessidades de uma sociedade. Por isso, não abordamos as qualidades arquitetônicas e urbanísticas de suas obras, mas, as questões pessoais, as relações de amizade e parentesco, a ação política, a preocupação social e os valores éticos.

A abundância documental produzida sobre o arquiteto desperta a curiosidade de suas origens, já que, não raras foram às vezes em que artigos de importantes revistas e jornais da época, como *O Estado de São Paulo*² e *o Correio da Manhã*³, dentre outros, manifestaram tais característica antes de se pronunciarem sobre a obra do arquiteto.

Sua genealogia de origens nórdicas e latinas revelou um círculo composto de distintas gerações de engenheiros que em diferentes épocas participaram ativamente do desenvolvimento social e político do país. Neste particular, seu avô, o italiano Tommaso Gaudencio Bezzi, que trabalhou para a Corte Imperial no final do século XIX, obteve grande destaque difundido pela imprensa da época em artigos publicados nos mais importantes jornais, como *Jornal do Commercio*⁴, *Diário Popular*⁵, *Correio Paulistano*⁶ e *o Mercantil*.⁷

A partir do reconhecimento desta origem, exposta ao público pela imprensa, torna-se possível definir seu caráter firme e sua personalidade marcante, características muitas vezes apontadas para retratar a atuação de Reidy em seus projetos, “o que indica claramente que Reidy tanto no sangue como pela educação reúne e concilia

² FERRAZ, Geraldo. Affonso Eduardo Reidy. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 jul. 1962.

³ MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das artes plásticas. Bloc relembra Reidy. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1965.

⁴ Viagem de Suas Altezas. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 26 nov. 1884.

⁵ Monumento do Ypiranga. **Diário Popular**, São Paulo, 29 out. 1885.

⁶ Monumento do ypiranga. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 abr. 1890.

⁷ Exposição Continental. **O Mercantil**, São Paulo, 19 out.1890.

influências nórdicas e mediterrâneas”⁸, origem que esclarece diversas escolhas e atitudes do arquiteto, muitas vezes distintas dos outros companheiros de sua geração.⁹

Apesar da importância de seus antecedentes familiares em sua formação intelectual foi a atuação direta de sua companheira a engenheira e urbanista Carmen Portinho, que se revelou fundamental no desenvolvimento não só do seu ofício, mas também da arquitetura moderna brasileira e do desenvolvimento social e político do país.¹⁰

A largada profissional entre o arquiteto e a engenheira foi alcançada de maneira mútua, já que a primeira parceria do casal se deu com a construção de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro em 1933, com elevado grau de importância por representar o segundo projeto de Reidy que fora construído, e a primeira experiência de Carmen como responsável por uma construção.

Apesar de ter sido sua primeira atuação como engenheira chefe numa obra, Carmen já vinha estampando sua atuação política a pelo menos dez anos nas principais revistas e jornais do país, como a Revista Para Todos, Careta, Revista da Semana, O Globo¹¹, O Jornal¹², O Paiz¹³, Diário Carioca¹⁴ e o Diário da Noite.¹⁵

Sua influência no desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira se deu primeiramente com a criação da Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal no início da década de 30. Primeira publicação oficial a divulgar a produção de engenheiros e arquitetos do país. Logo nos primeiros números lançados em 1932, foram publicados dentre vários outros, o primeiro projeto de autoria de Reidy, o Albergue da Boa Vontade, além de projetos de Lúcio Costa e

⁸ TALABOT, Gerald Gassiot. O estilo e a obra de Affonso Eduardo Reidy. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 30, dez. 1964. p. 16.

⁹ Ibid., p. 17.

¹⁰ COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. **Ciência Hoje**: revista de divulgação científica da SBPC. Rio de Janeiro, v. 20, n. 115, nov. 1995. Mulheres Cientistas, edição especial. p.48.

¹¹ Os passos do feminismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1926.

¹² Uma fase de propaganda feminina. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 mai. 1928.

¹³ Mulheres engenheiras. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1929.

¹⁴ O feminismo realizador. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1931.

¹⁵ A ojeriza do Capitão Chevalier pelas mulheres com pretensões a ser homem. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 1931.

Oscar Niemeyer, antecipando o prestígio que este grupo teria poucos anos depois com a construção do Ministério da Educação e Saúde.¹⁶

Ao longo de suas trajetórias profissionais, Reidy e Carmen conceberam de forma mútua seus projetos mais importantes, o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com o qual posteriormente contribuiu no decorrer de quase 20 anos, participando como membro da diretoria.¹⁷

A proximidade profissional do casal em contrapartida com a atuação política da engenheira e de seu importante papel no desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, do qual Reidy transformou-se num dos principais ícones, torna-se quase que obrigatória sua inserção na biografia profissional de seu companheiro.¹⁸

No início da década de 50 a arquitetura moderna brasileira inseria uma nova fase caracterizada por um intenso interesse internacional. Esta atenção de certa forma inesperada por se tratar de um país de terceiro mundo¹⁹, se deu com o término da construção do Ministério da Educação e Saúde em 1942, do qual Reidy ajudou a projetar e construir, seguido do Pavilhão Brasileiro da Exposição Internacional em 1939 em Nova York, e da exposição sobre a arquitetura brasileira ocorrida no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1943.²⁰

Neste momento tanto a produção de Reidy, quanto a de um grupo limitado de arquitetos, grande parte constituída pelo mesmo que participou da construção do Ministério da Educação e Saúde, passou a depender da aprovação da crítica internacional. A partir daí uma nova fase é estabelecida e definida com a de antes e a de depois da década de 50.²¹ Com isso, o momento encontrava-se propício para Reidy, já que o júri que havia presidido a primeira Bienal de São Paulo em 1951, na qual recebeu o primeiro prêmio era constituído pelos mais importantes críticos

¹⁶ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.28.

¹⁷ PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. **Revista Projeto, Ensaio e Pesquisa**, São Paulo, jun. 1988.

¹⁸ FREIRE, Américo (org.); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**: depoimentos ao CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

¹⁹ Questionamentos muitas vezes feitos por importantes figuras como Le Corbusier.

²⁰ TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro**: O Brasil na historiografia da arquitetura moderna. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006. p.15.

²¹ Ibid.

internacionais que freqüentemente vinham ao país a fim de entender e conferir de perto este novo rumo que a arquitetura moderna brasileira tomava.²²

Após este reconhecimento Reidy passou a ser alvo das principais revistas especializadas fazendo com que seu prestígio internacional fosse difundido e aclamado por importantes figuras como Le Corbusier, Max Bill e Sigfried Giedion²³, ente outros.

Se antes a abundância documental proveniente de artigos de jornais e revistas publicados pela imprensa nacional manifestou as atuações do legado familiar de Reidy, desta vez o foco metodológico se volta para a imprensa internacional, especialmente a americana e europeia que com freqüência publicaram projetos brasileiros em revistas especializadas como a francesa *Architecture Aujourd'hui*, a britânica *Architectural Review* e a italiana *Casabella*.²⁴

Esta nova abordagem além de transpor a segunda fase da carreira de Reidy expõe um momento de reciprocidade, do qual o arquiteto exhibe sua influência profissional pela imprensa internacional em contraponto com a síntese resultante de sua genealogia nórdica e latina absorvida ao longo de sua trajetória, tantas vezes observada pela imprensa nacional ao tratar de seus projetos de cunho exclusivamente social, “disposição certamente derivada de uma consciência aguda do contexto sócio-econômico local”.²⁵

Apesar desse novo olhar estrangeiro filtrar o que lhe é conveniente, “ora ressaltando um aspecto, ora diminuindo outro muitas vezes desviando e, distorcendo a realidade²⁶, o mais importante é observar que o real sentido da arquitetura, em particular a produzida por Reidy, resistiu ao tempo e ainda hoje manifesta interesse e admiração nacional e internacional.²⁷

²² Ibid.

²³ BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

²⁴ TINEM, Nelci. *Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto*. **Arquitextos**, São Paulo, v. 72, mai. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha066.asp>>. Acesso em 15 mar. 2007.

²⁵ KAMITA, João Massao. O Rigor do Método. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, ano 9, n. 47, abr./mai. 1993. p. 74.

²⁶ LARA, Fernando. Espelho de fora: arquitetura brasileira vista do exterior. **Arquitextos**, São Paulo, n. 4, set. 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/ arq000/esp012.asp>>. Acesso em 13 jun. 2007.

²⁷ FREIRE, Américo (org.); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**: depoimentos ao CPDOC/FGV. op. cit. p.21.

[Capítulo I]

Os reflexos nórdicos

A Influência Européia

“O homem define seu estilo por seus fundamentos atávicos, por sua educação familiar, por sua formação profissional, pelos mestres que elegeu pelo clima arquitetônico em que realizou a sua obra, por ação e por reação”.²⁸

O momento histórico de transformações políticas, sociais e econômicas que o Brasil transpunha no final da década de 1920 favoreceu a concretização dos projetos traçados por Reidy, embora sua formação intelectual e seu olhar visionário certamente também estivessem intimamente ligados ao riquíssimo e, porque não dizer misturado, histórico familiar do arquiteto, reiterando a idéia de Talabot na epígrafe deste. Oriundos de reflexos anglo-saxônicos, com fortes impulsos latinos e, principalmente da marcante influência de sua companheira, a engenheira e urbanista Carmen Portinho, em seus mais importantes projetos realizados.

O ofício de urbanista e a admiração pela engenharia antecede as barreiras da academia e recai sobre seus antecessores familiares. Tanto o avô do lado materno, quanto seu pai foram engenheiros que exerceram seu ofício na participação do processo de desenvolvimento do país.

A análise de seus antecedentes é interessante para que possamos entender o diferente caminho traçado por este arquiteto precursor do movimento moderno, de renome mundial e saudoso por todos que o conheceram. Como os personagens renomados do campo da arquitetura, por exemplo, Le Corbusier que ao aludir à arquitetura brasileira se referia a Reidy, ou Sigfried Giedion e Klaus Frank que em co-autoria escreveram um importante livro sobre ele²⁹, ainda pouco conhecido no Brasil, demonstrando grande admiração por este arquiteto.³⁰

Mas qual foi o diferencial desse arquiteto que tanto conquistou grandes admiradores? Por que, ao contrário de seus jovens amigos que juntos traçaram a

²⁸ TALABOT, Gerald Gassiot. O estilo e a obra de Affonso Eduardo Reidy. loc. cit.

²⁹ GIEDION, S; FRANCK, Klaus. **Affonso Eduardo Reidy**: Bauten und Projekte. Stuttgart: Gerd Hatje, 1960.

³⁰ FERRAZ, Geraldo. Affonso Eduardo Reidy. op. cit.

rota da arquitetura moderna brasileira, Reidy se destacou adotando às causas sociais?

Estas respostas encontram-se estampadas nas páginas dos mais importantes jornais brasileiros, ao longo da construção e do desenvolvimento do país. A imprensa registrou conquistas e símbolos realizados em prol da sociedade por seus antecessores familiares até os mais próximos, com os quais conviveu e foi influenciado dando continuidade no legado plenamente exercido no percurso de seu ofício de arquiteto.

Seu pai, de quem certamente herdou o jeito “lorde”³¹, o cidadão inglês Richard George Reidy, enviado ao Brasil como engenheiro de uma companhia inglesa, que acompanhou os primeiros passos para o desenvolvimento do país, ao tentar o aproveitamento das inexploradas cachoeiras do Rio São Francisco para a instalação de sua empresa.³²

Diante do processo de modernização que pairava sobre o país nas primeiras décadas do século XX, várias empresas, principalmente estrangeiras, foram atraídas pelas diversas atividades ainda pouco exploradas, como a distribuição de energia elétrica que envolvia a iluminação pública e particular, e o sistema de transporte eletrificado, ferroviário e urbano. Estas empresas disputavam concessões como a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co, que começou a operar na capital da república em 1905 com a construção de uma usina no município de Piraí no Rio de Janeiro, dois anos depois a empresa inaugurou a distribuição de energia elétrica à cidade, complementando as obras de modernização da mesma sob a regência do prefeito Pereira Passos. A empresa era grande concorrente do grupo Gaffrée & Guinle, donos da Companhia Docas de Santos, que pretendiam executar os mesmos serviços da empresa estrangeira.³³

Seguindo esta herança, Affonso Eduardo Reidy durante sua formação acadêmica participou da elaboração do plano de renovação e embelezamento da então capital federal, como estagiário do urbanista Alfred Agache (1925-1930), encarregado da

³¹ Expressão utilizada por amigos e admiradores ao retratarem a personalidade do arquiteto.

³² VAINSENER, Semira Adler. CHESF: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. **FUNDAJ**, Recife, dez. 2004. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=3695&date=currentDate>>. Acesso em 26 mai. 2007, 09:07:54.

³³ DEBATES PARLAMENTARES. **Sobre energia elétrica na Primeira República**: o processo legislativo. Rio de Janeiro: CMEB, 1990, p.159.

elaboração do primeiro Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, “tendo passado posteriormente a seu principal assistente, funções estas que ocupou até a extinção do Escritório do Plano”³⁴ adquirindo importante experiência.³⁵

Esta participação rendeu a Reidy um passo a frente de seus companheiros da academia, num momento de rupturas com o passado, proposto pelo Plano Diretor, a fim de modernizar a capital federal, cujos primeiros ensaios foram traçados por seu avô, o engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi³⁶, com a construção do Clube Naval³⁷, construído entre 1905 e 1910, na Avenida Central (fig1),³⁸ inaugurada em 1905, transformando “(...) a paisagem daquela que foi, em três tempos, a capital luso-brasileira, imperial e republicana deste país (...)”.³⁹



Fig.1 Avenida Central, c.1910. Fonte: Retratos de Cidades. 1994. p. 176

As forças armadas foram representadas pelo Club Militar e pelo Club Naval, -cuja fachada escolhida foi projetada por Tommaso Gaudenzio Bezzi, avô materno de

³⁴ TALABOT, Gerald Gassiot. O estilo e a obra de Affonso Eduardo Reidy. op. cit. p. 19.

³⁵ KAMITA, João Massao. O Rigor do Método. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, ano 09, n. 47, abr./mai. 1993. p. 75.

³⁶ Bezzi nasceu em Turim, Itália em 1844. Foi membro do Instituto dos Engenheiros em Londres; tenente-coronel e delegado da “Croce Rossa Italiana in Brasile”; comendador da “Corona d’Itália”; oficial da “Ordine dei SS. Maurizio e Lazzaro”; e oficial da legião de Honra Francesa. Após participar da campanha de unificação de sua terra natal foi rumo à Europa e América do Sul, especificamente Uruguai e Argentina partiu posteriormente para o Brasil, onde permaneceu até sua morte em 1915.

³⁷ FERREZ, Gilberto. **Álbum da Avenida Central**: um documento fotográfico da construção da avenida. Rio Branco: 1903-1906. [São Paulo]: Ed. Ex Libris, 1982. p. 182.

³⁸ A Avenida passou a se chamar Avenida Rio Branco após a morte do Barão do Rio Branco em 10 de fevereiro de 1912.

³⁹ PEREIRA, Renata de Faria. Avenida Central: marco do crescimento. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 23, abr./mai. 1989. p. 96.

Reidy- que representou muito bem a instituição diante de seu histórico de condecorações militares. Até 1910 a Avenida compunha-se de 83 prédios, hoje restam apenas 10, dentre eles o Clube Naval.⁴⁰

Além do Clube Naval, (fig 2), Bezzi projetou o antigo Banco do Comércio localizado na Rua 1º de Março (1882), foi o responsável pela reforma do edifício Itamarati, sede do Ministério das Relações exteriores cuja ala esquerda construiu inteiramente⁴¹.

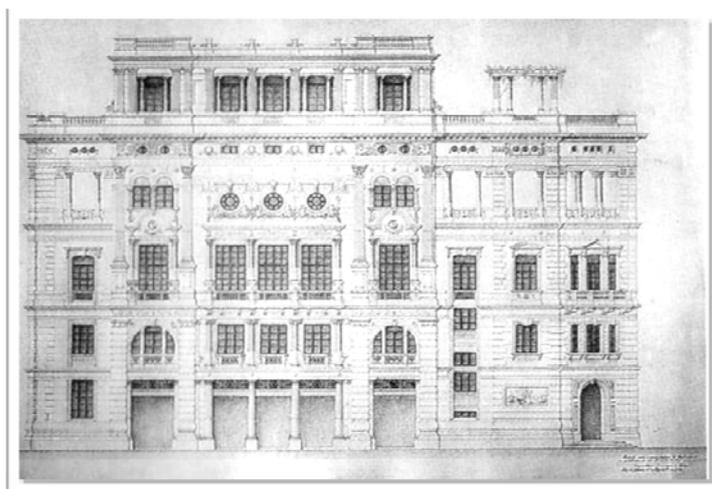


Figura 2. Projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi para o Clube Naval, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1905. Acervo Museu paulista/USP (Coleção Bezzi). Fonte: WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997

Para São Paulo Tommaso projetou em 1886 o primeiro velódromo da cidade de São Paulo que fora construído por Giuseppe Valori em 1892, no local onde hoje se encontra a Rua Nestor Pestana.

Antes de sua chegada ao Brasil, o engenheiro Bezzi havia participado do processo de modernização da Argentina, onde desenvolveu o projeto para um Boulevard entre 1871 e 1873, (Anexo A), projetos para residências, (Anexos B e C), prédios e estabelecimentos para linhas telegráficas na região Platina e em Buenos Aires.

Rumo à Itália, Bezzi passou pelo Brasil e ficou hospedado na residência do Visconde do Rio Branco⁴² onde se encantou pela cidade e estabeleceu fortes

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita. **Arquitetura Italiana em São Paulo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981. p. 40.

⁴² Em maio de 1876, o deputado José Maria da Silva Paranhos Júnior tornou-se cônsul do Brasil em Liverpool, Inglaterra. Após a Proclamação da República, ele assumiu o cargo de superintendente

contatos com a corte brasileira tornando-se amigo de seu filho, José Maria da Silva Paranhos Júnior, mais conhecido como o Barão do Rio Branco, além de íntima aproximação do Imperador D. Pedro II, principalmente após seu casamento com Francisca Nogueira da Gama Carneiro de Bellens, conhecida como Dona Quita, neta do Mordomo do Paço Imperial, com quem teve cinco filhos (Anexos D e E). Seu primeiro trabalho como engenheiro no país foi o Edifício da Alfândega de Fortaleza, a capital da Província do Ceará, tarefa solicitada pelo governo imperial.⁴³ Além dos projetos realizados em Fortaleza e no Rio de Janeiro, Bezzi também realizou o projeto de um hotel e cassino em Cambuquira, Minas Gerais, (fig.3). Muitos dos projetos que realizou especialmente casas na capital federal foram destruídos para dar lugar a “modernos arranha céus”⁴⁴

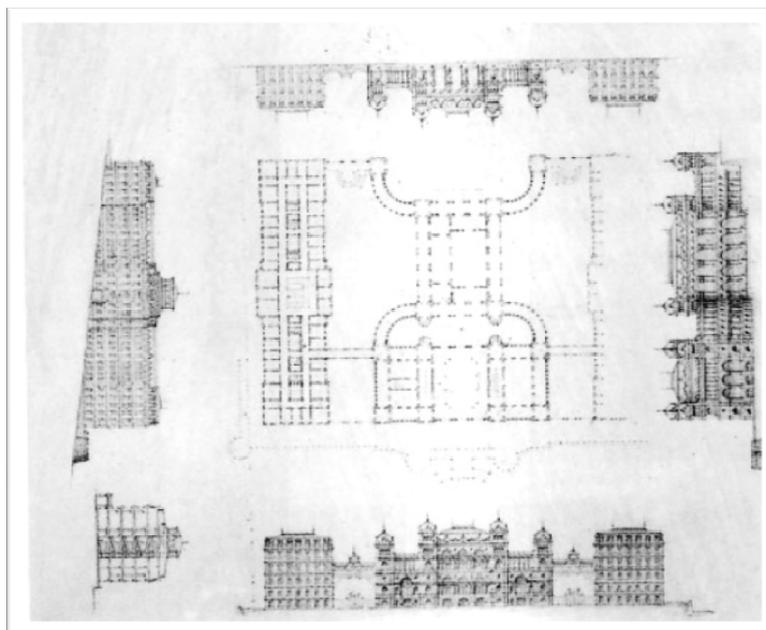


Figura 3. Projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi para hotel e cassino em Cambuquira, Minas Gerais. Grafite sobre papel, 5 abril 1892. Acervo Museu Paulista/USP (Coleção Bezzi).

No currículo de Bezzi, já constava desde 1890 a elaboração e execução do projeto para o Museu do Ypiranga localizado em São Paulo, cuja proposta foi escolhida por

geral do Serviço de Emigração para o Brasil. Durante o período na Europa escreveu várias obras, entre elas livros relativos à História do Brasil e ensaios em jornais nacionais e internacionais. Em 1888, um ano antes da queda do Império, Rio Branco recebeu o título de Barão. Mas, mesmo depois da instituição da República continuou a ser conhecido como Barão do Rio Branco.

⁴³ WITTER, J.S.; BARBUY, H. (org.). **Museu Paulista, um monumento no Ipiranga**: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997.

⁴⁴ DEBENEDETTI, **Arquitetura Italiana em São Paulo**. op. cit. p. 40.

unanimidade fora da competição oficial, pela Comissão Central do Monumento do Ipiranga executora da obra⁴⁵ deixando em segundo plano importantes profissionais, como seu compatriota Bianchi Bertoldi⁴⁶. Um procedimento análogo ao ocorrido na escolha do projeto da equipe do MES - Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio Gustavo Capanema no Rio de Janeiro.⁴⁷

Tommaso Bezzi, juntamente com Luigi Pucci, Giulio Saltini, Giulio Micheli, Bianchi Bertoldi, Bertolotti, Giuseppe Chiappori, Cláudio Rossi, Domiziano Rossi e Giovanni Battista Bianchi contribuíram significativamente para marcar a fase tradicional da arquitetura italiana no Brasil no final do século XIX.⁴⁸

O Museu do Ipiranga, por exemplo, foi um edifício construído como um monumento para celebração de um dos processos mais importantes da nossa história, a Proclamação da Independência do Brasil⁴⁹. “O monumento seria um marco não só político, mas urbanístico, transformando as feições arquitetônicas da Cidade de São Paulo”⁵⁰. O Seu projeto foi inspirado no Palácio de Versalhes como se observa nas figuras 4 e 5.⁵¹

⁴⁵ GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Às margens do Ipiranga: um monumento museu. In: **Às Margens do Ipiranga: 1890-1990**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1990. (Catálogo da exposição do centenário do edifício do Museu Paulista da USP). p. 09.

⁴⁶ VITA mia: arquitetura, paisagem e urbanismo. **ECCO!**, Jundiaí. Disponível em: <http://www.ecco.com.br/vita_mia/oriundi_arquit.asp>. Acesso em 5 dez. 2006.

⁴⁷ BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005. p. 82.

⁴⁸ VITA mia: arquitetura, paisagem e urbanismo. **ECCO!**, loc. cit.

⁴⁹ OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O monumento à Independência: registros de arquitetura. In: **HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL**, 2003, São Paulo. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: [s.n.], 2002-2003. p. 128.

⁵⁰ GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Às margens do Ipiranga: um monumento museu. op. cit. p. 09.

⁵¹ GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Às margens do Ipiranga: um monumento museu. op. cit. p. 19.

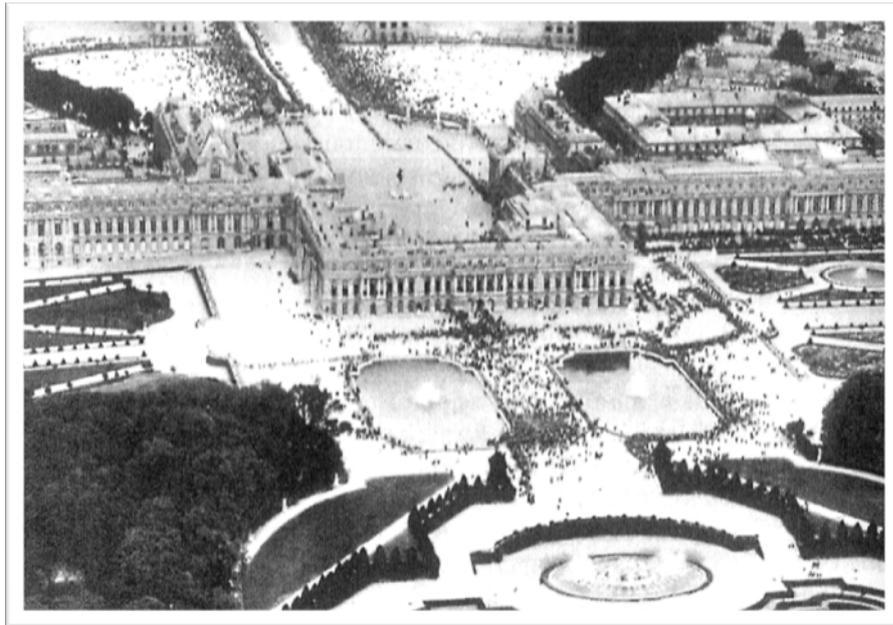


Fig.4. Louis Le Vau e Jules Hardouin-Mansard. Palácio de Versalhes. (1661-1708). Fonte: GIEDION, Sigfried. Espaço Tempo e Arquitetura - O Desenvolvimento de uma Geração. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1º Edição. nov. 2004

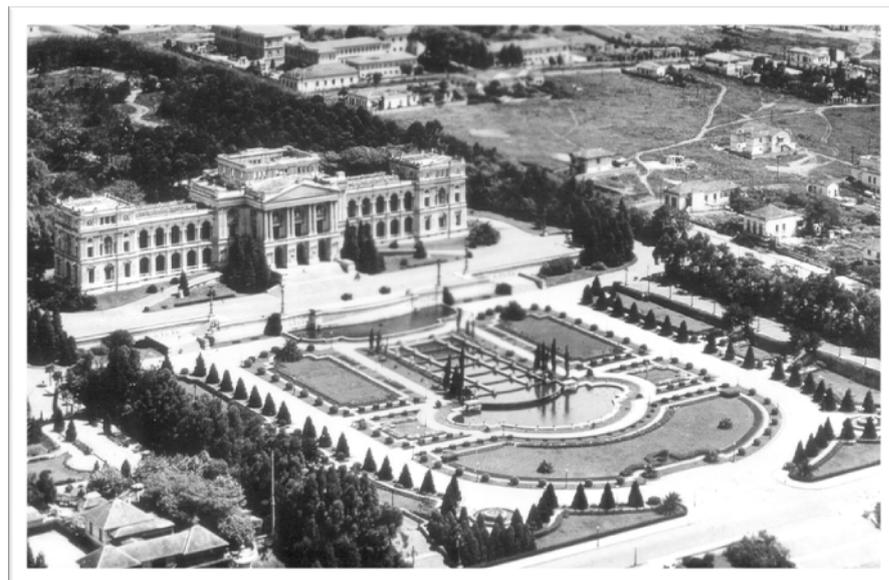


Fig.5. Museu do Ipiranga. São Paulo. Fonte: Às Margens do Ipiranga 1890-1990. Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP. São Paulo. Museu Paulista - USP, 1990. Catálogo de exposição. Apoio Bradesco S/A.

Observação similar foi feita por Giedion também para Versalhes considerando que “os grandes complexos de edifícios para fins sociais, residenciais e administrativos amalgamados e justapostos à natureza”, adquiriam maior importância do que o valor

de realza do conjunto, pelo fato do conjunto resolver desveladamente “a solução para o problema do bem viver.”⁵²

A adoção do estilo renascentista por Bezzi foi especialmente destacada pelas elites religiosa e política que valorizavam, sem medir gastos econômicos, as linhas sinuosas que marcariam seu status no lugar, reverenciando Vinhola e Palladio ao tratar da graciosidade ornamental da obra como se fosse um poema épico, criado para habitar⁵³.

A fim de manter a fidelidade de seu projeto, Bezzi contou com a participação do seu compatriota Luigi Pucci, um minucioso profissional do ofício ao qual encomendou uma maquete em gesso (Anexo F), a fim de que os detalhes arquitetônicos e de ornamentação do edifício, fossem respeitados, conforme artigo publicado por Múcio Teixeira no Jornal o Paiz:

(...) uma artística miniatura do grande poema de pedra que o architecto-poeta está burilando no solo sagrado da independência nacional. Uma lâmpada de reflector projectava seus raios luminosos em cheio sobre o pavilhão central num aposento onde fora cuidadosamente interceptada a luz do dia; o efeito maravilhoso; parecia que o sol dourava as escadarias, as balaustradas, os terraços e as columnatas corynthias. Havia ali a música das linhas, a alma da architectura.⁵⁴

A sistemática personalidade de Bezzi não deixava dúvidas quanto ao rigor do seu trabalho como as publicações na imprensa, após as visitas realizadas em seu atelier para que a sociedade pudesse acompanhar todo o processo de realização do projeto.

(...) O ilustrado engenheiro, póde-se dizer, a custa de paciente e prolongado trabalho, está levantando no papel o grandioso palácio. Basta notar que em taes conjecturas cabe ao engenheiro o encargo de traçar no papel, em tamanho natural, a maior parte das peças de adorno ou trabalho de esculptura. (...)⁵⁵

⁵² GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. 1. ed. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2004. p. 162.

⁵³ OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O monumento à Independência: registros de arquitetura. op. cit. p. 143.

⁵⁴ TEIXEIRA, Mucio. Viagem Imperial. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 01 dez. 1882.

⁵⁵ O Palácio Monumento do Ypiranga. **Diário Popular**, op. cit.

A adoção da escala de 1:1, natural em si, antecipou uma personalidade cujos desenhos não se restringiriam àqueles solicitados pela Comissão de obras do monumento, para o desenvolvimento das obras (Anexo G). Bezzi quantificava, especificava todos os materiais, realizava os cálculos estruturais, além dos minuciosos detalhes de todas as etapas do projeto.⁵⁶ Tamanho foi o refinamento ornamental utilizado por Bezzi, que o museu tornou-se a primeira obra de caráter público do país a ter em seu acabamento tal requinte.⁵⁷

Entretanto, a visita posterior publicada no Correio Paulistano “o imperador dignou-se em não poupar elogios, já pelas notáveis aptidões artísticas reveladas por seu auctor”⁵⁸.

Em um dos artigos no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, o próprio autor do projeto, Tommaso Bezzi descreve algumas das características do edifício, enfatizando a paisagem que criará em seu entorno.

(...) O aspecto geral do edifício é imponente e de grande efeito. É elle todo contornado por uma grande alameda de 30m de largura, tendo em frente uma vasta praça e no centro desta um grande obelisco de granito com ornamentação em bronze. Extensa avenida comunicará o alto do Ypiranga com a cidade de São Paulo.⁵⁹

A inauguração do edifício estava prevista para o dia 7 de setembro de 1889, entretanto os materiais esperados da Europa não chegaram a tempo, postergando esta previsão para 31 de dezembro. Porém, os diversos acontecimentos políticos dias depois foram decisivos para a instauração da Proclamação da República causando mais incertezas sobre a conclusão do edifício. Apesar disso, foram convidados os membros do governo provisório para uma visita às obras, cuja impressão o Diário Popular assim publicava: “a comissão governamental estava feliz

⁵⁶ OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O monumento à Independência: registros de arquitetura. op. cit. p. 127.

⁵⁷ REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre o local do museu do Ipiranga. In: **Às Margens do Ipiranga: 1890-1990**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1990. (Catálogo da exposição do centenário do edifício do Museu Paulista da USP).

⁵⁸ Ibid., p. 136.

⁵⁹ BEZZI, Tommaso Gaudenzio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 26 nov. 1884.

e impressionada com os resultados alcançados até o momento, não faltando discursos, elogios e recíprocas e simpáticas saudações”⁶⁰ (fig. 6).



Fig.6. A construção do museu finalizada. Fonte: WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997.

A sistematização metodológica impressa por Tommaso Bezzi teria certamente sua continuidade assegurada no trabalho de Affonso Eduardo Reidy como explica Massao Kamita sobre sua ansiedade “pela solução exata, pela descrição minuciosa dos elementos”⁶¹. Além dessa característica de familiaridade, Burle Marx, seu dileto paisagista e amigo, aponta outras quando relata que Reidy passou sua vida:

somando grande experiência em tudo àquilo que se relaciona com arquitetura, desde as técnicas construtivas, passando pelo cálculo estrutural, até o menor detalhe da construção de um jardim⁶².

Estas características são compreendidas quando relacionadas com suas origens britânicas, certamente um fator primordial para a formação de sua personalidade,

⁶⁰ OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O monumento à Independência: registros de arquitetura. op. cit. p. 139

⁶¹ KAMITA, João Massao. O Rigor do Método. op. cit. p.75.

⁶² PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Afonso Eduardo Reidy**: catálogo, Rio de Janeiro, 1985. p. 16.

mas, principalmente sua opção em dedicar-se ao estudo da arquitetura num momento em que o país passava por diversas transformações sociais, políticas e culturais. É notável que traços peculiares de sua personalidade, como o alto poder argumentativo e sua postura elegante, que diferente de outros arquitetos nunca se deixou “seduzir pelo sucesso fácil e efêmero”⁶³, eram observações por vezes enfatizados também pela imprensa, (Anexos H e I).

No caldeamento das origens, este carioca, nascido em Paris, de pai inglês e de avô irlandês, filho de uma brasileira de raízes italianas, apresenta-nos o resultado de múltiplas faces de um criador de formas, cada qual mais acentuada, nas suas aplicações, em denunciar o ritmo da função para que foi convocada, pela inteligência, pela imaginação e pela sensibilidade do artista, sob a autocrítica vigilante do urbanista e do analista social. Aquelas origens explicariam muita coisa; a impassibilidade e o sentido britânico de “service”, o perseverante esforço nimbado de um cavalheirismo antigo, e, finalmente, o sentido sempre interveniente.⁶⁴

Certamente os traços e o tecido familiar estão nas origens do ideal social de Reidy, de seu olhar sensível e diferenciado de seus companheiros, que refletia em seu ofício como em seu cotidiano o bem estar humano, pronto por servir o outro em seu modesto feitio, rigoroso e preciso em suas conscientes convicções da necessidade de mudanças da imensa precariedade e fragmentação que a sociedade brasileira se emergia. Esta breve genealogia indica claramente que Reidy, “tanto no sangue como pela educação, concilia influências nórdicas e mediterrâneas”⁶⁵ características que refletem significativamente em sua formação de arquiteto e de sua atuação como funcionário público no desenvolvimento de seus projetos, em vista que diante da atuação profissional de seu pai o inglês Richard George Reidy, e de seu avô o italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, que certamente, somente seu apurado desempenho profissional não seriam suficientes na concretização de seus projetos, que foram poucos em quantidade, mas que tratam de dois momentos importantes da história do país, se não fosse sua estreita ligação com as bases governamentais, história que anos mais tarde se repete com Reidy ao observar que somente através desse tipo de vínculo seria possível, mesmo que lentamente, tentar solucionar os problemas sociais do país.

⁶³ Ibid., p. 09.

⁶⁴ FERRAZ, Geraldo. Affonso Eduardo Reidy. loc. cit.

⁶⁵ TALABOT, Gerald Gassiot. O estilo e a obra de Affonso Eduardo Reidy. op. cit. p.16.

[Capítulo II]

A formação acadêmica

Não chamo de architectura moderna as tentativas motivadas pelo capricho da moda, pela mania da originalidade, mas sim a uma architectura que aproveitando sabiamente o enorme auxílio da technica moderna nos proporcione belleza, solidez, conforto e economia. Enfim que satisfaça plenamente ás actuaes necessidades tanto materiaes quanto espirituaes.⁶⁶

Em 1927, Affonso Eduardo Reidy, então com 17 anos ingressou na Escola Nacional de Bellas Artes (fig. 7), num cenário de grandes turbulências dentro e fora da academia, que contribuíram na formação de seu olhar sobre as novas tendências que se formavam no Brasil e no mundo, mas especialmente no Rio de Janeiro, palco da Revolução de 30 em que promoveu grandes mudanças políticas que deram um novo rumo à sua formação.



Fig. 7. Na primeira fileira de pé da esquerda para a direita, Reidy acompanhado de sua turma da Escola Nacional de Bellas Artes. Possivelmente no dia de sua formatura em 1930. Demais não identificados. Fonte: NPD. Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU-UFRJ.

⁶⁶ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Afonso Eduardo Reidy**: catálogo. 1929. op. cit. p. 16.

Dentre as transformações que ocorreram neste período, a que teve maior relevância na formação tanto acadêmica quanto profissional de Affonso Eduardo Reidy ocorreu em 1929, quando, o então prefeito da Capital Federal, Antônio Prado Junior, convidou o urbanista francês Alfred Agache a elaborar um projeto de urbanização para a cidade do Rio de Janeiro.⁶⁷

Neste momento, o arquiteto tornou-se estagiário do urbanista francês na elaboração do Plano Diretor da Cidade, que pela primeira vez, trouxe ao país a idéia de urbanismo. Além da convivência com Alfred Agache, este período coincidiu com os primeiros contatos de Reidy com as teorias do engenheiro-arquiteto Eugene Stinhof e de Le Corbusier, através de leituras de textos referentes às palestras improvisadas que o arquiteto publicava naquele momento⁶⁸. Posteriormente, em 1933, Reidy também seria influenciado pelo arquiteto Gregory Warchavchik, em um de seus raros projetos para uma residência particular.

Segundo Reidy foi em 1928 com a leitura do livro *Vers une architecture* de Le Corbusier, que obteve o primeiro contato com a arquitetura racionalista: “A leitura deste livro representou para mim a descoberta de um mundo inteiramente novo. Em seguida, veio o estudo da obra do grande arquiteto(...)”.⁶⁹

Por conta desta experiência foi despertado o primeiro diferencial que Reidy teria diante de seus futuros companheiros, que juntos desencadeariam, anos mais tarde, o desenvolvimento e reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira, com a construção do MES.

Não foram encontrados relatos que levassem a compreender o motivo pelo qual Reidy tornou-se estagiário de Agache. Apesar disso, é possível concluir que a admiração do arquiteto por Le Corbusier e por Eugene Stinhof, além é claro, das leituras estimuladas por estas aproximações tenham despertado um olhar mais crítico e seletivo sobre sua forma de pensar diante do ambiente retrógrado que era a academia naquele momento. A construção paulatina deste novo olhar, certamente deve ter despertado a atenção daqueles que o rodeavam fazendo com que Reidy

⁶⁷ UZEDA, Helena Cunha de. **Ensino acadêmico e modernidade**: o curso de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002. p.341.

⁶⁸ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. São Paulo: ed. Nobel, 1987. op. cit. p. 200.

⁶⁹ REIDY, Affonso Eduardo, 1933 apud BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardí, 1999.

fosse, por isso, facilmente indicado para estagiar com Alfred Agache. Este novo olhar certamente não se limitava ao campo da arquitetura, pois tanto a formação de Stinhof como de Corbusier envolvia também amplo contexto artístico e cultural que se disseminava no estrangeiro.

A epígrafe deste pronunciada pelo arquiteto em 1929 quando o mesmo ainda era estudante de arquitetura, atesta a maturidade de seu discurso diante do papel da arquitetura na sociedade, visão certamente influenciada por Le Corbusier, Agache e por Steinhof, uma vez que o ensino na academia ainda seguia os moldes do estilo neoclássico. O urbanista francês Agache, recém chegado ao país e repleto de idéias inovadoras, não poderia contar com alguém que defendesse a aplicação da arquitetura neocolonial e que fosse fechado para novos ideais, o perfil da maioria dos arquitetos naquele momento, quer fossem eles docentes ou discentes da academia, conforme relata o próprio arquiteto:

(...)aqueles que por temperamento ou por feitio intelectual desejassem conhecer as razões de ser do que se estudava, isto é, teoria da arquitetura, tinham que apelar para outras fontes, que não a escola. Foi o que sucedeu comigo. Através dos livros, das revistas, e da razão a qual submetia judiciosamente tudo quanto via, lia, ouvia, fui construindo o edifício da minha doutrina. Nesta fase da construção, tive o concurso inesperado e oportuno da presença de Eugene Stinhof e do notável Le Corbusier. Senti que se firmava uma convicção e simultaneamente crescia a minha revolta ante a orientação falsa que era estimulada na escola⁷⁰

O austríaco Eugene Stinhof,⁷¹ (anexo J) arquiteto e engenheiro estrutural pouco citados na história da arquitetura moderna lecionou na Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre (1947-1951) e na Universidade de Oregon nos Estados Unidos. Seu ofício, que muito se parecia com o de Le Corbusier misturava arte e arquitetura. Stinhof era escultor (anexo K), pintor, engenheiro estrutural além de figurinista, (anexo L). Em detrimento da arquitetura tradicional, Stinhof defendia a

⁷⁰ REIDY, Affonso Eduardo, 1933 apud BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

⁷¹ Eugene Stinhof nasceu em Vienna, em 5 Out. 1880 e faleceu em 10 de julho 1952, em Los Angeles. Foi aluno de Otto Wagner, Josef Hoffmann, Henri Matisse e Adolf von Hildebrand. Tinha contatos, entre outros, com: Arnold Schoenberg (seu colega), amigo de André Luçart, Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe, Maurice Ravel, Manuel del Falla, Frank Lloyd Wright, Albert Einstein, Henry Van de Velde, Erich Mendelsohn. Era membro honorário do Instituto de Arquitetos do Brasil; Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Uruguai e "Chevalier de la Légion d'Honneur da França". Autor de vários artigos de revistas especializadas e obras inéditas, tais como: "Arquitetura", "A Educação do Arquiteto" e "Artes Industriais".

liberdade de criação e contribuiu para a inserção da arquitetura funcional na América do Sul. Assim como Le Corbusier, Stinhof proferiu em 1929 uma série de Conferências na América do Sul, especificamente em Montevideu, Buenos Aires, Córdoba, São Paulo e Rio de Janeiro.⁷²

Em 1929 Le Corbusier⁷³ realizou sua primeira viagem à América do Sul, passou por Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e por fim Rio de Janeiro. Apesar de não terem sido encontrados relatos, a proximidade das datas e locais visitados por Le Corbusier e por Stinhof, nos sugere que estas visitas aos países da América Latina tenham sido realizadas em parceria. Sua vinda à capital federal do Brasil resumia-se na apresentação de duas palestras sobre urbanismo, porém, em deferência a Alfred Agache, que neste momento já estava realizando o projeto do Plano Diretor da cidade e Le Corbusier como de nenhuma forma pretendia atrapalhar o trabalho do urbanista, foi convencido a realizar as duas conferencias na capital federal brasileira⁷⁴.

A partir daí, Le Corbusier descobria o Rio de Janeiro e Reidy o urbanismo através dos ensinamentos do mestre franco-suíço e de Alfred Agache. Este processo de criação desenvolvido por ambos os arquitetos, seria mais tarde motivo de admiração mútua. O plano urbanístico do Rio de Janeiro, (fig. 8) foi esboçado por Le Corbusier num vô sobre a cidade surgiu então, um dos primeiros projetos de alojamento para as classes populares do século XX, uma alternativa que deveria substituir as crescentes favelas na cidade.⁷⁵

⁷² AZEVEDO e SOUZA, Roberto de. **Research upon Architect Eugen Gustav Steinhof**. Disponível em: <http://users.cjb.net/rasouza/steinhof1.htm>. Acesso em 20 set. 2008, 17:55:13

⁷³ Nesta primeira visita, Le Corbusier foi extremamente assediado pela imprensa, em vista que, além da admiração por suas teorias, o fato de ser de origem francesa, aguçava uma grande parcela da classe burguesa da época influenciada pela cultura francesa, tanto é que o tinham como segunda língua. O próprio Reidy, assim como vários de seus colegas de turma eram de nacionalidade francesa.

⁷⁴ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. op. cit. p. 26.

⁷⁵ Ibid., p. 34.



Fig. 8. Plano urbanístico da cidade do Rio de Janeiro, executado por Le Corbusier em 1929. Fonte: HARRIS, Elizabeth D. Le Corbusier: Riscos brasileiros. Ed. Nobel. São Paulo. 1987

Apesar de influenciado por estes grandes nomes da arquitetura e do urbanismo, em 1930, Reidy foi contemplado com medalha de ouro no Concurso de Grau Máximo com uma proposta acadêmica imposta pela própria academia, já que corria o risco de não receber o diploma caso desobedecesse as regras acadêmicas. (fig. 9).⁷⁶

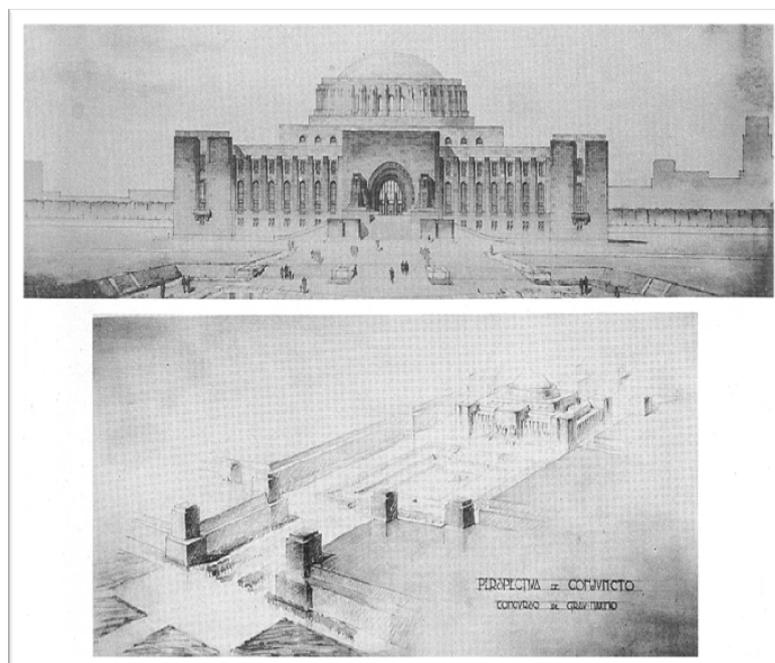


Fig. 9. Afonso Eduardo Reidy. Palácio de Convenções Rotarianas, Concurso de Grau Máximo. 1930. Fonte: NPD- Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ.

⁷⁶ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Afonso Eduardo Reidy: catálogo. op. cit. p. 26.

A tentativa do recém eleito diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Lucio Costa, em introduzir mudanças radicais no ensino da retrógrada escola atingiu também a organização dos tradicionais salões de arte realizados pela mesma. Lucio organizou o salão de 31, eliminando a presença de um júri e de critérios que impedissem a presença das diversas tendências artísticas. O Salão contou com a participação de vários estudantes de arquitetura, inclusive Affonso Eduardo Reidy. Segundo Lucia Gouveia, autora do livro Salão de 31, a exposição teve um significado não só artístico, mas de ruptura principalmente institucional, criando espaço para novas manifestações.

O Salão de 31 mais do que uma simples consequência da Semana de 22 é não apenas o contexto político-cultural no qual ele ocorre, mas também o significado que assume diante da formação artística brasileira o estatuto da Escola de Belas-artes, palco dos acontecimentos. O que ocorreu em 31 foi uma ruptura institucional mais do que artística [...] mais do que um evento artístico de destaque, assumiu um significado político-cultural revelador da arte moderna em nível nacional. Se a Semana de 22 realizou o trabalho de choque, o Salão de 31 sedimentou e irradiou o novo.⁷⁷

Ainda durante a organização do Salão, Lucio Costa foi demitido do cargo por aqueles que não concordavam com a série de reformas realizadas que vinha realizando o jovem diretor.⁷⁸

Entretanto, antes de sua saída, Lucio Costa contrata novos professores e convida Affonso Eduardo Reidy, que já naquele momento se enquadrava no perfil inovador que pretendia instaurar na Escola Nacional de Bellas Artes, para se tornar assistente de Gregory Warchavchik,⁷⁹ na cadeira de Composição de Arquitetura, que posteriormente se torna titular da disciplina sucedendo Warchavchik até 1933, conforme publicado no jornal Correio da Manhã:

O sr. Lúcio Costa, quando dirigia a Escola Nacional de Bellas Artes, contratou alguns profissionais reconhecidamente técnicos para regerem várias cátedras do curso de arquitectura. Assim os architectos

⁷⁷ VIEIRA, Lucia Gouvêa. **Salão de 31**: marco da revelação da arte moderna em nível nacional. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984. p. 29.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Gregory Warchavchik foi responsável pela primeira residência moderna no país. A primeira foi erguida em 1928 em São Paulo. Impressionado pela construção moderna, Le Corbusier sugeriu que Warchavchik fosse representante brasileiro nas conferências do CIAM.

Warchavchick, Buddeus e Reidy, foram chamados, entre outros, para assegurarem o êxito da reorganização empreendida no ensino da antiga e bolorenta Escola. Dahi partiu a guerra surda contra o architecto Lucio Costa, dando causa á greve dos alumnos, que se manteve durante quatro mezes e que chegou a grangear os applausos de Frank Lloyd Wright⁸⁰.

Em 1931, Reidy em parceria com seu colega de turma na Escola Nacional de Belas Artes, o arquiteto Gerson Pompeu Pinheiro⁸¹, (fig.10) obtém o primeiro lugar do concurso, (fig. 11), para a construção do Albergue da Boa Vontade. Em entrevista publicada no Jornal Correio da Manhã em 1951, Lucio Costa aponta o Albergue da Boa Vontade, ao lado da Casa Nordschild, de Warchavchik construída no Rio de Janeiro, também em 1931, como primordiais para o início da renovação da arquitetura moderna brasileira. Este foi o primeiro projeto com perfil social realizado por Reidy, que assim como alguns dos outros participantes adotou soluções técnicas e arquitetônicas, como a boa circulação das pessoas e a ventilação⁸².

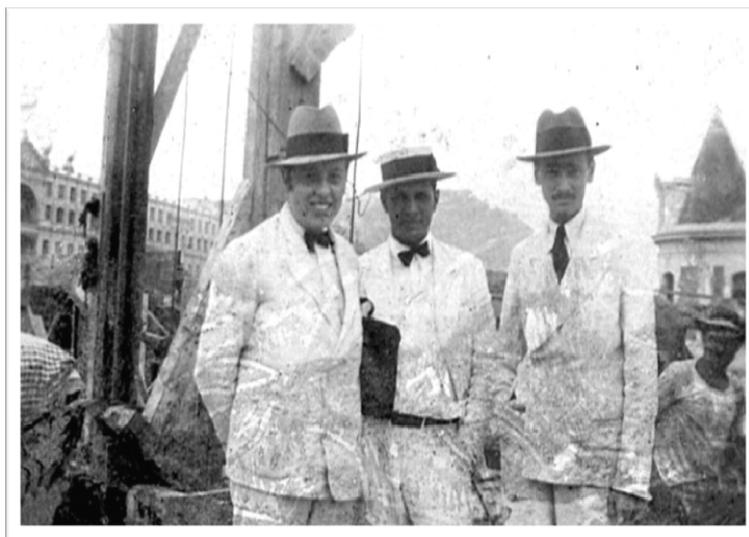


Fig. 10. Gerson Pompeu Pinheiro, à esquerda e Reidy à direita, em visita as obras do Albergue. Fonte: NPD- Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ.

⁸⁰ Na Escola de Bellas Artes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 jun. 1932.

⁸¹ O arquiteto Gerson Pompeu Pinheiro entrou em 1926 para o Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes tendo se formado em 1930, com o Grau Máximo, e premiado com a Grande Medalha de Ouro. Recebeu ainda menção honrosa na Exposição do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura. Foi vencedor do terceiro prêmio do concurso para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública.

⁸² O concurso de ante-projectos para a construcção de um albergue noturno. A decisão do jury e a palavra do presidente do Instituto Central dos Architectos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 abr.1931.



Fig. 11. Divulgação do projeto de Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro como os ganhadores do concurso para o Albergue da Boa Vontade. Revista da Semana. Fonte: NPD- Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ

O Albergue tinha a função de ser um espaço provisório com o intuito de acolher moradores de rua. Havia uma área destinada ao serviço de recepção onde era feita uma ficha de cadastro, para então o cidadão ser encaminhado à consulta médica e posteriormente aos tratamentos necessários como banho, e desinfecção das roupas. Continha ainda uma cantina, (que era conservada e vigiada pelas irmãs Mercedárias de Caridade) e dormitório dividido em duas partes, onde na primeira, ficavam abrigadas crianças e mulheres e na segunda apenas os homens. Por se tratar de um espaço de circulação constante de pessoas, muitas vezes com doenças infecto-contagiosas foi observada pelos arquitetos a necessidade de ventilação e entrada de raios solares, assim como um sistema de luz que era acionado para uma luz forte e intensa quando percebido alguma anormalidade, que depois de resolvida era revertida para luz reduzida. Foram fatores como estes, considerados modernos para a época que contribuíram para a escolha final do projeto⁸³.

Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro resolveram com muita felicidade o lado social do problema, adotando uma planta onde a entrada é franca para um pátio central coberto em grande parte pelas construções

⁸³ O que vai ser o Albergue da Boa-Vontade: Uma visita feita hoje pela manhã ao moderno prédio da Praça da harmonia. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1932.

do segundo pavimento, onde o albergado aguarda discretamente, fora do olhar do público, o momento de ser controlado para subir aos dormitórios. Foi esta interessante solução um dos motivos poderosos para a sua classificação, além de terem os premiados resolvido as dependências internas com muita lógica.⁸⁴

O projeto foi considerado pela crítica extremamente moderno, já que a idéia de se construir adaptando a obra às questões climáticas e com economia era inovadora principalmente tendo como finalidade o bem estar social da parcela miserável da população rejeitada.

(...) Esse projecto dos artistas patricios, conforme se pode facilmente notar nas disposições do interior fixado no “clichê” acima, obedece, rigorosamente, ás modernas tendências da architectura nacional, que esta evoluindo para um sentido de intima communhão das condições do clima com a vida do homem moderno. Essa architectura, que já se denomina tropical, possui a dupla finalidade social e econômica, revelando-se por isso uma architectura racional. Trata-se, portanto, de uma das primeiras realizações vasadas nessa arte, que está agora sendo difundida em nossos meios culturaes (...)⁸⁵.

A construção (fig. 12) do projeto foi iniciada em 1931 e finalizada no ano seguinte. Localizado na Praça da Harmonia, no bairro da Saúde, o prédio pertence até os dias de hoje ao governo do estado, atualmente ele abriga o CPRJ- Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Sua estrutura sofreu uma série de modificações para se adaptar ao novo uso. As modificações foram realizadas principalmente por problemas térmicos, já que atualmente o uso do espaço se faz ao longo do dia, diferente da proposta original, causando desconforto térmico por seus usuários.⁸⁶

⁸⁴ O concurso de ante-projectos para a construção de um albergue noturno. A decisão do jury e a palavra do presidente do Instituto Central dos Architectos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931.

⁸⁵ Intenso movimento a favor da architectura tropical “Albergue noturno da Boa Vontade” é uma das primeiras realizações vasadas nessa Arte- Um grande certamen promovido pela Associação dos Artistas Brasileiros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1933.

⁸⁶ O Albergue da Boa Vontade. **Affonso Eduardo Reidy**: Escola de Arquitetura da UFF. Niterói, [200-?]. Disponível em: <http://br.geocities.com/reidy_web/albergue.html>. Acesso em 28 jun. 2008.

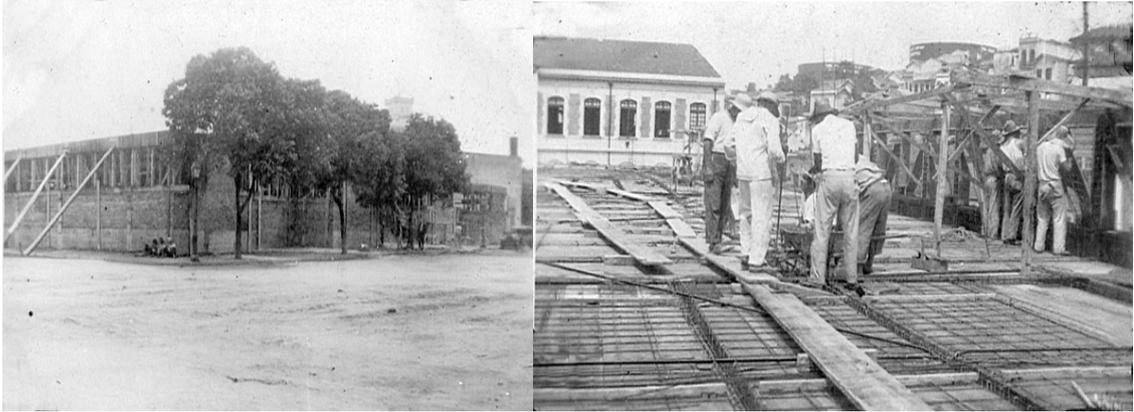


Fig. 12. Construção do Albergue da Boa Vontade. Fonte: NPD- Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ.

O que mais chamou a atenção neste projeto foi a quantidade de setores da política que foi mobilizado para a realização de tal obra, tornando-se um marco para a época, pelo respeito que fora dedicado ao morador de rua, com todo um aparato arquitetônico e administrativo.

No mesmo ano da inauguração do Albergue da Boa Vontade, Reidy que até então se mantinha como titular da cadeira de Composição de Arquitetura deixou o cargo e foi nomeado como funcionário público pela Prefeitura do Distrito Federal. Neste momento, ainda eram intensas as manifestações na Escola Nacional de Belas Artes acerca da manutenção do ensino acadêmico e retrógrado. Conforme aponta artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*.

(...) Ora, é o que se vê com o afastamento do architecto Affonso Eduardo Reidy, da cadeira de Composição de Architectura, que vinha regendo em substituição ao architecto Warchavchick.

O êxito do concurso final, há pouco realizado, pela turma do professor Reidy, orientada no espírito da architectura moderna., constitue prova da medida injustificável que acaba de tomar a direção da Escola, que, procura retornar o ensino de architectura ao tempo em que o projecto das nuvens merecia mais atenção do que o próprio edificio⁸⁷.

Certamente a saída de Reidy da academia foi impulsionada pelas constantes tentativas da mesma em limitar a propagação de um novo ensino voltado para as teorias modernas. A opção pelo serviço público certamente foi instigado por sua experiência no setor de urbanização quando foi estagiário do urbanista Alfred Agache na prefeitura, assim como o aprendizado das teorias de Le Corbusier,

⁸⁷ Na Escola de Bellas Artes. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 5 jun. 1932.

principalmente no fato do mesmo ter realizado em sua primeira visita ao Rio de Janeiro uma alternativa que deveria substituir as crescentes favelas, na tentativa de solucionar um problema social. Causa esta que Reidy abraçou pondo em prática na oportunidade disponível como foi o caso da construção do Albergue da Boa Vontade. Certamente a opção pelo serviço público seria o melhor caminho mesmo que fosse a longo prazo devido as dificuldades financeiras e a falta de vontade política, como ocorreria anos mais tarde com a construção do Conjunto residencial Pedregulho, para que Reidy pudesse aplicar os ideais sociais aprendidos até aquele momento.

Reidy Iniciou uma nova fase em sua carreira como arquiteto- chefe da Prefeitura do Distrito Federal ao lado de Carmen Portinho, que na ocasião também trabalhava na Prefeitura, na Diretoria de Obras e Viações.⁸⁸

⁸⁸ ANDRADE, Geraldo Edson de. **Por toda a minha vida**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 39.

[Capítulo III]

A influência de Carmen Portinho

“(...) É ela quem estimula e dá uma dose extraordinária de gás ao Reidy, para que ele ponha todo o seu talento, sua intuição e sua vida sobre a organização social, da modernização e da arquitetura (...)”⁸⁹

A plenitude profissional atingida por Affonso Eduardo Reidy no transcorrer da carreira de arquiteto associa-se a imensurável ligação com a marcante personalidade da engenheira e urbanista Carmen Portinho, como se refere Alfredo Brito sobre sua influência nos projetos realizados pelo arquiteto, ou naqueles muitas vezes em mútua parceria do próprio casal.⁹⁰

Carmen foi precursora em importantes projetos que favoreceram o desenvolvimento social e político do país principalmente no início da década de 30.⁹¹

Atuante no desenvolvimento da antiga capital federal exerceu diversas atividades como, engenheira civil, feminista, jornalista, diretora de museu, urbanista, animadora cultural e crítica de arte. Foi esse conjunto de conhecimentos, muitos deles de vanguarda, que favoreceu Carmen, a contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, do desenho industrial e, sobretudo, do grande progresso conquistado pela inserção da mulher na sociedade nos últimos anos.⁹²

Apesar da pluralidade de atuações e conhecimentos, foi no ofício de engenheira que influenciou toda uma geração de arquitetos. Realizou de forma efetiva, duas importantes obras de grande valor social e artístico de renome nacional e internacional; o Conjunto Prefeito Mendes de Moraes, mais conhecido como Pedregulho, idealizado por ela após uma viagem à Europa no período do pós-guerra para a reconstrução das cidades destruídas, e o MAM (fig. 13) o qual construiu e

⁸⁹ BRITO, Alfredo, et al. O sonho utópico: Reidy e os modernos. In: FREIRE, Américo (org.); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**: depoimentos ao CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. p. 13-58.

⁹⁰ Ibid., p. 17.

⁹¹ COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. loc. cit.

⁹² Ibid., p.48.

posteriormente contribuiu no decorrer de quase 20 anos, participando como membro de sua diretoria.⁹³



Fig. 13. MAM ao fundo durante a fase de construção do Aterro do Flamengo. Fonte: <http://picasaweb.google.com/agpbia/RioDeJaneiroNoTempoDaVov/photo#5113129356235730450>

Antes mesmo dos rebuliços ocorridos com as transformações do ensino de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, que despontou com a breve direção de Lucio Costa em 1931, Carmen já mantinha estreita ligação com a arquitetura moderna, através das primeiras publicações em francês, de Le Corbusier, o que lhe permitiu posteriormente desenvolver projetos que prevalecessem o bem estar social.⁹⁴

⁹³ PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. loc. cit.

⁹⁴ Ibid., p.116.

Além de seu interesse pela arte e arquitetura despertada por Le Corbusier, Carmen então com 19 anos, já lutava pela conquista do direito político e social feminino, transpondo barreiras que impediam a atuação da mulher na sociedade, em meio à grande agitação que rendeu ao país, durante o governo Vargas, o direito ao voto à mulher brasileira (fig. 14).⁹⁵



Fig. 14. Ao centro está Carmen Portinho em uma de suas várias aparições na imprensa como líder feminista. Fonte: Jornal A Noite, novembro de 1931.

A imprensa foi sua principal aliada nas reivindicações, constantemente estampadas nas páginas dos principais jornais da capital. Aparições estas, fruto de quebras de paradigma na sociedade, conforme relata a mesma:

O Jornal do Brasil foi o primeiro órgão da imprensa carioca a nos apoiar e a divulgar nossas notas. (...) Tinha como secretário um jornalista fabuloso (...) chamado Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que simpatizava com o feminismo que propagávamos. (...) Outro jornal que nos apoiava bastante, O Paiz, curiosamente era ligado ao governo. Assim, com a imprensa ao nosso lado, divulgando tudo o que realizávamos, ficamos bastante conhecidas do público, mormente de mulheres, nosso principal alvo. Na época não havia melhor veículo de divulgação do que os jornais (...).⁹⁶

⁹⁵ COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. op. cit. p. 51.

⁹⁶ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. loc. cit. p. 28.

Suas conquistas permearam uma ascendente formação profissional iniciada antes mesmo de finalizar o curso preparatório com sua aprovação na Escola de Belas Artes, como explica Carmen:

Naquele tempo, se você tivesse aprovação em oito exames preparatórios, poderia se matricular e fazer o curso. Então enquanto ainda completava os preparatórios, eu já estava cursando a Belas Artes, quando terminei todos os exames, fui com uma professora à engenharia para saber se podia fazer o curso. Lá descobri o que eu queria: uma carreira que me permitiria a independência econômica, coisa que a Escola de Belas Artes não me daria logo.⁹⁷

Como engenheira geógrafa, diploma-se em 1924, e como engenheira civil em 1926, pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda no período de estudante, já causava espanto por suas atitudes libertárias. Foi a única mulher numa turma de 45 homens a colar grau como engenheira a 30 de abril de 1926, e a primeira mulher a fazer parte do corpo docente do Colégio Pedro II, ofício antes restrito aos homens. Esse pioneirismo com as restrições da época não foram suficientes para intimidá-la, pois determinadamente levou a diante seus propósitos. Como comprova matéria publicada no jornal O Paiz:

Apesar de sua mocidade, possui invejáveis conhecimentos técnicos que lhe permitem arcar com as responsabilidades das suas funções e a prestar serviços excelentes. (...) Enfim, equivale a um eloqüente atestado de valor intelectual e profissional da mulher brasileira, e a segurança com que vai fazendo carreira pelo seu esforço e competência a jovem e distinta engenheira Carmen Portinho, figura de destaque da geração feminina moderna, líder conhecida do movimento universitário feminino que visa difundir a cultura técnica entre as mulheres brasileiras.⁹⁸

Atrela-se ao movimento feminista após o convite de Bertha Lutz⁹⁹, botânica respeitada nacional e internacionalmente, para criar a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, fundada no dia 09 de agosto de 1922, no Rio de Janeiro, dividindo paralelamente seu tempo com os estudos de engenharia.¹⁰⁰

⁹⁷ COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. op. cit. p. 49.

⁹⁸ Mulheres Engenheiras. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1929.

⁹⁹ Bertha fez os estudos superiores em Paris, durante a Primeira Guerra Mundial, quando viveu com a mãe, Amy Fowler Lutz, e o irmão, Gualter Adolpho na capital francesa. Tornou-se conhecida, sobretudo, como pioneira do feminismo. Lutou pelo voto feminino no Brasil, e ajudou a fundar entidades como a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (1919), a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (1922) e a União Universitária Feminina (1929) ao lado de Carmen Portinho.

¹⁰⁰ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 43.

Dentre as reivindicações conquistadas em prol dos direitos de cidadania feminina, uma delas chama mais atenção; o direito da mulher em optar pela mudança de seu sobrenome ao se casar, atitude adotada pela própria Carmen como relatou:

(...) Eu mesma não adotei o do meu marido. Achávamos essa atitude uma demonstração de independência e resistência.

(...) Como outras, me fiz profissionalmente com o nome com que nasci. Muitas companheiras intelectualmente brilhantes agregam o sobrenome do marido ao seu, e quando se tornam conhecidas, ninguém sabe se é por competência própria ou por causa do consorte.¹⁰¹

Esta posição conferiu a Carmen Portinho sua posição intelectual, mas também o “esquecimento” do seu breve casamento com Gualter Adolpho Lutz¹⁰², (fig.15), irmão caçula de Bertha Lutz, iniciado na década de 1930 quando ele desfrutava do prêmio de viagem recebido na escola de medicina na Europa.¹⁰³

O mesmo sigilo foi mantido no período em que a própria imprensa a considerava a “companheira” de Reidy, ao referir-se a atuação profissional conjunta do casal.¹⁰⁴



Fig. 15. Fotografia de Gualter Adolpho Lutz, tirada, provavelmente, pouco tempo depois da morte de Adolpho Lutz, quando Gualter exercia a cátedra de Medicina legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/heranca/bertha.htm>

¹⁰¹ Ibid., p. 59.

¹⁰² Gualter Adolpho Lutz foi o segundo filho de Adolfo Lutz, nascido em São Paulo, a 3 de maio de 1903

¹⁰³ ORTIGÃO JUNIOR, José de Barros Ramalho. Recordações da infância: as primeiras letras com a família Lutz. **História, Ciências, Saude - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000100018&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2007.

¹⁰⁴ Ibid., p. 424.

Com isso, o casal comportava-se socialmente de maneira comedida principalmente no trabalho. Habitaram-se inclusive a finalizar o dia de trabalho no Departamento de Habitação Popular - DHP separadamente. Carmen era a primeira a deixar sua chefia no DHP, mais tarde saía Reidy poupando-os de comentários maledicentes da sociedade conservadora da época.¹⁰⁵ Nas poucas fotos em que o casal aparece, não há um só registro em que estejam juntos. (figs. 16 e 17).



Fig 16. Da direita para a esquerda: Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carmen Portinho e Roberto Burle Marx. Possivelmente 1956. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.



Fig. 17. Da direita para a esquerda Carmen Portinho sentada. Reidy o segundo de pé da esquerda para a direita. Reunião no Automóvel Clube. Possivelmente 1935. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

¹⁰⁵ KONDER, Marcos. Período de formação. **Vitruvius**: entrevista, São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/konder/konder_3.asp>. Acesso em: 25 mai. 2007.

Carmen representou um papel fundamental na transformação e divulgação da arquitetura moderna brasileira como engenheira da prefeitura do Distrito Federal em 1932, sugerindo ao Secretário de obras da Prefeitura, Delso Mendes da Fonseca, a publicação de um periódico que não fosse restrito aos feitos da prefeitura, mas que abrangesse a atuação de engenheiros e arquitetos de todo o país. Desta sugestão nasceu a Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, posteriormente chamada de PDF, (fig.18)a primeira e única publicação regular da época a divulgar a nova arquitetura brasileira que começava a despontar. Em suas primeiras edições publicou artigos de Lucio Costa, Reidy, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer, antecipando em suas páginas a magnitude daquele grupo que viria revolucionar a arquitetura moderna brasileira.¹⁰⁶

Nesse particular me sinto gratificada de ter-lhes proporcionado a divulgação de suas idéias inovadoras. Historicamente é um importante ponto de referência para todos os estudiosos.¹⁰⁷

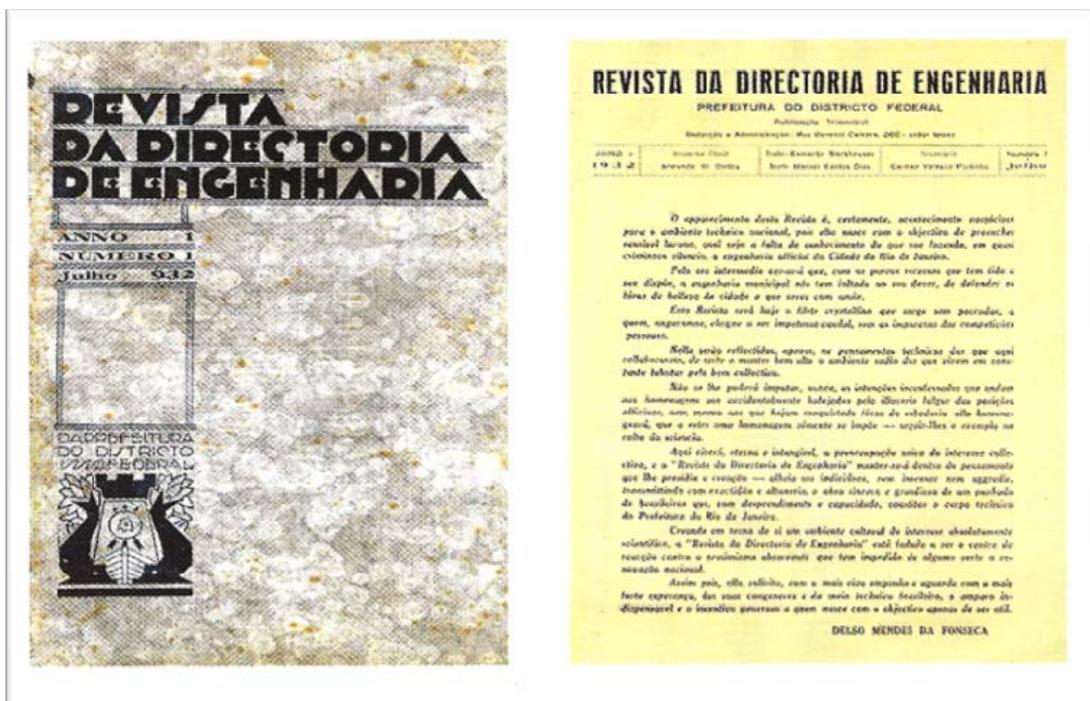


Fig. 18. Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, 1932. Fonte: Biblioteca de Engenharia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

¹⁰⁶ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 39.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 77.

Este depoimento da própria Carmen reitera nosso propósito de ressaltar sua marcante influência no próprio percurso de Afonso Eduardo Reidy.

A parceria do casal inicia-se em 1933 com o projeto para a Escola primária Coelho Neto, (fig.19) no bairro carioca Ricardo de Albuquerque.

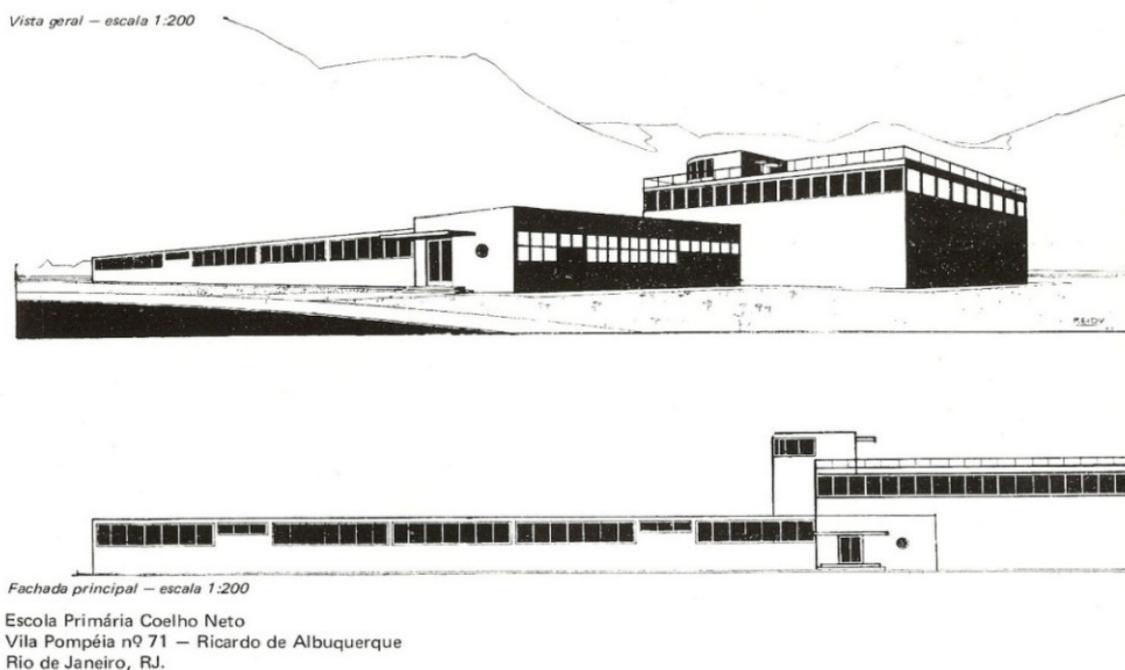


Fig. 19. Escola Primária Coelho Neto, 1933. Fonte: Catálogo de Exposição. Solar Grandjean de Montigny. 1985.

Esta escola concebida de “maneira inovadora”, segundo depoimento de Carmen Portinho seguia um programa cuja construção se desenvolveria em etapas, de acordo com o surgimento de prioridades até que atingisse a sua capacidade máxima de ampliação em até quatro vezes a do projeto inicial¹⁰⁸. Este programa de construção em etapas se aproxima dos princípios utilizados anos mais tarde no conjunto do Pedregulho, quando Reidy mais discreto e menos autoritário que seu mestre Le Corbusier no desejo de evolução da sociedade, demonstra seu caráter essencialmente prático ao preferir, “invés de especulações grandiosas um tanto utópicas, um resultado relativamente limitado imediato”, demonstrado ao determinar a ordem de execução dos edifícios. O arquiteto deixou por último a construção dos blocos residenciais e priorizou a construção dos serviços comuns como o

¹⁰⁸ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Afonso Eduardo Reidy: catálogo.op. cit.

dispensário, centro comercial, escola, ginásio e a piscina, movido pela incerteza da estabilidade dos recursos financeiros do governo durante os trabalhos, além da possibilidade da classe política considerar estes serviços supérfluos, como demonstra a (fig.20).¹⁰⁹



Fig. 20. Fachada da escola concluída e ao fundo o edifício residencial em construção. Fonte, Arquivo geral da Cidade, Rio de Janeiro, nov. 1951.

A Escola de Coelho Neto representa não somente a o primeiro projeto construído em conjunto pelo casal, mas, evidencia que Reidy se influenciava não apenas pelas teorias de Le Corbusier, mas também pela arquitetura de Gregory Warchavchik.

A saída de Gregory Warchavchik como professor da ENBA, não representou para Reidy, que na ocasião era seu assistente, um total distanciamento. Nos dois anos em que ministrou a Cadeira de Pequenas Composições, substituindo Warchavchik, Reidy realizou com seus alunos uma série de estudos sobre uma escola no subúrbio¹¹⁰. Estes estudos possivelmente foram a continuação de um projeto iniciado por Warchavchik e concluído por seu sucessor. A escola projetada no bairro de Coelho Neto seu primeiro projeto construído como funcionário público da

¹⁰⁹ BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. op. cit. p. 225.

¹¹⁰ “Projecto para uma escola mixta de subúrbio” Ainda os exames na Escola de Bellas Artes: Dois “croquis” de escolas, desenhados pelos autores dos projectos, para a “Pagina de Educação”. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 mai. 1932.

Prefeitura em 1934, evidencia esta influencia principalmente através dos jogos de volumes usados nos projetos residenciais executados por Warchavchik.

Apesar de Reidy atuar como funcionário público na prefeitura da cidade, o que o restringia a assumir a responsabilidade por projetos particulares, ele projetou e construiu algumas residências particulares em co-autoria com seu amigo Gerson Pompeu Pinheiro, ambos assinando como arquitetos responsáveis. Uma das residências foi construída em Ipanema no Rio de Janeiro cuja data correta do projeto e da construção é desconhecida apesar de ter constado de uma publicação de 1933 e demolida nos anos 90, fig. 21.¹¹¹ A outra residência foi projetada em 1935 e construída em 1936, ano em que foi realizado o concurso para o Ministério da Educação e Saúde, também no Rio de Janeiro na Urca, ainda existente embora bastante descaracterizada (fig. 22).

A influencia de Warchavchik nestas residências e na Escola de Coelho Neto é significativamente notada ao se analisar o movimento dos planos e dos volumes, dos cheios e dos vazios, avançados ou recuados, no mesmo dinamismo também utilizado em algumas das residências construídas por Warchavchik, como a casa da Rua Melo Alves (fig. 23) construídas em São Paulo e a Casa Nordschild (figs. 24 e 25) construída em Copacabana, no Rio de Janeiro.



Fig. 21. Residência em Ipanema. Foto publicada em 1933. Autoria de Affonso Eduardo Reidy. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

¹¹¹ BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999. Op. cit, p. 43.

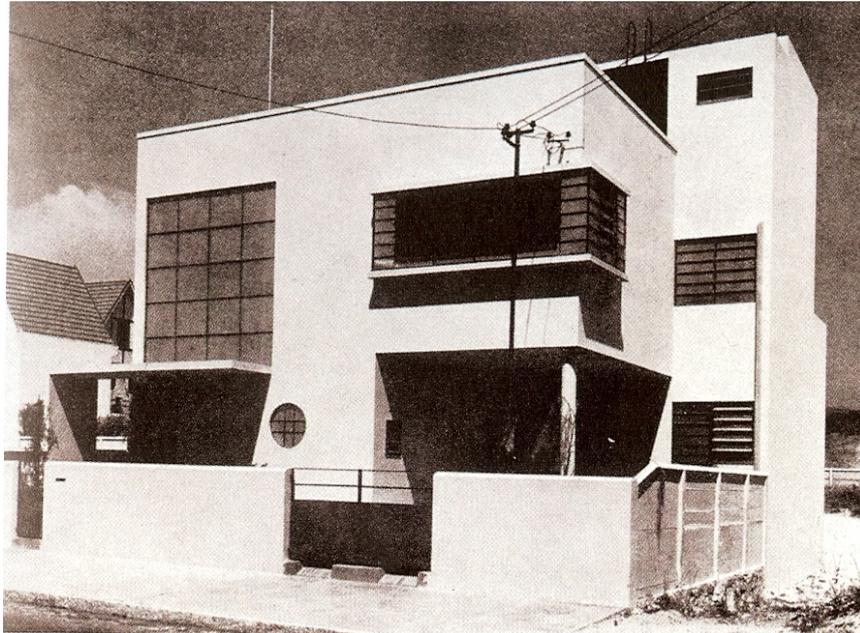


Fig. 22. Residência na Urca, construída em 1936. Autoria de Affonso Eduardo Reidy. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.



Fig. 23. Casa da rua Melo Alves. São Paulo. 1929. Gregory Warchavchik. Fonte: COUTINHO, Sylvia de Souza e Silva Ribeiro. Memória e esquecimento: Casa Nordschild e a Formação da Arquitetura Moderna no Brasil. PUC-Rio. Dissertação de Mestrado. Set. 2003.

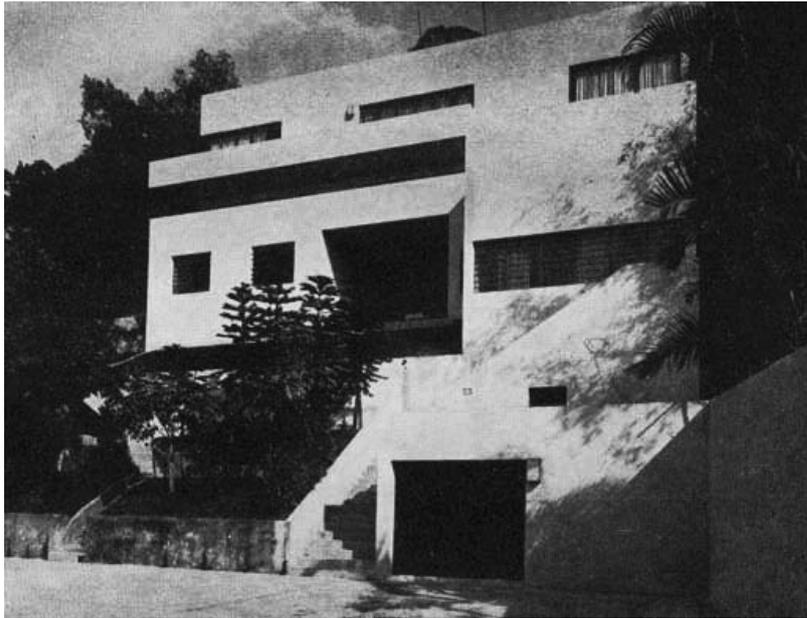


Fig. 24. Casa Nordschild na rua Toneleros 138, Copacabana, Rio de Janeiro. 1931. Gregori Warchavchik. Fonte: COUTINHO, Sílvia de Souza e Silva Ribeiro. Memória e esquecimento: Casa Nordschild e a Formação da Arquitetura Moderna no Brasil. PUC-Rio. Dissertação de Mestrado. Set. 2003.

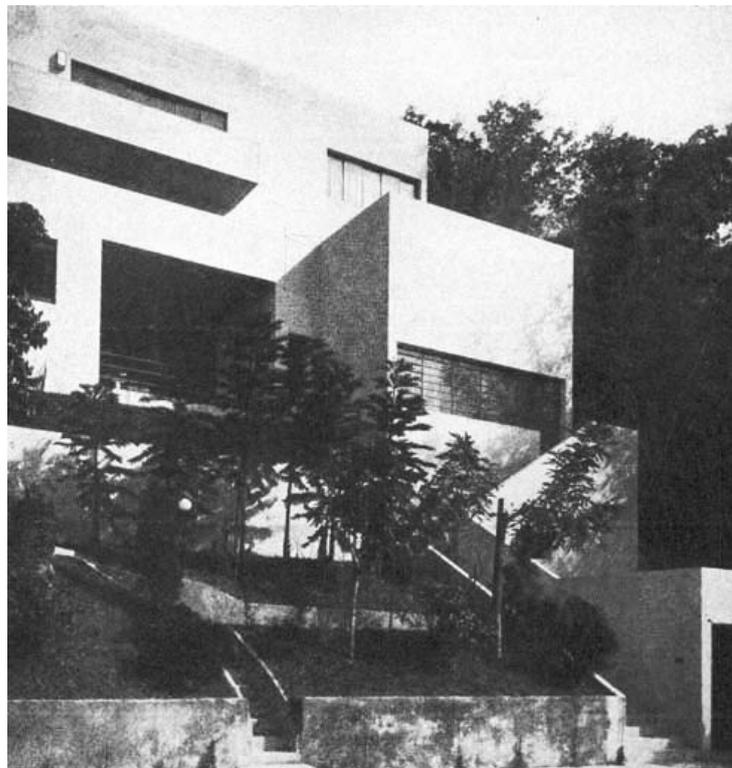


Fig. 25. Casa Nordschild. Vista parcial da fachada com escadas da entrada principal. Rua Toneleros 138, Copacabana, Rio de Janeiro. 1931. Gregori Warchavchik. Fonte: COUTINHO, Sílvia de Souza e Silva Ribeiro. Memória e esquecimento: Casa Nordschild e a Formação da Arquitetura Moderna no Brasil. PUC-Rio. Dissertação de Mestrado. Set. 2003.

É curioso notar a modificação dos projetos de Reidy antes e depois de sua participação na construção do Ministério da Educação e Saúde. Se antes de 1936 tanto os projetos de residências particulares quanto a escola de Coelho Neto tem a clara influência de Warchavchik, após esta data, será a influencia de Le Corbusier que evidenciará em seus projetos. Apesar de defensor das idéias de Le Corbusier desde sua época de estudante, somente a partir de seu contato direto com o mestre que Reidy evidencia em seus projetos o que havia absorvido em sua experiência com a construção do Ministério. Esta mudança é ressaltada na evolução de sua proposta para a Sede da Prefeitura do Distrito Federal, onde a solução final é inspirada no Ministério da Educação e Saúde. (figs. 26, 27 e 28).

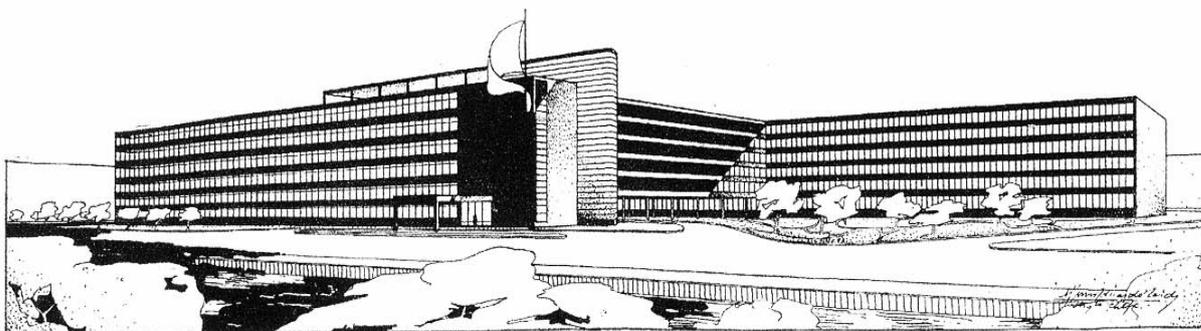


Fig. 26. Affonso Eduardo Reidy. Perspectiva da primeira proposta para a Sede da Prefeitura do Distrito Federal. 1932. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

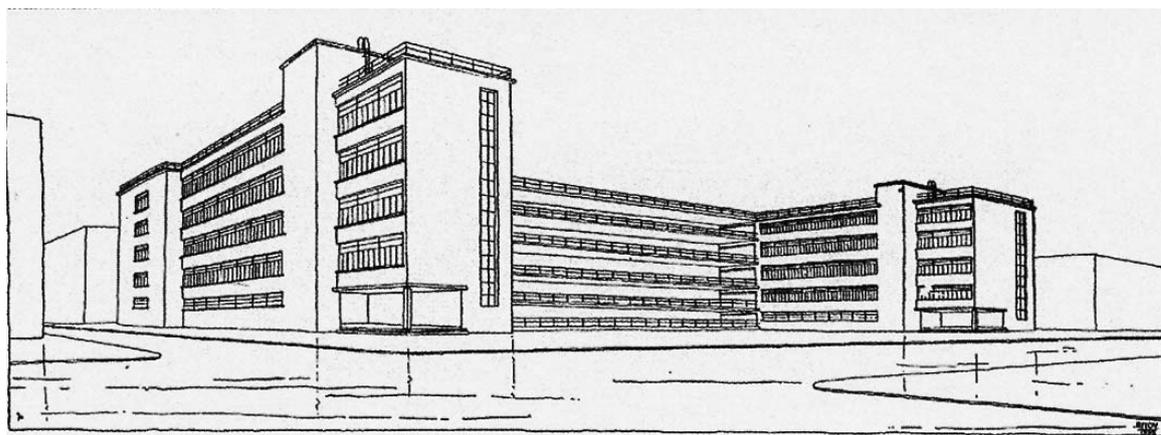


Fig. 27. Affonso Eduardo Reidy. Segunda Proposta para a Sede da Prefeitura do Distrito Federal. 1934. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

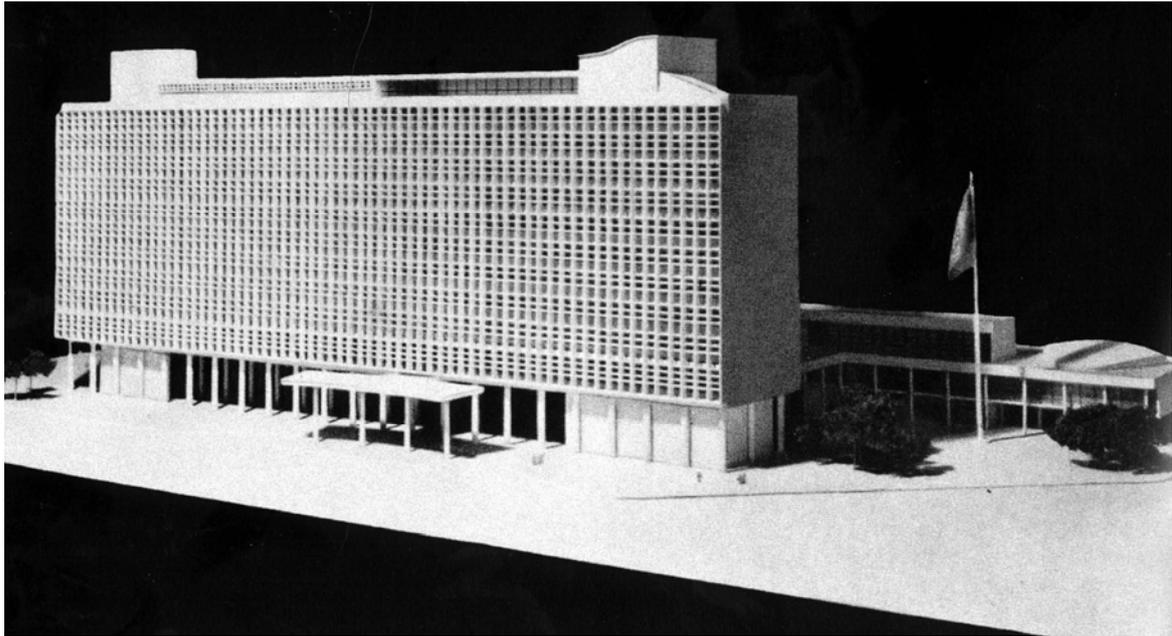


Fig. 28. Affonso Eduardo Reidy. Terceira proposta para a Sede da Prefeitura do Distrito Federal. 1938. Maquete da fachada norte com *brise soleil* de concreto, inspirado no projeto do Ministério da Educação e Saúde. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

Neste momento de transição, Reidy empenhava-se para materializar um projeto corbusiano no Rio de Janeiro, Carmen por sua vez idealizou publicar as palavras por ele proferidas em sua segunda viagem à cidade.¹¹² Ela então escreve em junho de 1936 a Le Corbusier, solicitando seu consentimento para publicar na Revista PDF suas palestras cariocas. Entretanto, recebe a resposta negativa, por Corbusier ambicionar a realização de uma publicação bilíngüe de suas conferências e, por já tê-las prometido ao próprio ministro Gustavo Capanema durante sua estada brasileira o que, não se realizou devido os rebuliços causados pela Revolução de 1937.¹¹³ Apesar deste impasse essas conferencias foram importantes para a própria evolução dos princípios arquitetônicos e urbanísticos, de Le Corbusier como ele explica:

(...) deram-me a oportunidade de desenvolver minhas idéias sobre a arquitetura e o urbanismo – idéia em que havia pensado desde a minha primeira visita ao Brasil, em 1929.¹¹⁴

¹¹² HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 105.

¹¹³ Ibid., p. 106.

¹¹⁴ Ibid., p. 107.

Assim como Le Corbusier encontrou no Brasil sua fonte de inspiração estas analogamente também o foram para os trabalhos de muitos arquitetos brasileiros. Como para o trabalho de Carmen Portinho que apesar de um tanto o quanto desconhecido, mas significativo originado em 1934, como aquele para a conclusão da pós-graduação em urbanismo na Universidade do Distrito Federal, renunciando os estudos para a Nova Capital, anos mais tarde materializado por Lucio Costa, intitulado “Anteprojeto para a Futura Capital do Brasil no Planalto Central”. Neste, ela adota os princípios de Le Corbusier antecipando até mesmo a pioneira equipe da arquitetura moderna constituída em 1936 para projetar e construir o MES - Ministério da Educação e Saúde, internacionalmente conhecido. A escolha do tema para a nova capital originou-se do capítulo “Disposições Transitórias” da Constituição de 1934, que definia a transferência da capital para um ponto central do país, em local a ser definido por uma comissão nomeada pelo Presidente da República. Após a conclusão dos estudos da Comissão então caberia á Câmara dos Deputados tomar as providencias necessárias para efetivar a mudança.

Será transferida a Capital da União para um ponto central do Brasil. O presidente da República, logo que esta Constituição entrar em vigor nomeará uma comissão que, sob instruções do governo, procederá a estudos de várias localidades adequadas à instalação da Capital. (...) Efetuado esta, o atual Distrito Federal passará a constituir um Estado.¹¹⁵

Partindo deste pressuposto, pesquisou a área e determinou o local exato para a construção da futura Capital Federal, preconizando “muitos anos antes de Juscelino Kubitscheck iniciar, de fato, a sua construção definitiva, nos anos 50”.¹¹⁶

Segundo depoimento da engenheira, sua aproximação dos estudos da comissão de exploração e demarcação de um local apropriado no Planalto de 1872 deveu-se a sua falta de recursos financeiros e a dificuldade de acesso in loco para a exploração e demarcação do Planalto Central.¹¹⁷

A partir de minuciosa análise dos relatórios da Missão Cruls, Carmen então pesquisou os dados sobre o meio-ambiente, as condições climáticas, manancias de

¹¹⁵ PORTINHO, Carmen. Anteprojeto para a futura capital do Brasil no Planalto Central. **P.D.F. - Revista Municipal de Engenharia**: revista da secretaria de viação, trabalho e obras públicas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, mar. 1939. (primeira parte).

¹¹⁶ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 72.

¹¹⁷ Ibid., p. 73.

água, vegetação e meios de transportes ¹¹⁸. Então, desenvolveu seu anteprojeto adotando os mesmos princípios de Le Corbusier para a “cidade dos tempos modernos” cujos estudos ele inicia com o projeto de uma cidade contemporânea de três milhões de habitantes em 1922; o “Plan Voisin” de 1925 concluído com a Ville Radieuse¹¹⁹ da década de 30.

Surgida a partir do conhecimento das experiências de cidade linear dos urbanistas soviéticos nos anos 20 e das visitas por ele realizadas na América do Sul; ministrando palestras na Argentina, Uruguai e Brasil. Deslumbrado principalmente com o esplendor da paisagem destes países, Le Corbusier mostrou-se mais flexível em realizar um projeto que fosse compatível com a pluralidade das condições naturais, culturais e sócio-econômicas. A visita ao Rio de Janeiro e o desenho natural da cidade foram sua grande inspiração.¹²⁰

Carmen então propôs o desenvolvimento de uma nova cidade capaz de adaptar o homem moderno ao rápido desenvolvimento, abandonando os princípios tradicionais de traçados das cidades, pois, segundo ela, as cidades antigas não mais satisfaziam aos novos hábitos e as exigências deste novo homem que se adaptava:

(...) à época do motor, depois do aparecimento dos veículos de grande velocidade, na época do aço e do cimento armado, depois dos arranha-céus americanos.¹²¹

E em total comunhão com os ideais corbusianos, a engenheira privilegia a adoção de soluções que resolviam para o homem os problemas dos transportes modernos, facilitando o aproveitamento das horas de lazer propiciadas pelo desenho industrial que progredia no século XX.¹²²

Seu projeto então viabilizava a divisão da cidade em áreas providas de sistema viário, passagem para pedestres e sistema de esgotos, privilegiando o habitar, organizado de forma que outros elementos como o trabalho e lazer fossem dispostos em suas proximidades, e os equipamentos educacionais considerados

¹¹⁸ Id.

¹¹⁹ ABREU, Silvio. A vida tem sempre razão. O arquiteto não. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, ano 3, n. 14. out./nov. 1987. p. 59.

¹²⁰ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 28.

¹²¹ PORTINHO, Carmen. Anteprojeto para a futura capital do Brasil no Planalto Central. op. cit. p. 285.

¹²² Ibid., p. 285.

como fundamentais para a nova sociedade por não ser mais a mesma desde as descobertas oriundas do acelerado desenvolvimento industrial.¹²³

Além de ter contribuído para a localização definitiva da capital federal, antecedeu as idéias adotadas para o projeto de Brasília apresentado por Lucio Costa no concurso público realizado para a escolha do Plano Piloto, que inegavelmente continha vários pontos em comum com o projeto apresentado pela engenheira 20 anos antes (fig. 29).¹²⁴

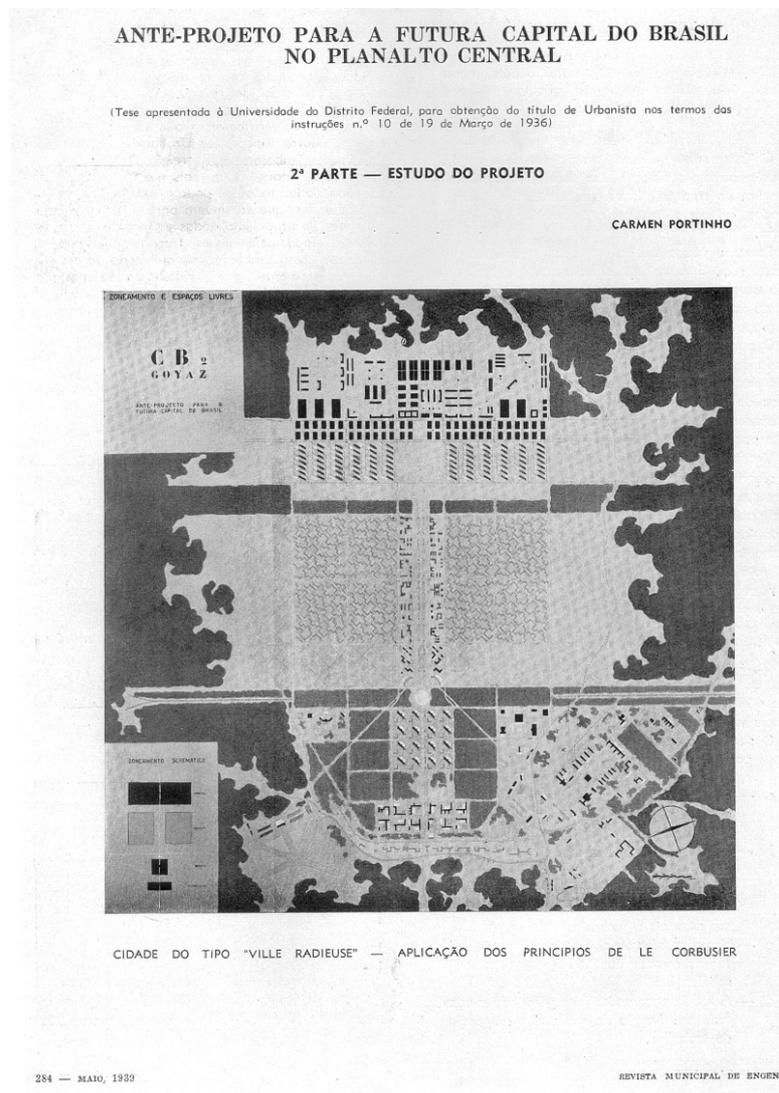


Fig. 29. Capa do projeto de Carmen Portinho publicado na Revista Municipal de Engenharia em maio de 1939.

¹²³ Ibid., p. 292.

¹²⁴ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 17.

É importante ressaltar que a experiência urbanística de Carmen não se restringiu a de sua dissertação. Assim como Reidy, que havia participado em 1929 do projeto urbanístico para o Rio de Janeiro como estagiário do urbanista Alfred Agache, Carmen em 1930 colaborou com o arquiteto e urbanista Giacomo Palumbo no projeto para a remodelação da cidade de Natal no Rio Grande do Norte.¹²⁵

O significado da palavra urbanismo ainda era completamente desconhecido no Brasil, e foi trazido pela primeira vez por Alfred Agache em 1927, que a proferiu na conferência do Rio de Janeiro explicando que mesmo na França o termo ainda era novidade¹²⁶. Com estas experiências urbanísticas, Reidy foi o único arquiteto do grupo formado para a construção do MEC, que já havia trabalhado em um plano de cidade. Quer dizer, não existiam ainda no Brasil urbanistas de fato e Reidy e Carmen foram um dos primeiros a terem experiências com o desenvolvimento urbano no país.¹²⁷

Em 1946 foi criado o Departamento de Urbanismo da Secretaria de Viação e Obras Públicas o qual Reidy chefiou aprofundando os estudos das áreas livres e a questão habitacional da cidade do Rio de Janeiro, reafirmando-se “o mais urbanista dentre os arquitetos de sua geração”¹²⁸.

A experiência urbanística de Carmen Portinho se complementa durante a segunda guerra mundial, quando ela viaja para a Inglaterra, como integrante da comissão organizada para a reconstrução das cidades destruídas pelos bombardeios (fig. 30)¹²⁹. A reconstrução destas cidades não visava apenas à reconstrução de casas, mas um planejamento minucioso que englobava escolas, postos de saúde e mercados, onde “engenheiros e arquitetos movimentavam-se o dia todo, dentro das prefeituras locais, em torno dos estudos e projetos de remodelação das cidades bombardeadas”.¹³⁰

¹²⁵ Ibid., p. 56.

¹²⁶ A denominação quanto à ciência deve-se a Idelfonso Cerdá (1815-1876) *La Teoría general de La urbanización*, publicada em 1867.

¹²⁷ BRITO, Alfredo. *O sonho utópico: Reidy e os modernos*. op. cit. p. 19-20.

¹²⁸ PEREIRA, Margareth. *O sonho utópico: Reidy e os modernos*. op. cit. p. 28.

¹²⁹ Carmen foi aceita para participar do plano de reconstrução da Inglaterra devido sua experiência como engenheira e urbanista.

¹³⁰ ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 92



Fig. 30. Depoimento de Carmen Portinho sobre sua participação na construção de casas para a Inglaterra no período do pós-guerra. Jornal O Globo. 14 dez. 1945, apud. ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). Por toda a minha vida.

Com o fim da guerra em 1945, ela consegue licença do Conselho Britânico e pessoalmente vai a Paris procurar novamente por Le Corbusier, para apresentá-lhe os slides da estrutura completa do MES- Ministério da Educação e Saúde, dois meses antes da inauguração do edifício. Conforme relata a mesma:

Ele levou um choque terrível. Não sabia que o Ministério da Educação tinha ficado pronto, que a obra era um sucesso e que aquela equipe que ele conhecia e que com a qual teve contato, conseguira depois de alguns anos construir o edifício. A reação dele foi muito violenta. A princípio tive a impressão de que não gostou daquilo, ele era um sujeito muito temperamental. (...) E ele continuava olhando os diapositivos. Cada um que olhava, ele se danava mais: porque tudo estava lá. Não estava o Le Corbusier do livro, não estava o Le Corbusier da obra, do edifício. Quando ele acabou, veio outra reação. Já estava mais calmo e percebi que ele ficou não só calmo como contente, ele já tinha mudado. (...) Percebeu que aquilo era uma vitória dele.¹³¹

Com a frustração de ter a construção de seus projetos negados por vários governos, Le Corbusier se mostrou perplexo ao ver que num país subdesenvolvido como o Brasil um grupo de jovens arquitetos havia conseguido realizar, com apoio governamental que ele tanto ansiava um edifício tão grandioso.¹³²

¹³¹ PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. op. cit. p. 118.

¹³² Ibid., p. 118.

Esta visita tornou-se tanto para Carmen quanto para Corbusier, uma importante troca do que se produzia no contexto da arquitetura moderna naquele momento. Carmen conheceu em primeira mão o Modulor, utilizado na construção da Unidade de Marselha por Le Corbusier.¹³³

Depois então ele me disse: Vou lhe mostrar uma novidade. “Estou inventando aqui uma coisa que se chama Modulor”. Aí ele pegou o Modulor que tinha desenhado, botou no chão e começou a me explicar para quê servia aquela sua invenção. Isso foi em 1945. Mostrou-me que todas aquelas proporções eram feitas em escala humana. (...) Depois disso voltei para o Brasil contei para todo mundo sobre essa invenção. (...) ¹³⁴

Além do encontro com Le Corbusier no atelier da Rue de Sévre em Paris, a engenheira pode conhecer diretamente, as unidades de habitação auto-suficiente, colocar em prática o que havia aprendido no curso de urbanismo no Rio de Janeiro, e participar das diversas propostas de reconstrução das cidades. Cidades com sérios problemas de famílias desabrigadas, alimentação racionada visando uma solução para a falta de moradia.¹³⁵

Ao findar a guerra Carmen retorna ao Brasil repleta de idéias para aplicá-las estendendo a experiência adquirida, pois, ciente dos problemas de habitação popular que já naquela época o país carecia propõe ao prefeito do Rio de Janeiro a criação do Departamento de Habitação Popular para o qual foi nomeada diretora. Idealizou então a criação dos primeiros conjuntos habitacionais, que na proposta inicial, seriam construídos nos bairros localizados no plano-diretor para os funcionários da prefeitura facilitando-lhes a economia da locomoção, com uma concepção também adotada por Reidy, como ele próprio explica:¹³⁶

Sendo a habitação um problema fundamental do urbanismo, o plano-diretor da cidade é que deverá indicar os locais onde, preferencialmente, deverão ser construídos os grupos residenciais, tendo em vista sua situação geográfica, suas condições econômicas, suas possibilidades em relação aos serviços públicos, ao transporte e ao mercado de trabalho. (...) O ideal seria morar perto dos locais de trabalho, de modo a evitar perda de tempo e despesa com o transporte. (...) ¹³⁷

¹³³ Ibid., p. 118.

¹³⁴ Ibid., p. 118.

¹³⁵ COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. op. cit. p. 54.

¹³⁶ PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. op. cit. p. 116.

¹³⁷ REIDY, Affonso Eduardo. Inquérito nacional de arquitetura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, fev./mar. 1961.

O primeiro dos conjuntos a ser construído foi o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, uma homenagem ao prefeito da cidade na época (1947-1951), (fig. 31), projetado por Affonso Eduardo Reidy. Sua construção tornou referência da arquitetura social e representou um importante marco na carreira do casal, o Conjunto foi publicado nas principais revistas especializadas no Brasil e no exterior.¹³⁸



Fig.31. Da esquerda para a direita, Carmen Portinho ao lado do Prefeito Mendes de Moraes, na inauguração do Conjunto Residencial Pedregulho. Fonte, Arquivo Geral da Cidade, Rio de Janeiro.

Com este projeto, Reidy foi premiado na 1^o Bienal de São Paulo em 1951, (fig.32) por um júri composto de importantes críticos como Sigfried Giedion, secretário geral do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), e Max Bill, que admiravam profundamente os projetos desenvolvidos pelo arquiteto. Apesar das críticas de Max Bill sobre o tipo de arquitetura produzida no país, em entrevista concedida à Revista Manchete, o crítico reitera sua opinião sobre a obra de Reidy afirmando ser o “mais interessante projeto brasileiro e o único a ter um compromisso com o social”¹³⁹ repetindo essa idéia na entrevista para o jornal Tribuna da Imprensa:

(...) Considero esse belo conjunto como um notável êxito, não somente de arquitetura, mas ao mesmo tempo de urbanismo, e de todos os problemas

¹³⁸ PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. op. cit. p. 116.

¹³⁹ CAVALCANTE, Lauro (org.). **Quando o Brasil era moderno**: artes plásticas no Rio de Janeiro. op. cit. p. 141.

sociais da educação. Para mim o Pedregulho é o mais importante exemplo neste domínio, e eu estaria contente se na Suíça existissem muitas realizações como esta. (...)¹⁴⁰

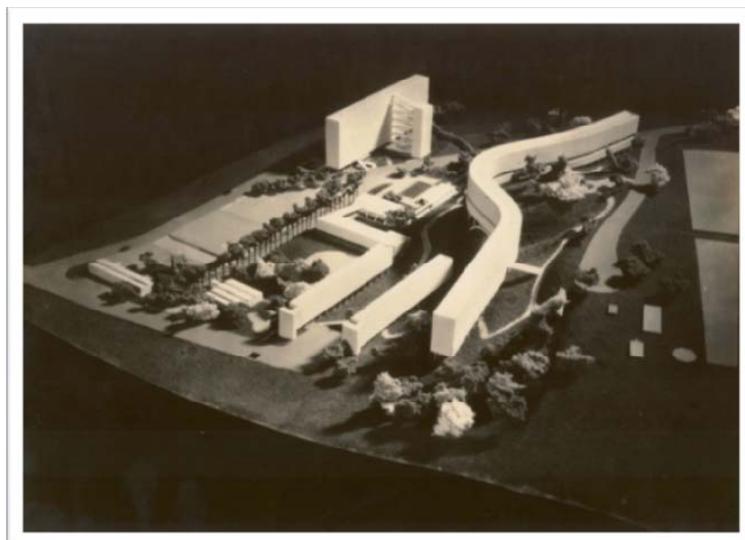


Fig. 32. Maquete do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes apresentada na 1^o Bienal de São Paulo em 1951. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD.

Apesar do reconhecimento internacional da arquitetura moderna ter-se ocorrido anos antes com a exposição Brasil Builds, a participação de Sigfried Giedion, membro dos CIAM, legitimava a importância da arquitetura brasileira na contribuição no desenvolvimento da arquitetura moderna.¹⁴¹ Passados mais de cinquenta anos de sua construção o Conjunto Prefeito Mendes de Moraes ainda é considerado uma importante referência nos estudos sobre habitação popular, exemplo de integração harmônica com a natureza, tendo em vista seu aspecto geográfico, caracterizado pelo desnível do terreno, onde a natureza tornou-se o elemento primordial para a composição do projeto.

¹⁴⁰ Max Bill gostaria de morar no Conjunto do Pedregulho. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 6 jun. 1953.

¹⁴¹ OLIVEIRA, Fabiano Lemes de. **Siegfried Giedion e o caso brasileiro**: uma aproximação historiográfica. **Docomomo**, Rio Grande do Sul, Nov. 2005. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Fabiano%20Lemes%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2008.

[Capítulo IV]

Reidy e a Nova Capital Federal

MES e Brasília: um trabalho em conjunto

Brasília está construída. Eu vi a nova cidade. É grandiosa em sua invenção, coragem e otimismo; ela nos fala desde o coração. É obra de dois grandes amigos e, através dos anos, companheiros de luta: Lucio Costa e Oscar Niemeyer. No mundo moderno Brasília é única. No Rio há o Ministério da Educação e Saúde Pública (1936-1945). Há as obras de Reidy(...) ¹⁴²

O processo de desenvolvimento da construção da Nova Capital Federal teve início quase vinte anos após a construção do atual Ministério da Educação e Saúde, símbolo da arquitetura moderna brasileira. O edifício simbolizou o futuro renovador tão desejado por Vargas, que representou em várias esferas um futuro promissor para o país. A ousadia e o pioneirismo da construção moderna do Ministério abriram as portas do país para o mundo, conferindo renome mundial aos arquitetos que participaram desta construção; Affonso Eduardo Reidy, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos adicionando-se a consultoria de Le Corbusier. ¹⁴³

A formação desse grupo aconteceu após a realização do concurso de ante-projetos para o edifício, do qual participaram trinta e quatro propostas. O júri composto por acadêmicos selecionou apenas três projetos eliminando os demais. O projeto vencedor, naturalmente em estilo acadêmico, foi de autoria do arquiteto Arquimedes Memória, professor titular da Escola Nacional de Belas Artes. Porém, tendo em vista a vontade do Ministro da Educação e Saúde em realizar a construção de um edifício marcante e inovador, e que o projeto escolhido certamente não representava a nova visão política de desenvolvimento do governo, Capanema, autorizado pelo Presidente da República, consegue “mandar arquivar” o projeto vencedor de Memória porque não seria executado imediatamente, convida Lucio Costa, um dos

¹⁴² HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 192.

¹⁴³ BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. op. cit. p. 82.

arquitetos desclassificados no concurso, a conceber um novo projeto para este edifício.¹⁴⁴

O ministro envia então ao presidente Getúlio Vargas em 11 de fevereiro uma carta solicitando autorização para iniciar o novo projeto, dirigido por Lucio Costa e a equipe de arquitetos por ele escolhida:

Nenhum desses projetos premiados me parece adequado ao edifício do Ministério da Educação. Não se pode negar o valor dos arquitetos premiados. Mas exigências municipais tornaram difícil a execução de um projeto realmente bom. Julguei de melhor alvitre mandar fazer novo projeto. Solicito verbalmente a sua autorização. E pedi à prefeitura municipal que dispensasse as exigências, que impediram a realização de uma bela obra arquitetônica. Não quis abrir novo concurso... Encarreguei, assim, o arquiteto Lucio Costa da realização do trabalho. Este arquiteto chamou a colaborar consigo outros arquitetos de valor. E entraram a executar o serviço que já está bem adiantado. É preciso, porém, que se faça um controle de honorários. A proposta feita pelos arquitetos foi julgada razoável pelo técnico deste Ministério, como consta deste processo. Venho, pois, solicitar a V. Excia. Que me autorize a fazer os contratos, nos termos da minuta junta, salvo uma ou outra alteração da data para a entrega do trabalho.¹⁴⁵

A escolha de Lucio Costa se fez justamente pela atitude renovadora por ele adotada na direção da Escola Nacional de Bellas Artes em 1931, e a figura mais indicada para a realização inovadora pretendida pelo governo. Lucio Costa decide montar um grupo composto por mais cinco arquitetos que como ele tiveram seus trabalhos desclassificados.¹⁴⁶

Apresentam a primeira concepção do projeto juntamente com a sugestão do convite à Le Corbusier para participar como consultor no desenvolvimento do novo projeto. As idéias inovadoras de Le Corbusier eram por todos conhecidas através de suas publicações e das conferencias que realizou em 1929. Embora a escolha por Le Corbusier estivesse a princípio vinculada a uma preferência pessoal por parte dos arquitetos, o mesmo se destacava dentre profissionais mundialmente conhecidos como Gropius e Mies Van der Rohe, por ter sido o único a abordar o tema Palácio como objeto de estudo em seus projetos.¹⁴⁷

¹⁴⁴ Ibid., p. 81.

¹⁴⁵ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 2006.

¹⁴⁶ Ibid., p. 82.

¹⁴⁷ Ibid., p. 82.

O pretexto utilizado para a vinda de Le Corbusier foi sua conferência de seis palestras realizadas no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, o que justificaria as custas para sua estadia no país.¹⁴⁸

De acordo com depoimento de Lúcio Costa, Capanema o levou ao encontro do presidente Getúlio Vargas para tratar do assunto, que se mostra “perplexo diante de tanta obstinação, acabou por concordar, como se cedesse a um capricho”.¹⁴⁹ Com a aprovação do presidente, Le Corbusier retorna ao país em 12 de junho 1936.¹⁵⁰

O mestre franco-suíço chega ao Rio de Janeiro no mês do centenário de Pereira Passos e aproveitando a oportunidade pronuncia a 31 de julho a conferência “Grandeza de Visão na época dos Grandes Acontecimentos”, que consistia na revisão dos últimos seis anos de reestruturação do complexo urbano. Le Corbusier então homenageou o ex prefeito Pereira Passos pela reforma urbana realizada durante seu mandato, transformando a cidade do Rio de Janeiro¹⁵¹. Transformação urbana que Reidy conhecia mais aprofundadamente que os demais integrantes do grupo, pelo fato da participação de seu avô na construção de edifícios na Avenida Central, mas também por sua colaboração no plano de remodelação da cidade como assistente do urbanista Alfred Agache em 1929.¹⁵²

Le Corbusier à medida que realizava os traçados do Ministério, (fig. 33) em parceria com os arquitetos brasileiros proferia as conferências. Ao concluir sua contribuição Le Corbusier retorna em agosto de 1936 ao seu país sublinhando sua contribuição na renovação do conceito de arquitetura no Brasil, após a apresentação de uma “solução lógica, econômica e funcional para a deflexão solar nos climas tropicais e subtropicais” além do uso do concreto armado e a apresentação de uma estética aceitável para o desenvolvimento arquitetônico brasileiro.¹⁵³

¹⁴⁸ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. op. cit. p. 80.

¹⁴⁹ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60**. op. cit. p. 45.

¹⁵⁰ Ibid., p. 47.

¹⁵¹ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. loc. cit.

¹⁵² PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Afonso Eduardo Reidy: catálogo**. op. cit. p. 120.

¹⁵³ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. op. cit. p. 195.



Fig. 33. Ministério da Educação e Saúde. Fonte: Acervo NPD- Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ.

Este breve histórico sobre a construção do edifício, considerado por críticos como Philip Goodwin, Yves Bruand, Geraldo Ferraz, Henrique Mindlin e Carlos Lemos o mais importante na história da arquitetura moderna brasileira, seja por aspectos como o apoio oficial, o uso de mecanismos de controle climático, como o brise-soleil, a utilização de materiais regionais e a integração de obras de arte como os painéis de Cândido Portinari, além da presença de Le Corbusier que garantiu a partir de sua contribuição no projeto a difusão internacional da arquitetura moderna brasileira, entre outros aspectos revelam que sem a persistência de homens esclarecidos e abertos a novas correntes como o Ministro Gustavo Capanema e Rodrigo de Melo Franco o grupo de arquitetos envolvidos em sua construção não teriam conseguido atingir a grandiosidade que a arquitetura nacional alcançou conquistando respeito¹⁵⁴. Esta audácia dos arquitetos brasileiros iniciada em 1936- período referente a realização do MES 1936-1944- foi repetida anos mais tarde com a construção de Brasília.

Sua realização representou mais uma vez o ápice da arquitetura moderna brasileira, pelo menos sob o olhar estrangeiro¹⁵⁵, que admirava tais ousadias especialmente

¹⁵⁴ TINEM, Nelci. **O Alvo do Olhar estrangeiro**. op. cit. p. 59.

¹⁵⁵ É notório que neste período o reconhecimento internacional era muito importante, para o Estado, ao observarmos que, por exemplo, Portinari só se tornou o pintor oficialmente requisitado, após

por se tratar de uma obra extremamente grandiosa e realizada num país de terceiro mundo, em vista que, no caso do MES, a arquitetura europeia era atingida pelos reflexos deixados pela II Grande Guerra impedindo-os de causar algum tipo de influência arquitetônica, reconhecia também o respaldo do Estado, que através deste tipo de ruptura almejava o desenvolvimento do território nacional, cujo primeiro passo foi dado pelo presidente Getúlio Vargas e acelerado por Juscelino Kubitschek. Curiosamente, a história do Ministério da Educação e Saúde se repetia em Brasília representando um marco na história do desenvolvimento do país. O que encantava a Le Corbusier, ao olhar o Brasil era que enxergava uma nação cujo autoritarismo de seus representantes era o mesmo que incentivava a construção de projetos audaciosos, embora sempre se atribua esta ousadia a autoria de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, pois todo processo anterior a esta realização muito poucos o conhecem.

A participação ativa de Affonso Eduardo Reidy e do paisagista Roberto Burle Marx no processo de levantamento para a localização da Nova Capital Federal praticamente se apagou da história. Ambos foram convidados pelo Marechal José Pessoa presidente da Comissão do Levantamento da Nova Capital, para desta participarem. Esta comissão foi responsável pela localização do melhor território para a realização da Nova Capital. Até mesmo o mestre franco-suíço Le Corbusier, fora convidado a participar deste processo, presença que não vingou, mas ficou marcada e deslumbrou o arquiteto em sua visita à cidade, quando conheceu o MES, Brasília e outras construções modernas que apreciava somente através de publicações especializadas como mostra a epígrafe deste. (fig. 34)

ganhar um prêmio internacional em 1935, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa foram definitivamente consagrados com o Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York, realizado em 1939-40, aprovação que deu respaldo ao Presidente Juscelino Kubitschek em convidar Niemeyer para projetar e construir a Pampulha. Além da publicação de Brazil Builds, em que posteriormente os arquitetos foram convidados a realizar um número maior de projetos, inclusive oficiais.



Fig. 34. Da direita para a esquerda sentados: Reidy, Lucio Costa, Le Corbusier e Burle Marx. Fonte: <http://www.sefa.es.gov.br/painel/ary03.htm>

A participação de Reidy nesta etapa do levantamento parece ter sido desconhecida até mesmo do historiador da arquitetura Yves Bruand¹⁵⁶, quando este afirma ser “um tanto exagerado pretender que Reidy tenha se revelado, antes e acima de tudo, um urbanista”, criticando-o por abster-se a participar de tão importante concurso para a Nova Capital Federal, em vista de ter sido o único arquiteto brasileiro de renome que não se inscreveu deixando passar uma oportunidade única na história. Abrir mão desta oportunidade relacionava-se certamente a postura ética de Reidy que, ao contrário dos demais, dominava o conhecimento do local, dispondo do levantamento utilizado no estudo executado pela Comissão, alegando responsabilidade ao edital que destinou o curto prazo de três meses para a elaboração de um anteprojeto tão importante.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Arquivista paleógrafo francês, Yves Bruand escreveu entre 1969 e 1973, a *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, tese de doutorado apresentada na Universidade de Paris. Um extenso estudo sobre as obras construídas no Brasil entre 1900 e 1969.

¹⁵⁷ BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. op. cit. p. 224.

Reidy e a Comissão de Localização da Nova Capital

O curto prazo de três meses foi suficiente para realizar um esboço do plano-piloto da Nova Capital, justamente pela existência de um trabalho anterior, preciso e detalhado conforme a declaração do próprio presidente da Comissão de Localização da Nova Capital Marechal José Pessoa, enfatizando o trabalho realizado pela equipe, principalmente pelo grupo das subcomissões encarregadas da formulação e solução dos problemas urbanísticos e demográficos. Este plano foi desenvolvido um ano antes da divulgação do edital para o concurso do Plano Piloto. (fig. 35).¹⁵⁸

(...) aceleramos tecnicamente todos os problemas conjuntamente, marchando assim, na frente de sua natural seqüência, sem mesmo esperar pelos meios necessários, como se deu com o esboço do plano-piloto da futura cidade, o planejamento das comunicações, da energia elétrica e outros.¹⁵⁹

A respeitabilidade em relação ao profissionalismo de Affonso Eduardo Reidy lhe concedeu o convite do Marechal José Pessoa, presidente da comissão de localização da nova capital, entre 1954 e 1956, para que em parceria com outros arquitetos pudesse planejar a sede do governo federal. Neste momento, Reidy já havia conquistado prestígio como arquiteto de maior projeção nacional e internacional decorrente da repercussão internacional do prêmio na primeira Bienal de São Paulo onde apresentou o Conjunto Residencial Pedregulho, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e os projetos nos quais atuou na área de urbanismo na Prefeitura do Distrito Federal. Dentre os arquitetos que aceitaram o convite para compor esta comissão encontravam-se os “especialistas de maior projeção nacional” comprometidos em colaborar sem qualquer ônus para o Governo, conforme declaração de José Pessoa:

Ao assumirmos a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, instituímos subcomissões técnicas entre as quais a de Planejamento Urbanístico, constituída dos engenheiros Raul Pena Firme, José Oliveira Reis, Roberto Burle Marx, Affonso Eduardo Reidy e Stélio de Moraes. Além desses, dirigimos convites aos conceituados técnicos Oscar

¹⁵⁸ ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. **Nova metrópole do Brasil**: relatório geral de sua localização. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1958. p. 112.

¹⁵⁹ Ibid., p. 116.

Niemeyer e Lucio Costa, que por motivos pessoais, se escusaram de participar daquela subcomissão.¹⁶⁰

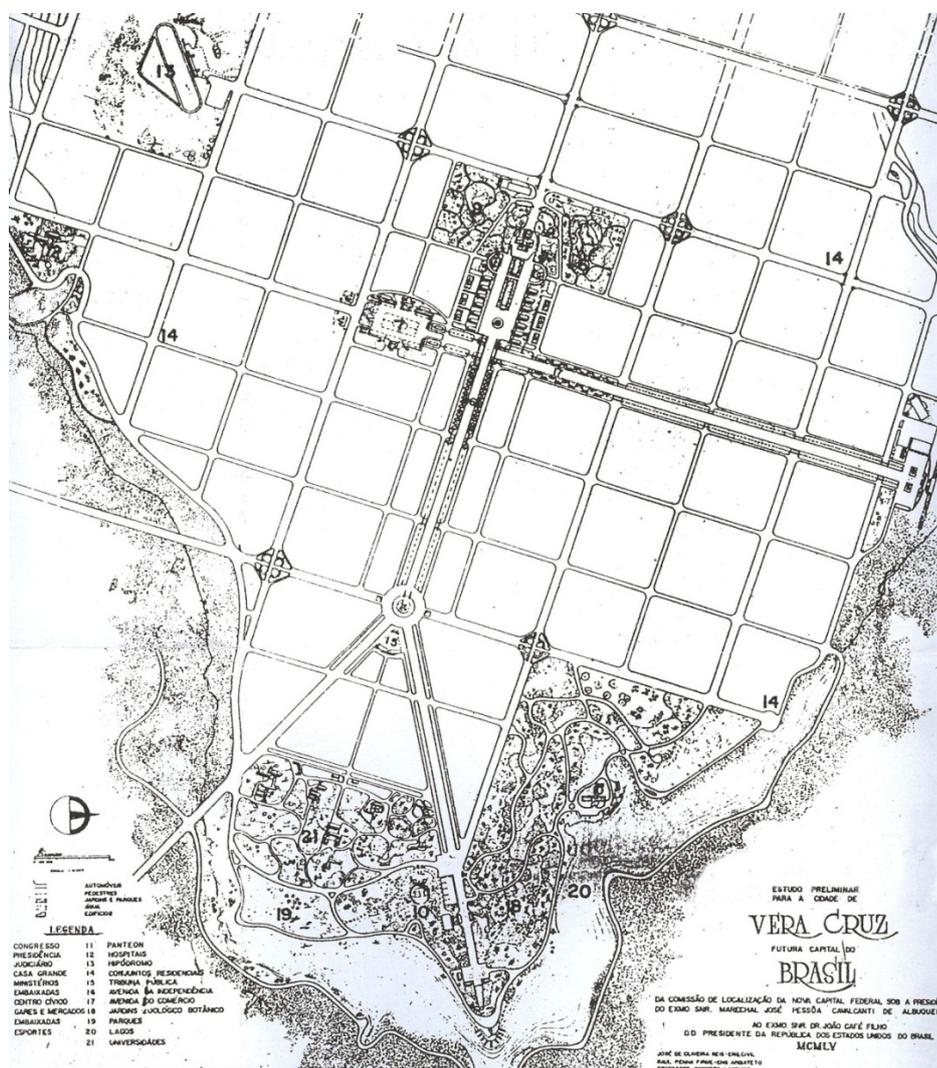


Fig 35. Estudo preliminar do Plano Urbanístico da cidade de Vera Cruz. Fonte: ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. Primeiro Plano Piloto da Nova Capital: Cidade de Vera Cruz. 1955.

Além do grupo da subcomissão “Planejamento Urbanístico” acima citada, a comissão se compôs ao longo de quase um ano de trabalho por outros vinte membros, (Anexo M).

Reidy em visita ao local definido (fig. 36) relembra novamente o mestre Le Corbusier para com ele dividir a parceria nesse importante desafio. Em depoimento, o paisagista Roberto Burle Marx reafirma o convite realizado pelo Marechal José Pessoa a Reidy para projetar a Nova Capital, aponta que até aquele momento não

¹⁶⁰ PESSOA, José. Resposta ao artigo precipitação indesejável. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 1955. (arquivo CPDOC/FGV, Coleção José Pessoa).

havia motivos para se pensar na idéia de um concurso em vista que Reidy já havia aceito o convite e escalado quais profissionais seriam seu braço direito.

Chamado pelo Marechal Pessoa para projetar Brasília, antes de se estabelecer que a proposta para a nova capital seria escolhida através de concurso, Reidy, ao me incluir na equipe, para a parte paisagística, comunicou-me a sua intenção de convidar Le Corbusier, para participar, pois, mais do que a vaidade, sua preocupação era resolver da melhor maneira possível o problema.¹⁶¹

Reidy já havia convidado Le Corbusier em 1949 a contribuir sem sucesso em três projetos: urbanização do Aterro Glória-Flamengo, esplanada de Santo Antônio e o túnel André Rebouças no Morro da Conceição. Para intermediar o convite a Le Corbusier, José Pessoa solicita o auxílio do amigo Hugo Gouthier, que na ocasião mantinha contato direto com o arquiteto, em virtude de um livro que escrevia sobre as principais capitais mundiais, (anexo N e O). Tal iniciativa confirma a tese de que o Governo Brasileiro, presidido por Café Filho estava em sintonia com a proposta de Reidy, em convidar o arquiteto para o aconselhamento sobre a construção da Nova Capital Federal, como ocorreu anteriormente no projeto para o Ministério de Educação e Saúde, como explica o próprio José Pessoa:

Há dias reunimos a subcomissão de planejamento urbanístico, que debateu o plano de construção da nova cidade. Durante a reunião combinou-se convidar um urbanista mundialmente famoso, de reputação mundial, para vir ao Brasil aconselhar a comissão de urbanistas brasileiros encarregada de planejar a nova capital federal. Foram lembrados os nomes de Lloyd Wright, americano, e Gropius alemão, fixando-se finalmente o nome de Le Corbusier, por ser também universalmente conhecido e já ter estado aqui em missão semelhante. Assim sendo, pediria ao amigo consultá-lo se aceita, para aquele fim, um convite do Governo Brasileiro, a fim de passar alguns dias no Brasil.

No caso afirmativo, desejaria saber em que data e condições aceitaria esse convite, encarecendo-lhe uma resposta com a possível urgência.¹⁶²

¹⁶¹ BURLE MARX, Roberto 1982 apud BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

¹⁶² José Pessoa a Hugo Gouthier em 25 de maio de 1955. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV. (Coleção José Pessoa). [Carta]



Fig. 36. Affonso Eduardo Reidy, (o terceiro da esquerda para a direita), e a equipe da Comissão em exploração no Planalto. Fonte: Nova Metrópole do Brasil: Relatório geral de sua localização.

O embaixador Hugo Gouthier imediatamente contata Le Corbusier através de seu colega da embaixada do Brasil em Paris Ilmar Marinho, como explica a correspondência abaixo:

Meu caro Gouthier,

Esteve hoje comigo o arquiteto Le Corbusier que me exibiu um telegrama seu, consultando-o sobre se aceitaria ele o convite do Governo brasileiro para passar alguns dias no Rio e emitir sua opinião à Comissão de arquitetos brasileiros, encarregada da planificação da nova capital.

Mostrou-se o Snr. Le Corbusier bastante reconhecido pela deferência que lhe era feita mas pediu-me que explicasse a você a impossibilidade em que se encontrava de deixar o seu atelier e os seus negócios para realizar uma viagem de quase turismo, acrescentando que só poderia partir após propostas concretas do nosso Governo e, mesmo, um contrato nas bases do assinado com o Governo da Colômbia e cujo resumo lhe envio junto a esta.

Manifestou-me o Snr. Le Corbusier o receio de que suas idéias e conselhos fossem aproveitados pela referida Comissão sem que ele, depois, participasse diretamente da planificação da nova capital. Em duas palavras: ele diria tudo quanto sabia, os nossos arquitetos tomariam nota de suas opiniões e, por fim, dir-lhe-iam simplesmente "muito obrigado pela sua colaboração"...

Em suma: o referido arquiteto não está disposto a deixar Paris sem a certeza- o preto no branco- de que será encarregado da planificação da nova capital brasileira e não apenas um conselheiro técnico, como faz supor o telegrama a ele dirigido.

Rôga-me que lhe transmita tudo quanto ahi fica e que, após audiência das nossas autoridades competentes no assunto, Você me diga o que ficou resolvido. Sé depois disso, poderia responder afirmativa ou negativamente ao convite que lhe foi endereçado.

Como Você tomou a iniciativa do assunto, prefirí não dirigir-me ao Itamaraty consoante me pedira o Snr. Le Corbusier. Considere-me, portanto, um mero intermediário entre Você e o interessado, e disponha dos meus préstimos para tudo quanto necessitar de Paris, nesta e em outras questões.

Recomendações à sua Senhora e aceite um grande abraço do amigo certo.
163

Hugo Gouthier reenvia a correspondência recebida a José Pessoa que constata estar Le Corbusier grato ao convite, embora declare a impossibilidade de deixar seus negócios naquele momento para uma viagem de cunho turístico, já que desejava um contrato por escrito similar ao que havia assinado com o governo da Colômbia. Declarou ainda que não estava disposto a deixar Paris sem a certeza de que seria o encarregado da planificação da nova capital brasileira, não aceitando ser apenas um conselheiro técnico. Posteriormente Corbusier admite a Gouthier não ser seu objetivo elaborar os planos para a nova capital, mas de encarregar-se da realização do “plano piloto”.¹⁶⁴ (Anexos P e Q)

Le Corbusier ainda encontrava-se ressentido em relação ao tratamento recebido durante a construção do MES - Ministério da Educação e Saúde, como declara na correspondência enviada a Affonso Eduardo Reidy explicando que a dívida dos brasileiros ainda não havia sido saldada¹⁶⁵. Certamente Le Corbusier via a oportunidade de realizar o plano piloto da nova capital como forma de saldar esta dívida dos brasileiros, já que envia aos uma espécie de contrato onde determina 5 etapas do plano, a arquitetura adequada a ser aplicada, e o que mais lhe afligia, um detalhado plano de sua remuneração, a fim de evitar qualquer desentendimento, utilizando o modelo exato do seu plano para Bogotá como exemplo a ser seguido (anexos, R, S e T).

Entretanto, a falta de experiência urbanística dos outros integrantes da equipe envolvida na realização deste projeto angustiava José Pessoa. Este então solicita ao amigo Hugo Gouthier, Cônsul Geral do Brasil nos Estados Unidos que lhe remetesse o regulamento e o programa de urbanismo da Universidade de Columbia, a fim de mandar um grupo de arquitetos brasileiros para aperfeiçoamento neste campo:

Assim, aproximando-se o momento de planejamento da nossa terceira capital, pediria ao prezado amigo enviar-me, com a brevidade possível, o

¹⁶³ Ilmar Marinho a Hugo Gouthier. Paris, 11 de junho de 1955. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV. (Coleção José Pessoa). [Carta]

¹⁶⁴ Le Corbusier a Hugo Gouthier, 24 de junho de 1955, arquivos de Le Corbusier, Paris. In: HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 189.

¹⁶⁵ Le Corbusier a Affonso Eduardo Reidy, 6 de abril de 1949 in: HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 187.

regulamento e o programa de Urbanismo da Universidade de Columbia, a fim de mandarmos aí um pequeno grupo dos nossos melhores arquitetos para fazer um curso de aperfeiçoamento em urbanismo, pois infelizmente ainda não o temos até agora no Brasil. Para isso, conto, além da interferência oficial do nosso Governo, com a sua grande influência nos meios intelectuais desse País.¹⁶⁶

Nesta angustia José Pessoa se corresponde com o arquiteto Oscar Niemeyer manifestando sua incerteza sobre o procedimento do andamento da organização urbanística da Nova Capital, e o expõe como uma das possibilidades sua idéia de enviar um grupo de arquitetos para aperfeiçoamento em urbanismo, providenciada com a colaboração de seu amigo o Cônsul Hugo Gouthier. Possivelmente José Pessoa antecipasse ao arquiteto suas pretensões tendo em vista sua proximidade ao presidente recém eleito, para que o mesmo manifestasse sua opinião, como ele explica:

Conforme tive oportunidade de lhe revelar durante nossa conversa, e a todos tenho repetido, é meu pensamento propor ao governo a seleção de uma equipe de técnicos brasileiros, enviando-os ao estrangeiro para um curso de aperfeiçoamento particularmente sobre urbanismo, engenharia de tráfego e paisagismo.

Não é possível que o Brasil se contente em viver neste regime de autodidatas, tratando-se de assunto de tanta relevância como é o do planejamento de novas cidades. Urge trazer para o nosso país os conhecimentos de povos mais adiantados, pois ficar como estamos é um paradoxo ao esforço que nesse sentido, já fizemos no campo da arquitetura. Outros dos nossos maiores arquitetos, porém, tem opinado pela vinda de um urbanista notável para traçar o plano de urbanismo a cargo dos arquitetos brasileiros. (...)

Entrementes, esperamos que o próximo governo, cujo chefe declara ter grande entusiasmo pela solução desse secular problema, diga afinal como se deverá proceder.¹⁶⁷

Na resposta, Oscar Niemeyer desta vez concorda em participar do projeto, exigindo apenas o estabelecimento de “novos entendimentos” e manifestando-se favorável à entrega do planejamento da nova capital a técnicos brasileiros, deixando clara sua posição avessa à idéia da vinda de Le Corbusier¹⁶⁸. A anterior afirmação de que problemas pessoais teriam motivado ao arquiteto não participar da comissão e a

¹⁶⁶ José Pessoa a Hugo Gouthier, 12 de janeiro de 1956. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV. (Coleção José Pessoa). [Carta]

¹⁶⁷ José Pessoa a Oscar Niemeyer, em 23 de janeiro de 1956. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV. (Coleção José Pessoa). [Carta]

¹⁶⁸ Oscar Niemeyer a José Pessoa em 1956. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV. (Coleção José Pessoa). [Carta]

posterior troca de correspondências com o Presidente da Nova Capital, contradiz a afirmativa de Oscar Niemeyer de que só teve ciência da construção de uma nova capital, a partir do convite que teria partido diretamente do presidente recém eleito Juscelino Kubitschek¹⁶⁹. A estratégia de Oscar é facilmente compreendida, pois, após eleito, no início de 1956, o Presidente Juscelino Kubitschek decide modificar inteiramente o desenvolvimento do processo realizado pela Comissão da Nova Capital até aquele momento. E ao contrário do que afirma Lauro Cavalcanti em seu livro *Moderno e Brasileiro*, Le Corbusier não “escreveu ao presidente brasileiro oferecendo-se para a tarefa” de auxiliar na construção da nova capital, nem a afirmação de que até a presidência de Juscelino Kubitschek “ninguém se lembrara ou levava a sério tal disposição”¹⁷⁰, tampouco a idéia de um concurso para a escolha do plano urbanístico da mesma tenha partido de Oscar Niemeyer¹⁷¹, mas de José Pessoa. No primeiro relatório entregue ao Presidente Café Filho, o presidente da comissão, na dúvida sobre a vinda de um urbanista estrangeiro, ou do envio de alguns profissionais brasileiros para aperfeiçoamento na Universidade de Columbia entendeu ser importante realizar um concurso para definir o plano urbanístico da Nova Capital. No último relatório entregue ao presidente Juscelino Kubitschek continha todos os procedimentos então realizados até aquele momento, além da indicação de Le Corbusier, conforme vinha caminhando a negociação através de Gouthier, e do plano urbanístico realizado pela Comissão¹⁷².

(...) encaminhamos ao senhor Presidente da República carta recebida do renomado urbanista francês Le Corbusier, oferecendo-se para traçar o Plano Piloto da nova capital. Expusemos também, na oportunidade, o nosso ponto de vista de que, mesmo se confiado aquele ou a outros técnicos estrangeiros o estudo do Plano piloto da futura cidade, aos arquitetos e urbanistas nacionais, justamente aclamados em todo o mundo, dever-se-ia entregar o desenvolvimento e concretização dos planos urbanísticos. Ao mesmo tempo procuramos auscultar os órgãos de classe e os meios responsáveis do país, ouvindo a Faculdade Nacional de Arquitetura e Urbanismo, e nomes eminentes como Oscar Niemeyer, Affonso Reidy e outros.

(...) Dentre as soluções a adotar duas nos parecem dignas de melhor exame:

¹⁶⁹ NIEMEYER FILHO, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. [S.l.]: ed. Revan, 2007.

¹⁷⁰ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. op. cit. p. 207.

¹⁷¹ Ibid., p. 207.

¹⁷² ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. **Nova metrópole do Brasil**: relatório geral de sua localização. op. cit. p. 365.

O convite a um notável urbanista estrangeiro para que venha ao nosso país traçar o Plano-Piloto da nova cidade, ficando a cargo dos brasileiros o planejamento urbanístico, em suas minúcias.

O plano divulgado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, após debates entre os seus associados e que consiste no seguinte:

O Governo Brasileiro organizará as bases de um concurso de projetos urbanísticos, obedecidas às exigências de caráter administrativo, político, econômico e técnico a que deve obedecer o planejamento da nova Capital;

O concurso será privativo dos arquitetos e urbanistas nacionais;

O Governo convidará a três urbanistas estrangeiros eminentes para o julgamento dos projetos concorrentes.

Nesse ponto permitimo-nos um adendo à proposta que examinamos, do Instituto dos Arquitetos, no sentido de que a Comissão Julgadora selecione, sem classificar, a três projetos, dentre os apresentados, cabendo a escolha definitiva e final ao Governo Brasileiro, pelos seus órgãos técnicos.¹⁷³

O presidente recém eleito ignora parcialmente tal relatório, visto que convoca os jurados para realizar o concurso, do qual Oscar Niemeyer¹⁷⁴ é o encarregado da direção geral dos trabalhos de arquitetura, garantindo-lhe a exclusividade pessoal dos principais edifícios da Nova Capital, “motivada pela pouca inclinação que sentia [como explica o próprio Oscar Niemeyer] para as questões puramente urbanísticas”¹⁷⁵. Esta decisão provocou diversas manifestações contrárias com absoluto insucesso, e o processo continuou normalmente sem incomodar nenhuma das partes. A participação de Oscar Niemeyer como membro do júri garantia-lhe escolha do projeto que fosse mais condizente com seu estilo arquitetônico, (fig.37).¹⁷⁶



Fig.37. Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, presidente da nova comissão; Lucio Costa e o Presidente Juscelino Kubitschek, em análise aos planos de Brasília. Fonte: Souvenir de Brasília, álbum 2.

¹⁷³ Ibid., p. 365.

¹⁷⁴ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. op. cit. p. 207.

¹⁷⁵ BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. op. cit. p. 183.

¹⁷⁶ Ibid., p. 183.

A atitude de Juscelino com a conivência de Oscar Niemeyer reiterou e consolidou um cenário do qual Reidy terminantemente se recusava integrar, e não participa do concurso para Brasília. Por vezes, sem declarar sua participação na Comissão, e a existência de um projeto de urbanização realizado pela equipe que coordenou, Reidy expôs publicamente outros motivos coerentes para sua não participação no concurso, que de forma indireta, mais parece um apelo ao governo de tornar público o estudo já realizado pela Comissão, principalmente para os participantes do concurso:

(...) o edital merece correções e complementação com o fornecimento de elementos essenciais num concurso desta natureza. Nota-se a ausência do programa político-administrativo da cidade, sem o qual os concorrentes ficarão sem base para projetar e o júri sem elementos de comparação para julgamento. Este programa não pode ser fornecido pelo concorrente e variar, portanto, de um para o outro ao léu de pontos de vista individuais. O único que pode elaborar este programa é o próprio governo.

O governo deve ter esse plano, sem o que não cogitaria da mudança da capital. Evidentemente, qualquer plano deve ter uma flexibilidade tal que permita a sua transformação progressiva de acordo com a evolução econômica, social e administrativa que formos alcançando. É preciso partir de uma base concreta, pois ninguém poderá projetar sem um ponto de partida.

(...) O plano piloto da área urbana não pode ser considerado isoladamente, uma vez que a cidade é parte integrante da região e seu planejamento deve ser uma decorrência do planejamento regional. Nestas condições, não deveria ser facultativa a apresentação desses elementos, mas obrigatória.

177

A postura de Oscar, naquela altura, já era bastante conhecida de Reidy, com quem já não mais se relacionava, por problemas éticos profissionais, rompendo definitivamente a continuidade, de sua participação no processo.

Pois, durante um período, vários arquitetos, costumeiramente dividiam o mesmo espaço em uma sala no centro do Rio de Janeiro e todos se reiteravam dos trabalhos dos demais colegas. Reidy e Oscar eram dois dos que compartilhavam o mesmo endereço na Rua Evaristo da Veiga, e em 1947 participavam do concurso para o Centro Técnico da Aeronáutica em São José dos Campos, São Paulo. Foi um concurso fechado em que apenas cinco dos mais importantes escritórios do Brasil foram convidados a participar. E Reidy desenvolveu seu projeto, mas, como de

¹⁷⁷ BONDUKI, Nabil Georges. **Afonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardí, 1999. Op, cit. p. 24.

praxe, o mostrou ao colega, que estranhamente e sem maiores explicações se afasta por um período do escritório comum (figs. 38 e 39).



Fig. 38. Vista sudoeste. Restaurante centro comercial **para o Centro Técnico da Aeronáutica** (1947), de Affonso Eduardo Reidy. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

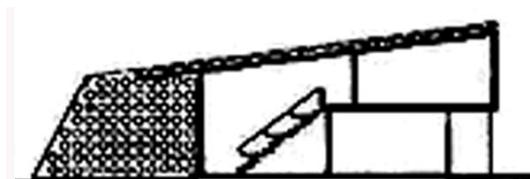


Fig. 39. Padrão de residências para o Centro Técnico da Aeronáutica (1947), de Oscar Niemeyer. Fonte: LUCAS, *Luís Henrique Haas*. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp370.asp>. Acesso em 10 de setembro de 2008, às 20:30 hs.

O concurso foi realizado, e Oscar obteve o primeiro lugar. Curiosamente a concepção do projeto apresentado por Oscar era idêntica àquela desenvolvida por Reidy no escritório da Evaristo da Veiga. E o júri então desclassifica o projeto de Reidy alegando a forte influência daquele apresentado por Oscar, um arquiteto já bastante conhecido na época.

Este equívoco do júri e o providencial silêncio de Oscar Niemeyer foram suficientes para romper definitivamente com uma amizade de longa data.¹⁷⁸

Firme em suas convicções, Reidy preferiu não participar do concurso, mesmo em se tratando de uma rara possibilidade de construir um projeto com a dimensão de uma capital federal.

Possivelmente sua atitude não tivesse causado espanto, pois, anos antes já havia pedido demissão do cargo de diretor do Departamento de Urbanismo por discordar da especulação imobiliária que o governo pretendia empreender sobre a área da esplanada de Santo Antônio.¹⁷⁹

¹⁷⁸ BRITO, Alfredo. O sonho utópico: Reidy e os modernos. op. cit. p. 19.

¹⁷⁹ PEREIRA, Margareth. O sonho utópico: Reidy e os modernos. op. cit. p. 12.

Curiosamente no mesmo ano ocorre outro episódio similar ao descrito entre Reidy e Oscar na comissão internacional de arquitetos estrangeiros designada para a realização do projeto da sede das Nações Unidas em Nova York. Desta comissão mais uma vez participava Oscar Niemeyer representando o Brasil e Le Corbusier à França, repetindo a parceria de 1936 no projeto para a construção do Ministério da Educação e Saúde, o que lançou internacionalmente o arquiteto brasileiro. Não era um concurso propriamente dito, mas cada arquiteto deveria apresentar uma proposta condizente com o terreno destinado à construção do edifício para a Sede das Nações Unidas. Le Corbusier antecipa para janeiro sua viagem à Nova York, os demais arquitetos convidados chegam apenas em março, encontrando o arquiteto franco-suíço já com todos os esboços do seu projeto. Possivelmente influenciado pela semelhança que havia entre o terreno doado para a realização da sede das Nações Unidas com o que fora executado o Ministério da Educação e Saúde, Le Corbusier tenha desenvolvido seu projeto baseado na experiência deste último. Oscar retrabalhou os desenhos de Le Corbusier e apresentou uma fusão entre ambos os projetos. O que acarretou uma série de problemas para o arquiteto franco-suíço, pois, além da clara semelhança entre os projetos, a numeração das pranchas de Oscar continha a indicação 32K e as de Le Corbusier 23A, o que contribuiu para dar maior alusão à proximidade de ambos os projetos. Em virtude desta confusão, o projeto de Oscar é escolhido, o que “lançou-o na elite da arquitetura mundial”¹⁸⁰, e Le Corbusier é excluído da construção do edifício por justamente “ter sido acusado de roubar os planos de Niemeyer”.¹⁸¹

Discreta como seu companheiro, Carmen Portinho jamais comentou o assunto, tampouco perdoou Oscar Niemeyer. Justificava dignamente a distância entre os arquitetos pela forma adversa de ambos projetarem deixando claro sua posição de apoio ao companheiro diante de sua independência profissional.¹⁸²

Além de seu evidente talento, Reidy lutava por uma arquitetura social e comunitária. Toda sua obra foi realizada nesse sentido. (...) Chegou a fazer parte de um escritório de arquitetura com o Oscar Niemeyer, (...) que funcionou nas imediações do Passeio público, na Rua

¹⁸⁰ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. op. cit. p. 191.

¹⁸¹ HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier**: riscos brasileiros. op. cit. p. 184.

¹⁸² ANDRADE, Geraldo Edson de. (org.). **Por toda a minha vida**. op. cit. p. 35.

Evaristo da Veiga, mas acabei convencendo-o que o tipo de arquitetura que fazia era mais pessoal do que a dos outros companheiros de escritório e, por isso, necessitava de um espaço só dele.¹⁸³

Avesso a Carmen Portinho, o arquiteto e historiador Bruno Zevi, expunha, de forma ostensiva sua crítica a Oscar Niemeyer, especialmente numa entrevista realizada por ele em que Oscar com respostas curtas e sem entusiasmo repetia os slogans arquitetura para o povo e urbanismo para todos, como “incapacidade de encontrar alternativas” para uma resposta mais completa. Por conta de seu envolvimento político contra o regime fascista na Itália Zevi, se mostrava interessado pela posição política de Niemeyer, observando uma incoerência ética diante de suas afirmações como comunista:

Crê nos pobres e trabalha para a especulação e para a satisfação dos ricos; é comunista, mas construiu uma casa fabulosa; atrelado a um mundo instável, hoje em febril ascensão econômica e amanhã em crise, não encontra paz.¹⁸⁴

No concurso para Brasília, nenhum dos outros concorrentes, com exceção dos Irmãos Roberto, que haviam realizado um plano para o Rio e outro para Cabo Frio, tinham qualquer experiência de organização urbana, tampouco Lúcio Costa, o vencedor do mesmo.¹⁸⁵ Após o concurso, Le Corbusier escreve ao governo brasileiro, para ter uma posição sobre o acordo anteriormente estabelecido com Hugo Gouthier em nome do presidente Café Filho, na esperança de continuar no projeto justificando sua anterior parceria com os brasileiros na construção do MES, não obtendo a mesma cordialidade anterior: “os tempos eram outros, e nem JK, nem Niemeyer desejavam uma estrela estrangeira nesse empreendimento”.¹⁸⁶

Na altura dos acontecimentos, Reidy e Carmen são novamente “pegos” pela desilusão, pois ambos bem conheciam o desejo de Le Corbusier de que um governo o apoiasse na construção de seus projetos, e o casal era um de seus fiéis aliados. Certamente Reidy via a possibilidade não só de o governo apoiar as idéias de Le

¹⁸³ Ibid., p. 35.

¹⁸⁴ ZEVI, Bruno. **Incontro con Oscar Niemeyer. Nausea deli'abbondanza brasiliana.** Cronache di architettura I. 1954-1955. Bari, Laterza. 1971, apud TINEM, Nelci, 2006, p. 98.

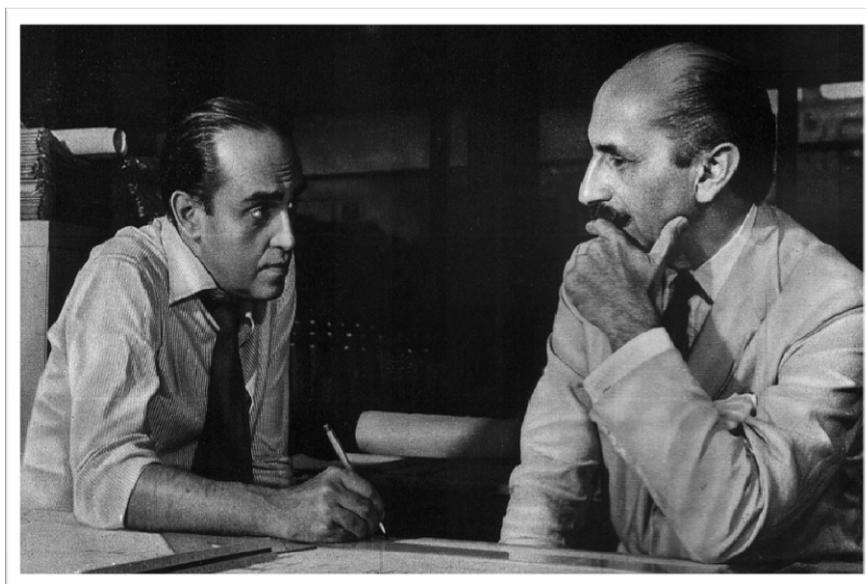
¹⁸⁵ BRITO, Alfredo. O sonho utópico: Reidy e os modernos. op. cit. p. 20.

¹⁸⁶ CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro:** a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. op. cit. p. 208.

Corbusier, mas a de também por em prática todo conhecimento adquirido ao longo dos anos, já que era um dos poucos urbanistas experientes possuidor do conhecimento prático-teórico para criar, desenvolver e materializar ele próprio a nova capital. Além de Carmen Portinho possuir mais do que ninguém, o conhecimento detalhado da região da nova capital anteriormente esmiuçado para sua dissertação sobre “a Nova Capital”.

No relatório “Cidade de Vera Cruz” entregue pela Comissão da Nova Capital ao presidente Juscelino constava: o “primeiro plano piloto”, elaborado a partir da intensa pesquisa realizada pelos responsáveis pela urbanização da região”.

Coincidentemente, o laureado arquiteto, Lucio Costa justifica a solução do primeiro risco para o projeto a partir “do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”¹⁸⁷, aparentemente uma alusão ao nome Vera Cruz utilizado anteriormente pelo Marechal José Pessoa, onde a cruz simboliza a descoberta do lugar. Segundo Yves Bruand, sua vitória no concurso confirmou a atitude adotada por Oscar, (fig. 40), em participar do júri, pois, as propostas de Lúcio soaram como se “feitas sob medida para uma arquitetura como a de Niemeyer”.¹⁸⁸



¹⁸⁷ Tal relatório foi denominado Cidade de Vera Cruz, em homenagem ao “primeiro nome dado ao nosso país, o título que (...) aflorou aos lábios do grande descobridor, ao contemplar os sinais da terra brasileira”¹⁸⁷. Correio Brasiliense. Relatório do primeiro Plano Piloto de Brasília. Brasília, 27 fev. 2002.

¹⁸⁸ BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. op. cit. p. 183.

Fig. 40. Oscar Niemeyer e Lucio Costa nos estudos para a construção de Brasília. Fonte: Souvenir de Brasília, álbum 2. Sem data.

Mais uma vez ambos os arquitetos travaram parceria num projeto ambicioso da arquitetura moderna brasileira, com aprovação principalmente da crítica internacional. Apesar desta aprovação quase que unânime o arquiteto e historiador Bruno Zevi foi um dos pesquisadores que mais criticou as atitudes de Niemeyer no concurso de Brasília ao insinuar que a eleição de Lucio Costa estivesse relacionada com a participação de Niemeyer na Comissão Julgadora. A semelhança entre diversos pontos do projeto de Lucio Costa com aquele elaborado pela comissão chamou atenção do próprio José Pessoa: “entre estes dois planos, uma perfeita uniformidade de critérios admitidos”. Essa similitude o induz justamente a divulgar o plano realizado por sua extinta Comissão,¹⁸⁹ segundo o documento escrito (anexos U,V,W e X) por José Pessoa com a seguinte epígrafe sublinhada: “Reportagem de grande atualidade revelando ao público leitor de O Globo” a divulgação do noticiário autentico com todos os detalhes” para o citado jornal:

O primeiro Plano Piloto da nova Capital do Brasil foi elaborado pela extinta Comissão de Localização da nova Capital sob a presidência do Exmº Sr. Marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, em 2 de julho de 1955. Este trabalho faz parte do patrimônio transferido para a companhia Urbanizadora da Nova Capital.

O resultado do concurso para o Plano piloto, organizado pela NOVACAP, classificou em 1º lugar o projeto do arquiteto Lucio Costa, de renome internacional. Aliás, baseado nas considerações expendidas pelo urbanista inglês Mr. William Holford, membro do júri, já divulgadas amplamente.

Constatando-se entre estes dois planos, uma perfeita uniformidade de critérios admitidos, é de justiça informar aos nossos leitores a respeito do valor de um trabalho que nada custou ao Governo (...). Este trabalho, considerado como serviço relevante prestado ao País, foi apreciado oficialmente.

Na primeira reunião da subcomissão de planejamento e urbanismo, sob a presidência de V. Excia., logo após a escolha do local, ficou resolvido com relação ao plano urbanístico da cidade de Vera Cruz, futura capital do Brasil o seguinte:

a) A execução de um esboço por parte dos técnicos da sub -comissão e de um programa do planejamento:

b) A vinda ao Rio de Janeiro do Sr. Le Corbusier para aconselhar aos arquitetos brasileiros, incumbidos do projeto, segundo suas idéias e sua capacidade artística, universalmente reconhecida.¹⁹⁰

(...) Impelidos pelo entusiasmo que o estímulo patriótico e idealístico de V. Excia. Desperta, tomamos a imediata deliberação de apresentar o esboço

¹⁸⁹ ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. **Primeiro Plano Piloto da Nova Capital**: Cidade de Vera Cruz. Rio de Janeiro: arquivo do CPDOC, 1956.

¹⁹⁰ José Pessoa ao jornal O Globo. Primeiro plano da nova capital. Rio de Janeiro: arquivo CPDOC/FGV, 1956. (Coleção José Pessoa). [Artigo]

de nossa autoria como concreta contribuição para o projeto definitivo da cidade. (...) Seguem algumas considerações resumidas sobre a idéia e o partido urbanístico do nosso trabalho (...):

Os espaços residenciais são constituídos de grandes quadras de um quilômetro quadrado de superfície aproximadamente, subdivididos em loteamentos especiais, servidos por uma rede de circulação ao abrigo do tráfego intenso reservando-se espaços livres para escolas, jardins, recreação e pequeno comércio (unités de voisinage). Cada quadra corresponde a oitocentos lotes (5.000 habitantes).

Haverá quadras desta dimensão destinadas aos funcionários do governo, as embaixadas estrangeiras e outras organizações coletivas, cujas edificações serão projetadas em blocos formando unidades harmônicas em condomínio o que permitirá maior reserva de espaços livres para parques e jardins que servirão como servidão junto aos edifícios de utilidade comum como sejam escolas, igrejas, edifícios comerciais etc... Procurou-se tanto quanto possível a localização dos edifícios com as maiores fachadas para o nascente e para o poente a fim de se aproveitar melhor os benefícios da insolação.

Aceitamos a concepção de uma cidade orgânica, monumental e administrativa, refletindo a nossa evolução cultural, política e religiosa no âmbito da nossa natureza exuberante. Segundo os conceitos do urbanista inglês Howard, pioneiro da cidade jardim, a cidade de Vera Cruz deverá destacar-se no meio das suas superfícies verdes, suas flores, suas águas, tranqüila e pensadora.

Quanto à rede das vias de tráfego, foram adotadas as auto-estradas do tipo moderno para grande circulação (highways); avenidas largas para o tráfego de menor intensidade e ruas para os grupos residenciais (drive-ways). As pistas de bicicletas e veículos de pequeno porte são problemas cogitados, vem assim a construção de plataformas para helicópteros.

Quanto ao funcionalismo, tudo se processa no nosso plano segundo a expressão de Le Corbusier: deve-se separar o pedestre da ronda infernal dos automóveis que circulam livremente.

(...) A propagação de cidades satélites nas adjacências das grandes vias de tráfego serão núcleos futuros e evidentes de formação inevitáveis.

Resumimos finalmente, como conseqüência elucidativa as principais características do plano:

- a) Cidade administrativa monumental;
- b) Conjunto do Governo (3 Poderes) dominando a cidade no ponto focal da topografia;
- c) Explanadas das festividades;
- d) O lago artificial;
- e) Avenida cívica monumental conjugada com as avenidas das três armas militares;
- f) O Pantheon e a Tribuna Pública na praça do Cruzamento;
- g) A localização estratégica das embaixadas estrangeiras;
- h) O coração da cidade (Coeur de La Ville);
- i) A zona recreativa marginal do lago;
- j) A subdivisão do "duomo" do Sítio em super-quadras de um quilômetro quadrado, na periferia do conjunto do Governo, constituindo as unidades residenciais autônomas;
- k) As pistas de helicóptero;
- l) A rede do tráfego (arterias, sub-arterias, e ruas locais) servindo ao transporte pelos métodos modernos;
- m) A terminal rodoferroviária (gare) obedecendo ao plano da subcomissão de comunicações da mesma Comissão;
- n) O nome de Vera-Cruz proposto para a nova capital sob fundamento e natureza histórica e religiosa.¹⁹¹

¹⁹¹ Id.

Após o concurso, a comissão julgadora do Plano–Piloto da Nova Capital composta pelos representantes estrangeiros William Halford do Ministério de Alojamento e Planificação e do Departamento Colonial da Grã Bretanha; André Siwe, Assessor do Ministério de Reconstrução e Moradia da França; Stamo Papadaki, Técnico Americano¹⁹²; Oscar Niemeyer representante da NOVACAP e Paulo Antunes representante do I.A.B lançaram nota esclarecedora sobre a decisão final gerada após “diversas reuniões a fim de escolher entre os 26 projetos apresentados”. Apesar de se retirar do júri por divergir sobre os critérios adotados na escolha do resultado, Paulo Antunes apresentou seu relatório criticando a comissão julgadora, que com o impressionante prazo de dois dias e meio foi capaz de estudar os 26 projetos concorrentes, como relata:

(...) chegou Oscar Niemeyer acompanhado dos três representantes estrangeiros. Niemeyer dirigiu-se a mim, entregou-me um pequeno relatório, dizendo ser o relatório do trabalho dos três arquitetos estrangeiros na quinta-feira, com a qual estava de acordo.

Ao ler o documento, verifiquei com surpresa que não só os meus colegas tinham escolhido os cinco projetos finais, mas também os tinha classificado, estando, portanto, concedido por eles o julgamento dos projetos no tempo “record” de 2 dias e meio. Contra três votos e mais o de Oscar Niemeyer, não me poderia restar nenhuma veleidade de opinar, mesmo que estivesse em condições de fazê-lo, o que não estava, motivo pelo qual, para salvar a responsabilidade do I.A.B, só me restava fazer o que fiz: escrever uma carta ao Sr. Dr. Israel Pinheiro, declarando não concordar com o critério adotado para julgamento dos trabalhos e apresentando este voto em separado:

De acordo com as bases conhecidas de todos os associados do IAB, em virtude dos dados arbitrários fornecidos caberia julgar objetivando a escolha de equipe de real valor e alto padrão técnico, que demonstrasse sua capacidade para desenvolver o projeto da Nova Capital do Brasil.(...) ¹⁹³

Tais fatos, coincidentemente ou não, nos permitem entender a decisão ética e particular a Affonso Eduardo Reidy em criticar a superficialidade de um edital visto a magnitude da empreitada. E, com a mesma dignidade com que Carmen Portinho se refere a Oscar Niemeyer, Reidy o fez não participando do concurso para a nova capital. Essa atitude reidiana também o distanciou de um de seus desejos mais fervorosos como o de trabalhar em conjunto com Le Corbusier. Em depoimento

¹⁹² Brasília e a opinião estrangeira. Rio de Janeiro: Presidência da República/Serviço de documentação, 1960. p. 141. (acervo do Arquivo Nacional, Coleção Brasileira, v. X).

¹⁹³ ANTUNES, Paulo. Concurso da nova capital: A carta do arquiteto Paulo Antunes, representante do I.A.B. **Brasil - Arquitetura Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 9, 1957. p. 65.

sobre a não participação de seu companheiro no concurso Carmen declara: “ ele nunca me disse, mas nós de casa não precisávamos dizer as coisas, a gente sabia: ele não queria participar. [...] Ele não queria saber de uma coisa que sabia como ia acabar”¹⁹⁴.

Esses acontecimentos, apesar de amplamente divulgados na imprensa nacional pouco ou quase nenhum efeito surtiu, já que os grandes ícones desta história já haviam sido engessados pela persuasiva imprensa internacional.

¹⁹⁴ BONDUKI, Nabil Georges. **Afonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999. Op, cit. p. 24.

Conclusão

No aprofundamento das leituras dos registros realizados pela imprensa brasileira, a insistente repetição sobre as origens, ora inglesas ora italianas de Affonso Eduardo Reidy, motivaram o desvio do nosso foco inicial ao aprofundamento de suas origens. O estudo e a investigação da biografia intelectual de Reidy apontaram para não examiná-lo apenas como importante integrante do significativo movimento artístico e cultural do século XX. Ao contrário, a pesquisa indicava a importância de se verificar o significado dos traços familiares no legado do arquiteto. A troca de experiências e de saberes tão significativas da época entre personagens representativos das mais diversas áreas do conhecimento, e o incentivo do governo foram, em grande parte, responsáveis pelo processo de desenvolvimento intelectual e do despontar do arquiteto, embora seja impossível desprender de sua formação profissional a preocupação com os aspectos essencialmente sociais do “métier”, e dos traços de sua própria origem familiar.

As teorias urbanísticas vivenciadas com Alfred Agache e o novo modo de se pensar o objeto arquitetonicamente do mestre franco-suíço Le Corbusier era direcionado ao sentido Público como o de seus ancestrais, tais convergências contribuíram para Reidy adotar a nova arquitetura já em seu primeiro projeto, o Albergue da Boa Vontade realizado em 1931.

Do avô italiano e do pai inglês Reidy absorveu o sentido das obras públicas. O aprofundamento destas influências certamente incluíram na trajetória profissional do arquiteto a participação de sua companheira a engenheira e urbanista Carmen Portinho proporcionando-nos também estudar sua personalidade libertária, determinada e humanista, que tanto reiterou a vertente ética do mesmo. O projeto para a escola Coelho Neto de 1933, foi o segundo realizado por Affonso Eduardo Reidy, o primeiro de tantos outros, em parceria com a engenheira e urbanista.

Esta parceria foi sucedida pela construção do Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes e pelo MAM- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, obras primordiais em sua carreira, que assinalaram seu espírito devoto á feição social da arquitetura e do urbanismo, em que o arquiteto num gesto de reciprocidade aplicou

seu conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória traçando as marcas que fundamentaram e fundamentam a razão de seus projetos.

Característica que em comunhão harmônica colocou a engenheira e o arquiteto concebendo e realizando projetos a serviço da dignidade humana marcando definitivamente a forma e função da habitação social no país: “tornando-se o par mais influente da arquitetura moderna brasileira”.¹⁹⁵

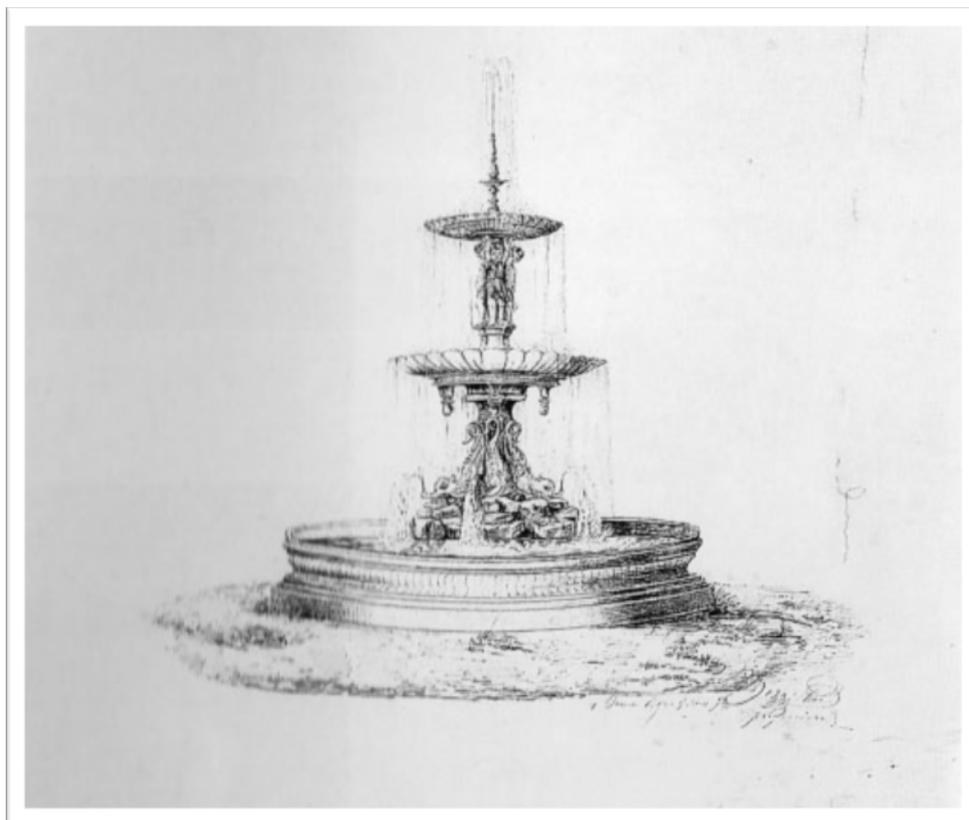
Envolto destes personagens oriundos de ligações afetivas profundas, que ao longo da formação tanto intelectual quanto profissional tinham a engenharia-arquitetura como principal ofício, parceiros do desenvolvimento social e político do país, certamente o legado de Reidy não poderia ser outro.

¹⁹⁵ CAVALCANTE, Lauro (org.). **Quando o Brasil era moderno**: artes plásticas no Rio de Janeiro. op.cit. p. 42.

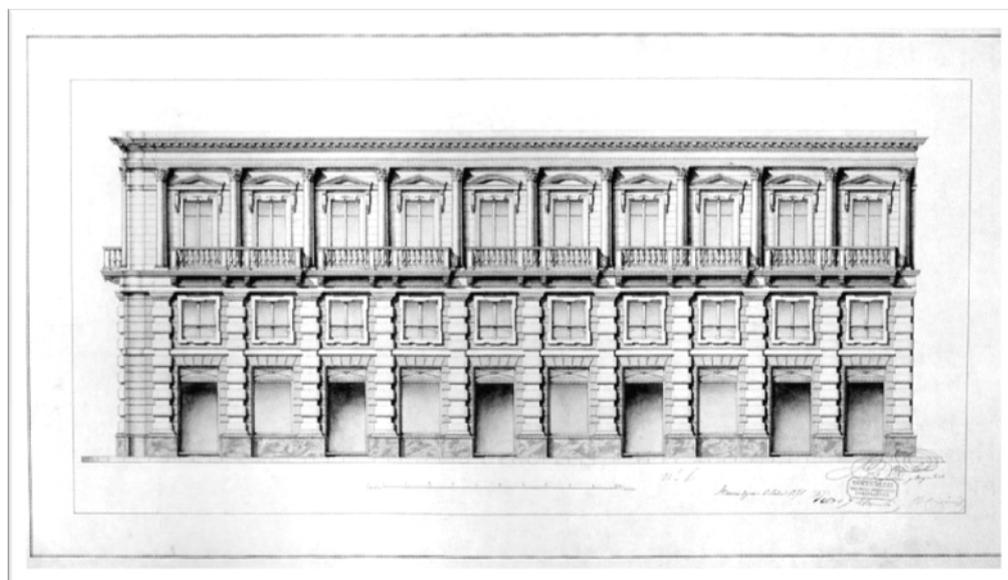
ANEXOS

Anexo A	87
Anexo B	88
Anexo C	88
Anexo D	89
Anexo E	89
Anexo F	90
Anexo G	90
Anexo H	91
Anexo I	91
Anexo J	92
Anexo K	92
Anexo L	93
Anexo M	94
Anexo N	95
Anexo O	96
Anexo P	97
Anexo Q	98
Anexo R	99
Anexo S	100
Anexo T	101
Anexo U	102
Anexo V	103
Anexo W	104
Anexo X	105

ANEXO A - Projeto para fonte em Buenos Aires, 1873. Fonte: WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997



ANEXO B - Projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi para residência em Buenos Aires: fachada. Nanquim e aquarela sobre papel, 1871. Acervo Museu Paulista/USP (Coleção Bezzi). Fonte. WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997



ANEXO C - Projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi para residência em Buenos Aires: Fachada. Nanquim e aquarela sobre papel, 1873. Acervo Museu Paulista/USP (Coleção Bezzi). Fonte. WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997



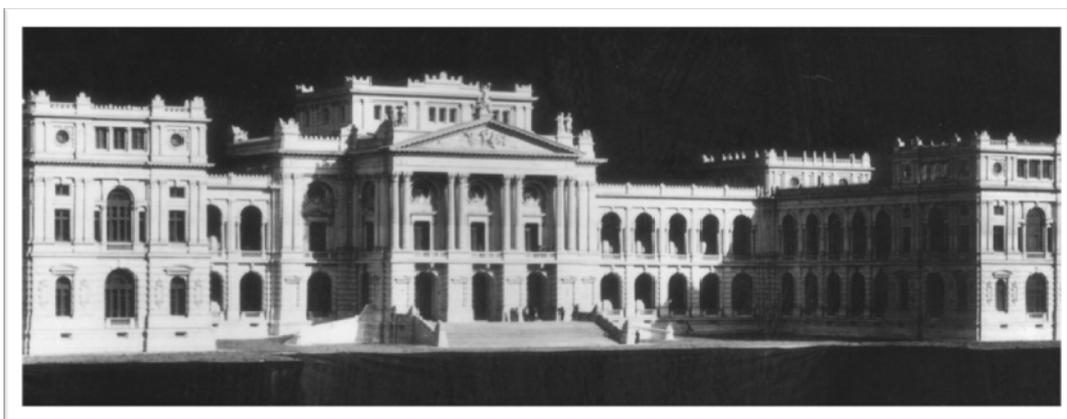
ANEXO D - Bezzi no centro com seus familiares. Fonte: WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997



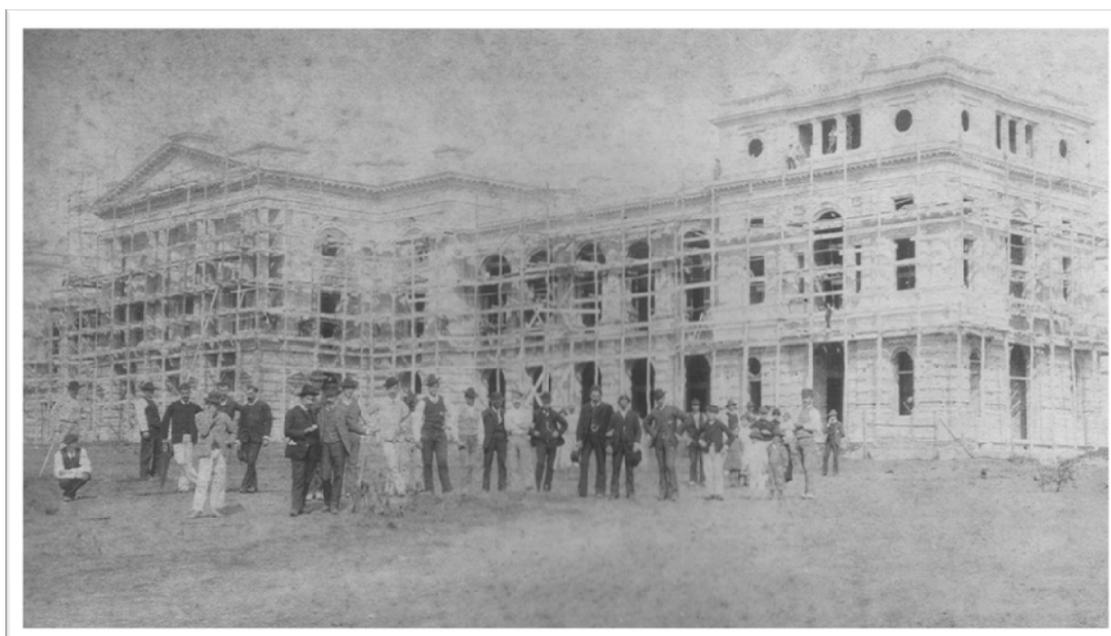
ANEXO E - Da esquerda para a direita, Affonso Eduardo Reidy é a quarta pessoa posicionada de pé. O primeiro da direita para a esquerda de pé está seu irmão, a quarta mulher da direita para a esquerda é sua irmã. Fonte: Arquivo pessoal de Bezzi. Imagem gentilmente cedida por Fernando Uchôa, sobrinho-neto de Reidy.



ANEXO F - Maquete do edifício-monumento do Ipiranga. Fonte: Fonte: WITTER, J.S.; BARBUY, H. (Org.). Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação. São Paulo: FIESP, 1997.



ANEXO G - Construção do Edifício, 1888. Fonte: Às Margens do Ipiranga 1890-1990. Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP. São Paulo. Museu Paulista - USP, 1990. Catálogo de exposição. Apoio Bradesco S/A.



ANEXO H - Bezzi retratado por Piretto Bianco. Datado de 1 dezembro de 1913. Coleção Maria Helena Bezzi.



ANEXO I - Reidy. Fonte Revista de Arquitetura. Agosto 1943. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/ UFRJ



Afonso Eduardo Reidy

ANEXO J - Eugen Gustav Steinhof. Fonte: <http://users.cjb.net/rasouza/steinhof1.htm>. Acesso em: 20 set. 2008, 17:55:13



ANEXO K - Escultura de Eugen Gustav Steinhof Paris 1925. Fonte: <http://users.cjb.net/rasouza/steinhof1.htm>. Acesso em 20 set. 2008, 17:55:13.



ANEXO L - As duas libélulas do musical L'Enfant et les Sortilèges, desenhadas por Eugène Steinhof, Mar. 1929. Paris. Fonte: http://modernmask.org/Issue_II/modernmask_music/ravel.html. Acesso em: 10 set. 2008, 10:45:14s



ANEXO M

Membros das Subcomissões	Marechal Mario Travassois Engenheiro Philuvio de Cerqueira Rodrigues Engenheiro José Gayoso Neves Professor Alyrio H. De Mattos Coronel Engenheiro Luiz Eugenio P.F. Abreu Engenheiro-Arquiteto Raul Penna Firme Major Mauro Braga Teixeira Engenheiro Civil José de Oliveira Reis Engenheiro-Arquiteto Roberto Lacombe Engenheiro-Paisagista R. Burle Marx General João de Saldanha da Gama Tenente-Coronel Manoel Corrêa Dias Costa Engenheiro Francisco Saturnino de Brito Filho Coronel engenheiro Augusto Sergio Ferreira da Silva Engenheiro-Arquiteto Affonso Eduardo Reidy Professor Eugenio Vilhena de Moraes Engenheiro Francisco Xavier R. de Souza Engenheiro Ernani de Motta Rezende Engenheiro José Arruda de Albuquerque General Fausto de Albuquerque
---------------------------------	--

ANEXO N

Nova York, em 17 de junho de 1955.

Excelentíssimo Senhor
Marechal José Pessoa,
Presidência da República,
Comissão de localização da
Nova Capital Federal,
Rio de Janeiro, Brasil.

Prezado amigo Marechal José Pessoa,

Recebi com muita satisfação sua carta de 25 de maio próximo passado.

Quero congratular-lhe efusivamente com as providências eficazes que tem tomado a respeito do assunto palpitante do problema da mudança da capital do Brasil para o interior de Goiás.

Felicito-o igualmente pela feliz lembrança do nome de Vera Cruz, que não poderia ter sido melhor.

Imediatamente, ao receber sua carta pedindo-me para transmitir o convite ao Senhor Corbusier, enviei-lhe o seguinte telegrama:

"Merci votre lettre Mai 10. Ję viens recevoir lettre Maréchal José Pessoa, Président Commission Nouvelle Capitale Brésil, dans laquelle fait savoir votre nom a été choisi pour donner avis Commission Architectes Bressiliens pour planification dite capitale. Il me demande vous consulter se vous accepteriez invitation Gouvernement Bressilien pour aller Rio passer quelques jours. Priez me telegraphier urgent quand vous pouvez y aller et conditions".

Acabo de receber, em resposta, a correspondência que incluo a esta. O ilustre amigo, para ga

HG/MTJ.

I 60

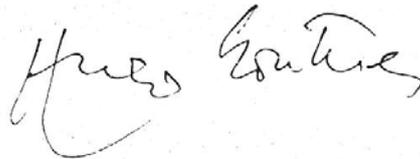
~~ganhar tempo, poderá dirigir-se diretamente ao meu colega da Embaixada em Paris, Ministro Ilmar Penna Marinho que, estou certo, tomara o maior interesse sobre o assunto.~~

Conto ir ao Rio de Janeiro em começos de agosto, onde passaremos 10 dias. Nesta oportunidade te rei o prazer de avistar-me com o prezado amigo....

9 | O livro vai bem adiantado. Gostaríamos muito, se fôsse possível, que pudesse ser preparado a documentação que solicitei sobre o problema da mudança da capital propriamente dita; a fim de ser incluído no nosso trabalho.

Com as nossas recomendações à D. Mary e filhos, os sentimentos a que se associa minha mulher, aqui fico inteiramente ao seu dispor.

Do amigo e admirador,



ANEXO P

COPIE

Carbassier

3 GP 1110 01
Paris, le 24 Juin 1955

Maréchal João PESSÔA
Presidencia de Republica
Commissao de Localizacion
de Nova Capital
RIO DE JANEIRO
Brésil

Monsieur le Président,

Ce matin à l'Ambassade du Brésil à Paris, M. Marinho m'a donné lecture de sa lettre à M. Hugo Gouthier (New York), ainsi que de la lettre que ce dernier vous a écrite concernant ma participation éventuelle à la nouvelle Capitale.

La présente note a pour objet de rectifier une légère déformation de ma pensée dans la transmission qui a été faite par les soins de M. Marinho, de l'Ambassade du Brésil à Paris et de M. Hugo Gouthier du Consulat de New York.

Je vous serais infiniment obligé de bien vouloir noter que mon désir n'est pas d'établir les plans de la Capitale du Brésil, mais d'être chargé de la réalisation de ce qu'on appelle "le Plan Pilote". Le "Plan Pilote" signifie l'expression, par les dessins et par les textes, de l'idée d'ordre général et particulier que mon expérience me permet de soumettre à l'occasion de ce problème. Il demeure que le plan d'urbanisme sera l'oeuvre des Architectes Brésiliens.

J'avais fourni à M. Marinho, à titre purement confidentiel, copie d'une partie de mon contrat fait avec la ville de Bogota à l'occasion de ma participation à l'urbanisation de cette ville, en 1950. Ce passage de contrat comportait la nomenclature des dessins nécessaires à la manifestation des idées du "Plan Pilote".

I 64 °°°

ANEXO Q

4



C'est sur ce "Plan Pilote" que les Architectes Brésiliens, accompagnés de tous les techniciens utiles, feront les études définitives qualifiées des éléments utiles à la réalisation même de la ville (viabilité, transports, conditions d'habitation, de travail, de loisir, etc...).

Je vous prie de croire, Monsieur le Président, à l'expression de mes sentiments les plus dévoués.

LE CORBUSIER

ANEXO R

8 Juin 1955

3

B R E S I L
Capitale

1^o/ Déterminer les 5 étapes du plan :

échoit aux Brésiliens :

échoit à Le Corbusier :

analyse

1

2 schéma de base

3 plan directeur (Pilote) *masa*

plan régulateur

4

a sua estrutura nacional

développement du

5

plan *avec 5 étapes, quatre projets, première*

2^o/ L'architecture adéquate
(Urbanisme à 3 dimensions)

a) = architecture pure: 1 ou plusieurs constructions
"exemplaires"

b) = élaboration de types pour les catégories

	(habitation	travail	loisir
diverses	-----	-----	-----
classes	-----	-----	-----

3^o/ Rémunér-

ation de Bofata (exemple)

Payable à Paris consignation dans une banque

2.000 \$ à 350 = 700.000 Frs

54.000 \$ à 350 = 18.900.000 "

13.000 \$ à 350 = 4.550.000 "

24.150.000 Frs

157

4

translation of certain passages of
the BOGOTA CONTRACT

Contract of Prestation of service as technical Town-planner in the survey of the town of BOGOTA with M. LE CORBUSIER, Architect.

Between the undersigned : Fernando Mazuera Villegas, Mayor of the town of Bogota and : Rafael Maria Gonzalez, Public Prosecutor of the town of Bogota, duly commissioned by the directors of the town corporation who shall throughout this contract be named as the "Corporation" on the one hand and M. Charles Edouard Le Corbusier, architect, on the other hand who throughout this contract shall be named the "Contractor" and given the following considerations :

.....

I. Local area of the town of Bogota on the scale of :
1:100.000 including the following maps :

- a) map of the regional zones first stage of realisation
- b) second
- c) final execution
- d) map of the regional thoroughfares first stage of realisation
- e) second
- f) final execution ...
- g) Final execution of the general regional map

II. Metropolitan area on the scale of 1:25.000 including the following maps :

- a) Map of the Metropolitan zones first stage of realisation
- b) second
- c) final execution
- d) Map of Metropolitan thoroughfares first stage of realisation
- e) second
- f) final execution ...
- g) General Metropolitan Survey

...

ANEXO T

2

director survey shall be finished that is to say in August 1950 if the specified delay has not been protracted and six months later if it has and the balance, that is to say, 17.000 dollars at the end of the duties of the contractor as technical adviser during the fourth stage of the survey that is to say in February 1951 if the delay for the fourth stage has not been postponed and six months later if it has.

0420

PRIMEIRO PLANO PILOTO DA NOVA CAPITAL

(CIDADE DE VERA-CRUZ)

Reportagem de grande atualidade re-
velando ao público leitor de "O Globo"
a divulgação do noticiário autêntico
com todos os detalhes

O primeiro Plano Piloto da Nova Capital do Brasil foi elaborado pela extinta Comissão de Localização da Nova Capital *Federal*, sob a presidência do Exm^o Sr. Marechal JOSÉ PESSOA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, em 2 de julho de 1955. Este trabalho faz parte do patrimônio transferido para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

O resultado do concurso para Plano Piloto, organizado pela NOVACAP, classificou ~~o projeto~~ *o projeto* ~~em primeiro lugar~~ *em primeiro lugar* em 1^o lugar o projeto do Arquiteto LUCIO COSTA, de renome internacional. Aliás, baseado nas considerações expendidas pelo urbanista inglês Mr. WILLIAM HOLFORD, membro do júri, já divulgadas amplamente.

Constatando-se entre êstes dois planos, uma perfeita uniformidade de critérios admitidos, é de justiça informar aos nossos leitores a respeito do valor de um trabalho que nada custou em despesas ao Governo, de autoria dos Arquitetos, ex-membros da Subcomissão de Urbanismo daquela Comissão, RAUL PENNA FIRME, JOSÉ DE OLIVEIRA REIS e ROBERTO LACOMBE, todos professores do Curso de Urbanismo da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Este trabalho, considerado como serviço relevante prestado ao País, foi apreciado oficialmente.

Juntamos portanto os documentos do projeto para apreciação dos leitores constituídos de uma perspectiva de conjunto e o Relatório Oficial que vai transcrito abaixo, enviado pelos Arquitetos autores do Plano ao Exm^o Sr. Marechal JOSÉ PESSOA, em 2 de julho de 1955:

"COMISSÃO DE LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL FEDERAL

Em 2 de julho de 1955

Exm^o Sr. Mal. José Pessoa Cavalcante de
Albuquerque

Respeitosas saudações.

Na primeira reunião da sub-comissão de planejamento e urbanismo, sob a presidência de V. Excia., logo após a escolha do local, ficou resolvido com relação ao plano urbanístico da cidade de Vera Cruz, futura capital do Brasil, o seguinte:

- a) A execução de um esboço por parte dos técnicos da sub-comissão e de um programa de planejamento;
- b) A vinda ao Rio de Janeiro do sr. Le Corbusier para aconselhar aos arquitetos brasileiros, incumbidos do projeto, segundo suas ideias e sua capacidade artística, universalmente reconhecidas.

Impelidos pelo entusiasmo que o estímulo patriótico e idealístico de V. Excia. desperta, tomamos a imediata deliberação de apresentar o esboço de nossa autoria como concreta contribuição para o projeto definitivo da cidade. Lembramos a V. Excia. uma histórica frase do saudoso prefeito Pereira Passos: QUEM TIVER MEDO DA IMPERFEIÇÃO NÃO REALIZARÁ NADA NO BRASIL.

Seguem algumas considerações resumidas sobre a ideia e o partido urbanístico do nosso trabalho:

- Uma avenida monumental, denominada como referência, Avenida da Independência, medindo 5 quilômetros de extensão por 120 metros de largura, emoldurada de faixas verdes e edifícios de grande porte arquitetônico, estende-se desde o parque grandioso do conjunto dos edifícios do governo centralizado pelo palácio do congresso, situado no ponto focal mais elevado do sítio (L.172m) até uma grande praça central de circulação tendo ao centro o edifício do Pantheon Nacional.

Desta praça bifurcam-se duas amplas avenidas, uma em direção à confluência do Rio Paranaíba e outra em direção ao sítio onde se localizarão as unidades militares e os campos de pouso suplementares da cidade.

Projeteu-se uma "barragem" a jusante daquele rio que o transforma num lago ornamental limitado pelas margens dos rios Bananal e Gama numa extensão aproximada de dez quilômetros, obtendo-se este motivo paisagístico de encantadora apreciação que forma com os parques naturais a serem protegidos uma agradável atração para a cidade.

- No promontório ribeirinho nas margens internas dos três rios são localizados o conjunto dos parques mais importantes da cidade. Situam-se também a universidade, as praças de esportes, os jardins Zoológico e Botânico.

Quanto à essência do seu valor urbanístico, a Avenida da Independência constitui a espinha dorsal do partido dominante da metrópole. De ambos os lados desta avenida circulam duas artérias de tráfego de 60m de largura, ligadas à rede geral das avenidas para o descongestionamento; contribuindo assim para a eventual serenidade e imponência daquela grande avenida nas festas cívicas promovidas pelo governo.

No sentido transversal à essa avenida próximo ao conjunto do governo, cruza uma outra avenida similar, denominada como referência Avenida do Comércio que liga a praça do conjunto das gares das estações ferroviárias situadas ao norte à grande praça central da cidade onde se acham o centro comercial e o centro cívico (coração da cidade). Notam-se aí, a catedral, os teatros, os cinemas, os cafés e restaurantes e o edifício da prefeitura.

Os espaços residenciais são constituídos de grandes quadras de um quilometro quadrado de superficie aproximadamente, subdivididos em loteamentos especiais, servidos por um arêde de circulação ao abrigo do tráfego intenso reservando-se espaços livres para escolas, jardins, recreação e pequeno comércio (unidades de vizinhança). Cada quadra corresponde a oitocentos lotes (5.000 habitantes).

Haverá quadras desta dimensão destinadas aos funcionários do governo, as embaixadas estrangeiras e outras organizações coletivas, cujas edificações não obedecerão ao regime dos lotes individuais; as edificações serão projetadas em blocos formando unidades harmônicas em condomínio e que permitirá maior reserva de espaços livres para parques e jardins que funcionarão como servidão junto aos edifícios de utilidade comum como sejam escolas, igrejas, edifícios comerciais etc. Procurou-se tanto quanto possível a localização dos edifícios com as maiores fachadas para o nascente e para a ponte a fim de se aproveitar melhor os benefícios da insolação.

Outros órgãos da cidade poderão ser observados no esboço apresentado.

Aceitamos a concepção de uma cidade orgânica monumental e administrativa, refletindo a nossa evolução cultural, política e religiosa no âmbito da nossa natureza exuberante. Segundo os conceitos do urbanista inglês Howard, pioneiro da cidade jardim, a cidade de Vera Cruz deverá destacar-se no meio das suas superficies verdes, suas flores, suas águas, tranquila e pensadora.

Quanto a rede das vias de tráfego, foram adotadas as auto-estradas do tipo moderno para grande circulação (highways); avenidas largas para o tráfego de menor intensidade e ruas para os grupos residenciais (drive-ways). As pistas de bicicletas e veículos de pequeno porte são problemas cogitados, vem assim a construção de plataformas para helicópteros.

Quanto ao funcionamento, tudo se processa no nosso plano segundo a expressão de Le Corbusier: deve-se separar o pedestre da ronda infernal dos automóveis que circulam livremente.

As distâncias percorridas pelo pedestre dentro da rede das quadras atingem no máximo a 250m.

Localizamos a área industrial, restringida às proporções da cidade em conexão com os transportes, isto é, com as estações terminais de estrada de ferro do lado oeste do sítio.

A topografia do terreno só permite a expansão da cidade desmbaraçadamente para oeste, devendo ser evitada por leis restritivas a sua transformação em megalópolis. A propagação de cidades satélites nas adjacências das grandes vias de tráfego serão núcleos futuros e evidentes de formação inevitáveis.

Ao alto critério de justiça e aos sábios conceitos de V. Excia., nos submetemos atenciosamente"

Resumimos finalmente, como consequência elucidativa, as principais características do Plano:

- a) Cidade administrativa monumental;
- b) Conjunto do Governo (3 Poderes) dominando a cidade no ponto focal da topografia;
- c) Explanadas das festividades;
- d) O lago artificial;
- e) Avenida cívica monumental conjugada com as avenidas das tres armas militares;
- f) O Pantheon e a Tribuna Pública na praça do Cruzamento;

0421

- g) A localização estratégica das embaixadas estrangeiras;
- h) O coração da cidade (Coeur de la Ville);
- i) A zona recreativa marginal do lago;
- j) A subdivisão do "duomo" do Sítio em super-quadras de um quilômetro quadrado, na periferia do conjunto do Governo, constituindo as unidades residenciais autônomas;
- k) As pistas de helicóptero;
- l) A rede do tráfego (artérias, sub-artérias, e ruas locais) servindo ao transporte pelos métodos modernos;
- m) A terminal rodoferroviária (gare) obedecendo ao plano da subcomissão de comunicações da mesma Comissão;
- n) O nome de Vera-Cruz proposto para a nova capital sob fundamento de natureza histórica e religiosa.-

Este plano orientado e aprovado pela Comissão serviu apenas como estudo preliminar, para a escolha definitiva do Sítio.

O Arquiteto Raul Penna Figueira é o autor do projeto da Academia Militar das Agulhas Negras; o Engenheiro José de Oliveira Réis é o diretor de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal; o Professor Roberto Lacombe foi auxiliar, em Paris, do Prof. Alfred Agache, autor do projeto de remodelação da cidade do Rio de Janeiro; colaborou, outrossim, com o ex-prefeito Prestes Maia nas obras de urbanização da capital de São Paulo.

Bibliografia

1. Livros:	107
2. Revistas:	110
2.1. Técnicas, acadêmicas ou científicas:	110
2.2. Periódicas:	111
2.2.1. <i>O Cruzeiro</i> :	111
2.2.2. <i>Mundo Ilustrado</i> :	112
2.2.3. <i>Revista Rio</i> :	112
2.2.4. <i>Revista Sombra</i> :	112
2.2.5. <i>Revista da Semana</i> :	112
3. Jornais:	113
3.1. A Manhã:	113
3.2. A Noite:	113
3.3. Correio da Manhã:	114
3.4. Corriere d'Italia:	117
3.5. Diário Carioca:	118
3.6. Diário da Noite:	118
3.7. Diário de Notícias:	119
3.8. Diário de São Paulo:	120
3.9. Diário Nacional:	120
3.10. Diário Oficial:	120
3.11. Diário Popular:	120
3.12. Expresso:	121
3.13. Gazeta Proletária:	121
3.14. Jornal do Brasil:	121
3.15. Jornal do Commercio:	122
3.16. O Estado de São Paulo:	123
3.17. O Globo:	124
3.18. O Jornal:	126
3.19. O Mercantil:	127
3.20. O Paiz:	128
3.21. Tribuna da Imprensa:	128
4 – Correspondências:	128
5 – Internet:	129
6 – Arquivos, acervos e outras instituições pesquisadas:	131

1. LIVROS:

ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. **Nova metrópole do Brasil**: relatório geral de sua localização. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1958.

ANDRADE, Geraldo Edson de. **Por toda a minha vida**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

BAKOS, Margaret (org.). **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1998.

BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Ed. Blau; Lisboa: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

Brasília e a opinião estrangeira. Rio de Janeiro: Presidência da República/Serviço de documentação, 1960. (acervo do Arquivo Nacional, Coleção Brasileira, v. X).

BRITO, Alfredo et al. O sonho utópico: Reidy e os modernos. In: FREIRE, Américo (org.); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**: depoimentos ao CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

BRUAND, Ives. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura: 1930-60. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

_____ (org.). **Quando o Brasil era moderno**: artes plásticas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2001.

_____ (org.). **Quando o Brasil era moderno**: guia de arquitetura: 1928-1960. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

COUTINHO, Sylvia de Souza e Silva Ribeiro. **Memória e esquecimento: Casa Nordschild e a Formação da Arquitetura Moderna no Brasil**. PUC-Rio. Dissertação de Mestrado. Set. 2003.

DEBATES PARLAMENTARES. **Sobre energia elétrica na Primeira República**: o processo legislativo. Rio de Janeiro: CMEB, 1990.

DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

ELIAS, Maria José. Referências biográficas. In: **Às margens do Ipiranga: 1890-1990**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1990. (Catálogo da Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP).

FARAH, Sheila (org.). **Além dos Jardins do Ipiranga: história, restauro e vida no parque da Independência**. São Paulo: NEAT Construção de Marcas, 2004.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa operária no Brasil: 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREZ, Gilberto. **Álbum da avenida Central: um documento fotográfico da construção da avenida Rio Branco: 1903-1906**. [São Paulo]: Ed. Ex Libris, 1982.

FRANCK, Klaus. **Affonso Eduardo Reidy: Bauten und Projekte**. Stuttgart: Gerd Hatje, 1960.

FREIRE, Américo (org.); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma tradição**. 1. ed. São Paulo : Ed. Martins Fontes, 2004.

GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Às margens do Ipiranga: um monumento museu**. In: **Às Margens do Ipiranga: 1890-1990**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1990. (Catálogo da exposição do centenário do edifício do Museu Paulista da USP).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEMOES, Carlos. **Arquitetura brasileira**. São Paulo. Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo. 1979.

LIMA, Solange Ferraz de.; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo, álbuns da cidade de São Paulo (1887-1954)**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1997. (Coleção fotografia, texto e imagem).

MARTINS, ELIZABETE R. DE CAMPOS, A modernidade está nos jornais - Affonso Eduardo Reidy e o Museu de Arte Moderna. In GUIMARÃES, Ceça (org). **Arquitetura e movimento moderno**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2006. Coleção PROARQ FAU-UFRJ.

NARDELLI, Eduardo Sampaio. **Flashes Urbanos**: São Paulo em 60 minutos. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

NIEMEYER FILHO, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. [S.l.]: Ed. Revan, 2007.

OLIVEIRA FILHO, José Costa de. O monumento à Independência: registros de arquitetura. In: HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL, 2003, São Paulo. **Anais do museu paulista**. São Paulo: [s.n.], 2002-2003. p. 127-148 (Edição Comemorativa, v. 11).

PALLASMAA, Juhani. The geometry of feeling: a look at the phenomenology of architecture. In: NESBITT, Kate (org.). **Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory (1965-1995)**. [S.l.]: PAPress, 1996.

PENA, Felipe. Os jornalistas e as reconstruções de vida: Problemas epistemológicos na elaboração do discurso biográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003. (Coleção História e Reflexões)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Affonso Eduardo Reidy**: catálogo. Rio de Janeiro, 1985.

REIDY, Richard George. **Conferências de 1915**: comissão de linhas telegraphicas estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas. n. 42. [S.l.]: Ed. Murray, 1915.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre o local do museu do Ipiranga. In: **Às Margens do Ipiranga**: 1890-1990. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1990. (Catálogo da exposição do centenário do edifício do Museu Paulista da USP).

SALLES, Apollônio. **Companhia hidroelétrica do São Francisco**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, 1945. (Conferencias).

SCHINZ, Martins; LITTLEFIELD, Suzana. **O mundo dos jardins**. Tradução Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial. 1988.

SCHWARCZ, Lilia M. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. v. 3, 6. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**, 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

UZEDA, Helena Cunha de. **Ensino acadêmico e modernidade: o curso de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002.

VIANA FILHO, Luiz. **A vida do Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1959.

VIEIRA, Lucia Gouvêa. **Salão de 31: marco da revelação da arte moderna em nível nacional**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984.

WITTER, J.S.; BARBUY, H. (org.). **Museu Paulista, um monumento no Ipiranga: história de um edifício centenário e de sua recuperação**. São Paulo: FIESP, 1997.

2. REVISTAS:

2.1. TÉCNICAS, ACADÊMICAS OU CIENTÍFICAS:

ABREU, Silvio. A vida tem sempre razão. O arquiteto não. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, ano 3, n. 14, p. 59-71, out./nov. 1987. Bimensal.

ANTUNES, Paulo. Concurso da nova capital: A carta do arquiteto Paulo Antunes, representante do I.A.B. **Brasil - Arquitetura Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 9, 1957.

CARVALHO, Marta Maria Chagas; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n. 5, s/d.

COSTA, Vera Rita. Carmen Portinho: As lutas de uma pioneira. **Ciência Hoje Mulheres Cientistas**: revista de divulgação científica da SBPC, Rio de Janeiro, v. 20. n. 115, nov. 1995. Mulheres Cientistas, edição especial.

HASTEL, Silva; GAMA, Lucia. Ramos de Azevedo e a cidade. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**: revista da secretaria de cultura de São Paulo, São Paulo, ano V, n. 5, jan. 1998.

KAMITA, João Massao. O rigor do método. **Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, ano 9, n. 47, abr./mai. 1993.

PEREIRA, Renata de Faria. Avenida Central: Marco do Crescimento. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 23, abr. / mai. 1989.

PORTINHO, Carmen. A arquitetura moderna e o desenho industrial. **Revista Projeto, Ensaio e Pesquisa**, São Paulo, jun. 1988.

_____. Anteprojeto para a futura capital do Brasil no Planalto Central. **P.D.F. - Revista Municipal de Engenharia**: revista da secretaria de viação, trabalho e obras públicas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, mar. 1939. (primeira parte)

_____. _____. **P.D.F. - Revista Municipal de Engenharia**: revista da secretaria de viação, trabalho e obras públicas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. VI, n. 3, mai. 1939. (segunda parte)

TALABOT, Gerald Gassiot. O estilo e a obra de Afonso Eduardo Reidy. **Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, n. 30, dez. 1964.

2.2. PERIÓDICAS:

2.2.1. O CRUZEIRO:

O Concurso Architectonico do Albergue Nocturno: perspectiva nocturna do Albergue projectado. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1931.

DOIS aspectos da visita da imprensa ao novo abrigo nocturno, denominado "Albergue da Boa Vontade", na Praça da Harmonia. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 06 ago. 1932.

2.2.2. MUNDO ILUSTRADO:

ABRE as portas o Museu de Arte Moderna. **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, 05 fev. 1958.

2.2.3. REVISTA RIO:

MINDLIN, Henrique. A nova arquitetura brasileira. **Revista Rio**, Rio de Janeiro, maio 1944.

2.2.4. REVISTA SOMBRA:

NIEMEYER, Oscar. Arquitetura Moderna. **Revista Sombra**, Rio de Janeiro, jan. 1943.

2.2.5. REVISTA DA SEMANA:

UM Albergue nocturno para o Rio!. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1931.

O "Albergue da Boa Vontade". **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 06 ago. 1932.

Albergue da Bôa Vontade. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 10 out. 1931.

1º Salão feminino de arte. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 27 jun. 1931.

3. JORNAIS:

3.1. A MANHÃ:

A arte moderna no Brasil. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 09 jul. 1944.

EM torno da exposição de Lasar Segall. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 02 jun. 1943.

O novo edifício do Ministério da Educação - Uma Obra Notável da Arte. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1942.

UM museu para a arte moderna. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 07 nov. 1943.

3.2. A NOITE:

A Segunda etapa da Cidade Universitária: Nomeada a comissão para elaborar o projecto. **A Noite**, Rio de Janeiro, 27 mai. 1936.

O novo edificio do Ministerio do Trabalho: Reuniu-se hoje, pela primeira vez, a comissão nomeada para examinar o projeto. **A Noite**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1933.

PROJETO da construção do edifício-sede do MEC. **A Noite**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1942.

UMA grande obra de assistência social. A Casa da Boa Vontade, dentro em breve será uma realidade. A Casa da Boa Vontade, em construção, na praça da Harmonia. **A Noite**, Rio de Janeiro, 06 jan. 1932.

3.3. CORREIO DA MANHÃ:

2º Congresso Brasileiro de Arquitetos - Sua instalação em Porto Alegre. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 nov. 1948.

2º Congresso brasileiro dos arquitetos instalado em Porto Alegre, como parte do certame, a Exposição de Arquitetura e Urbanismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 05 dez. 1948.

II Congresso Brasileiro de Arquitetos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 nov. 1948.

A Contribuição da Prefeitura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 nov. 1948.

A demolição do Morro de Santo Antônio. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 fev. 1931.

A Primeira Conferência de Le Corbusier. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 31 jul. 1936.

A reforma do ensino superior brasileiro - O projecto do Ministro Francisco de Campos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1931.

A reforma do ensino. A incultura da elite brasileira e a reorganização universitária. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 mar. 1931.

A reforma do ensino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1931.

ACERCA da arquitetura moderna. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 01 nov. 1925.

ÁREA do Terreno Para o Conjunto Pedregulho. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1948.

ARQUITECTURA moderna. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1931.

CONCURSO prêmio de viagem de arquitectura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 03 jan. 1931.

CONFERÊNCIAS de Lê Corbusier no Rio. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 31 jul. 1936.

CONGRESSO Habitação Popular no 2º Brasileiro de Arquitetos - Maquete da Escola Primária, Ginásio Piscina e Vestiários, do Conjunto Residencial Do Pedregulho, Ora Em Construção Pelo Departamento de Habitação Popular. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1948.

COSTA, Lucio. Depoimento de um arquiteto carioca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1951.

_____. Muita Construção, alguma arquitetura e um milagre. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1951.

DEPOIMENTO de Mauricio Roberto (entrevista concedida a Jaime Mauricio). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 out. 1955.

ENSINO e nacionalização da arte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 04 abr. 1931.

EXPOSIÇÃO geral de Bellas Artes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1931.

FREITAS, Elisabeth Barros de. A Revolução e Feminismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 08 jan. 1931.

INAUGURADO viaduto Paulo Bittencourt. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 ago. 1963.

INSTITUTO de architectos fez entrega de um memorial do chefe do governo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 jul. 193.

INTENSO movimento a favor da architectura tropical “Albergue nocturno da Boa Vontade” é uma das primeiras realizações vasadas nessa Arte- Um grande certamen promovido pela Associação dos Artistas Brasileiros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1933.

MAURICIO, Jayme. Bloc relembra Reidy. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1965.

_____. Carioca nascido em Paris de pai inglês e avô irlandês: Affonso Eduardo Reidy o arquiteto. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1961.

_____. Lúcio Costa: Prêmio e Homenagem. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1965. 2º Caderno, Itinerário das Artes Plásticas.

_____. O Impasse do Curso de Urbanismo: Reidy diz porque deixou o Curso e faz sugestões. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1957.

_____. O Museu inaugurou suas dependências sociais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 02 set. 1962.

_____. Projeto de Reidy na mostra de Burle Marx. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1963.

_____. Reidy é convidado para ir à Arábia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 03 abr. 1960.

_____. Reidy projeta playground para o Aterro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1963.

_____. Rio de Janeiro, O presidente Craveiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1957.

_____. Rua em homenagem a Reidy. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1965.

MINISTÉRIO da Educação. Criação do departamento de assistência pública. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

MULHER brasileira e a arte - Uma reunião na federação brasileira pelo progresso feminino sobre as bases desse importante certame artístico. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1931.

NA Escola de Bellas Artes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 05 jun. 1932.

O Brasil na Bienal de Veneza. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 mai. 1948.

O caso da Escola de Bellas Artes. Candido Portinari, Celso Antonio, e Leo Putz. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1931.

O Centro do Rio Coberto de verde e Plantado de Branco – Um Plano Poema - O Desmonte do Morro de Santo Antônio é a Última Oportunidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 07 nov. 1948.

O contrato para a remodelação da cidade feito pelo professor Agache - vae ser estudado e examinado por uma comissão especial de juristas e artistas. **Correio da Manhã**, 08 jan. 1931.

O contrato para a remodelação da cidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 08 jan. 1930.

O Museu se antecipa: reunião... Um grupo formado por Niemeyer, Mário Pedrosa, Ivan Serpa, Flávio de Aquino, Carlos Flexa Ribeiro e o repórter, diante de uma das esculturas da mostra inglesa. No lado do poeta Carlos Drummond de Andrade com o poeta Cláudio Mello e Souza e o pintor Ivan Serpa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1958.

O novo Edifício do Ministério da Educação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1937.

O Problema da Localização da Nova Capital. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 07 nov. 1948.

O Rio que ainda não se foi - O grande perímetro da Cidade resiste a picaretagem higiênica e embelezadora, deixando ruínas que lembram um passado e pouca água e nenhum sabão. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 jan. 1949.

O Salão oficial e a Associação de Artistas Brasileiros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 ago. 1931. Declaram-se em greve os alunos de Bellas Artes. Foi entregue um memorial ao Ministro da Educação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1931.

O Salão. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1931.

OS prêmios da Escola de Bellas Artes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1931.

PARA os sem tecto - O concurso para a construção de um Albergue e o projecto Aceito. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 mar. 1931.

REFORMA do ensino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 mar. 1931.

TERAPINO, Mattos. Teremos uma reforma de ensino?. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 04 fev. 1931.

TOMOU posse o Ministro da Educação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1930.

URBANIZAÇÃO das areas situadas nas encostas da Tijuca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1949.

WARHAVCHIK, Gregori. Acerca da arquitetura moderna. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 01 nov. 1925.

3.4. CORRIERE D'ITALIA:

ONORE al Mérito. **Corriere D'Italia**, Rio de Janeiro, 20 fev. 1887.

3.5. DIÁRIO CARIOCA:

O feminismo realizador. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1931.

PESSOA, José. Resposta ao artigo precipitação indesejável. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 1955. (arquivo CPDOC/FGV, Coleção José Pessoa).

3.6. DIÁRIO DA NOITE:

A ojeriza do Capitão Chevalier pelas mulheres com pretensões a ser homem. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 1931.

A reforma da Escola de Bellas Artes e o Salão oficial deste anno. Vai ser esta a primeira vez que o país reunirá os seus mais legítimos valores artísticos. Diz ao Diário de Notícias o professor. Gregório Warchavchick. **Diário da Noite**, São Paulo, 26 ago. 1931.

ANDRADE, Oswald de. A Casa Modernista, o pior crítico do mundo e outras considerações. **Diário da Noite**, São Paulo, 30 jul. 1930.

CARVALHO, Flávio de Resende. Modernista Warchavchik. **Diário da Noite**, São Paulo, 08 jul. 1930.

_____. Uma Concepção de cidade de amanhã. **Diário da Noite**, São Paulo, 17 mar. 1932.

DOIS artistas modernistas na Escola de Belas Artes. **Diário da Noite**, São Paulo, 25 abr. 1931.

O concurso para a construção de um albergue nocturno. Algumas informações sobre o projecto distinguido com o 1º lugar. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 28 mar. 1931.

O que vaee ser o Albergue da Boa-Vontade. Uma visita feita hoje pela manhã ao moderno predio da Praça da harmonia. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 23 jul.1932.

3.7. DIÁRIO DE NOTÍCIAS:

A expressão de uma homenagem. Os Novos Architectos definem com a escolha que fizeram, a sua preferencia insophismavel. Quando os estudantes da Escola de Bellas Artes iniciaram aquella greve que ficou celebre, houve quem pensasse que o movimento fosse apenas uma briga sem consequências. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 jun.1932.

CONCURSO de construcção Lar Brasileiro. Lar brasileiro vai abrir entre os srs engenheiros, architectos e architectos constructores, concurso para estabelecer tipos de prédios hygiênicos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1931.

MARIANO FILHO, José. Brasilidade architectonica. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1931.

_____. Para uso interno dos jovens architectos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1931.

O caso do Morro de Santo Antônio. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1931.

O pensamento do instituto de architectos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 09 jul. 1931.

O plano da cidade. A comissão do plano da cidade iniciou uma série de conferências radiographadas com que procurar a sagração da popularidade para seu trabalho. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 jul. 1931.

O que vae ser o Albergue da Boa-Vontade: Uma visita feita hoje pela manhã ao moderno predio da Praça da harmonia. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1932.

O Salão de 31. Moção modernista da Fundação Graça Aranha. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 04 ago 1931.

PROJECTO para uma escola mixta de subúrbio. Ainda o tema para o exame de architectura na E.N. de Bella Artes. Projecto para uma escola de subúrbio. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 07 mai. 1932.

PROJECTO para uma escola mixta de suburbio. Ainda os exames na Escola de Bellas Artes. Dois "croquis" de escolas, desenhados pelos autores dos projectos, para a. "Pagina de Educação". **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 03 mai. 1932.

3.8. DIÁRIO DE SÃO PAULO:

FERRAZ, Geraldo. Falta o depoimento de Lucio Costa. **Diário de São Paulo**, 01 fev. 1948.

3.9. DIÁRIO NACIONAL:

ANDRADE, Mario de. Exposição dum casa modernista. **Diário Nacional**, São Paulo, 05 abr. 1930.

3.10. DIÁRIO OFICIAL:

UM Palácio grandioso para a Prefeitura. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1943.

3.11. DIÁRIO POPULAR:

MONUMENTO do Ypiranga. **Diário Popular**, São Paulo, 29 out. 1885.

O Palácio Monumento do Ypiranga. **Diário Popular**, São Paulo, 22 nov. 1886.

3.12. EXPRESSO:

ARQUITECTURA de Reidy. **Expresso**, Lima, 29 ago. 1965.

3.13. GAZETA PROLETÁRIA:

E.N. de Bellas Artes. A homenagem dos novos architectos ao professor Affonso Reiddy. **Gazeta Proletária**, Rio de Janeiro, 30 Jun. 1932.

O Novo Palácio do Ministério do Trabalho, representa na sua grandiosidade uma eloqüente homenagem do governo ao Homem do Trabalho e demonstra o formidável e crescente desenvolvimento trabalhista no Brasil. **Gazeta Proletária**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1938.

3.14. JORNAL DO BRASIL:

A Ampliação e Modernização do Porto do Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 ago. 1936.

ANDRADE, Luís Edgar de. Coração mata Le Corbusier afogado em praia da Riviera. **Jornal do Brasil**, 28 ago. 1965.

AS Conferências de Le Corbusier. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1936.

LE Corbusier e o Rio - O Ilustre Architecto Francês Falou ao Microfone do "Departamento de Propaganda". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 ago. 1936.

LE Corbusier retorna amanhã elogiando o que viu em Brasília. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1962.

MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das artes plásticas. Bloc relembra Reidy. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1965.

O Albergue Nocturno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 set. 1933.

O Centenário de Pereira Passos - Recordando o Surto Renovador do Rio de Janeiro Através da Obra Imperecível do Grande Prefeito. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1936.

PALHA, Américo. Arte, extremismos e maluquices. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 mar. 1941.

PROBLEMAS Actuais de Architectura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 ago. 1936.

REIDY, Affonso Eduardo. Inquérito nacional de arquitetura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, fev. / mar. 1961.

UM plano de embelezamento que não consulta os interesses econômicos. Uma carta do arquiteto – chefe da Diretoria da Engenharia da Prefeitura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 out. 1933.

3.15. JORNAL DO COMMERCIO:

BARATA, Mario. A Architectura Brasileira dos Séculos XIX e XX. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 1952.

BEZZI, Tommaso Gaudenzio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro. 26 nov. 1884.

CLUBE de Engenharia 50º aniversário de sua fundação histórica. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1930.

CONTRATO com Agache. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 08 jan. 1931.

DE “O Jornal” de 5-2-1932. Instituto Central de Architectos. O ultimo almoço-critica aos atentados que está soffrendo plano da cidade. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 01 mai. 1932.

O engenheiro no Brasil moderno. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 11 jan. 1931.

O problema da construção de albergues nocturnos. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1931.

O Salão de 31. Moção Modernista da Fundação Graça Aranha. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 04 ago. 1931.

OS estudantes em greve. Os alunos se revoltaram contra o professor Gastão Bahiana e pediram ao Ministro da Educação a permanência de Lucio Costa naquela instituição. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1931.

SIMAS, Gilberto de. Orientação para um plano moderno de ensino da arquitectura. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 06 mar. 1931.

SURTO de urbanização no Brasil. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1931.

VIAGEM de Suas Altezas. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro. 26 nov. 1884.

3.16. O ESTADO DE SÃO PAULO:

ANDRADE, Mário de. Brazil Builds. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1943.

FERRAZ, Geraldo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 jul. 1962.

FERRAZ, Geraldo. Reidy, arquiteto-urbanista. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 jul. 1962.

LEVI, Rino. A Arquitetura e a estética das cidades. **O Estado de São Paulo**, 15 out. 1925.

ROBBE, J. Alberto J.. O Palácio do Ipiranga. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1940. Almanaque.

3.17. O GLOBO:

2º congresso feminista - O livro feminino na exposição. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1931.

A architectura moderna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jun. 1931.

A caridade como uma expressão da justiça social. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1931.

A construcção do albergue nocturno - O que resolveu em nova reunião a comissão executiva. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1931.

A construcção do Albergue Nocturno - Realiza-se amanhã a primeira reunião da grande comissão convocada para estudar o assumpto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1931.

A construcção do Albergue Nocturno - Um apello ao prefeito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 1936.

A construcção do Albergue Nocturno será dentro em breve uma realidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1931.

A formatura dos engenheiros architectos de 1931. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1931.

A remodelação do Rio de Janeiro – Uma importante publicação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1931.

AGITADOS os alumnos do curso de architectura da Escola Nacional de Belas Artes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1931.

ANIMADO o movimento feminista no Brasil **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1931.

CONSTRUCÇÃO de Um Albergue Nocturno. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1931.

CONTINUA agitado o 2º congresso feminista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jun. 1931.

DEPOIS do Castelo, o Morro de Santo Antônio - vae ser arrasada pela prefeitura que adquiriu por 33 mil contos, a collina histórica Onde Frei Sampaio Conspirou Pela Nossa Indepedência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1931.

ENCERRA-SE hoje o congresso feminista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1931.

EVOCANDO a figura respeitável do verdadeiro creador do rio moderno. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1931.

JORDÃO, Vera Pacheco. Le Corbusier no MAM. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1962.

MOTTA, Paulo. Passos que mudaram o Rio, **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 nov. 2005.

NO Museu de Arte Moderna do Rio. Coluna de Artes Plásticas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 mai. 1962.

O 2º Congresso Feminista no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1931.

O architecto Lucio Costa director da E. N. B. A será homenageado hoje. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 ago. 1931.

O architecto Lucio Costa homenageado - As Saudações ao Director da E. N. B. A. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1931.

O concurso de ante-projectos para a construcção de um albergue noturno. A decisão do jury e a palavra do presidente do Instituto Central dos Architectos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931.

O descontentamento dos estudantes da E. N. B. A. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1931.

O Governo Federal e o 2º Congresso Feminista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1931.

O Museu de Arte Moderna deverá estar concluído para as festas do IV centenário. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 dez. 1960.

O novo director da Escola de Bellas Artes e as directrizes de uma reforma. O estylo "Colonial" e o "Salon". **O Globo**, Rio de Janeiro, 1931.

O prêmio de viagem da Escola Bellas Artes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1931.

O primeiro tumulto das feministas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1931.

OS passos do feminismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1926.

OS pobres vão ter onde dormir - O futuro Albergue Nocturno e a Instalação de sua Comissão Promotora. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1931.

PARA a construção do futuro palácio do Trabalho. Reuniu-se a comissão que estudará o projecto organizado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1933.

PAVILHÃO para o “playground” do Atêrro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 dez. 1969.

PELO saneamento da nossa bela cidade - As Conseqüências do Ininterrupto Combate ao Surto de Febre Amarela. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 jul. 1931.

PINTURA e poesia muda. **O Globo**, Rio de Janeiro, set. 1948.

RENOVAÇÃO do domínio oficial da Arte. O salão deste ano e a mentalidade que encerra Lucio Costa - Uma expressão singular. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 ago. 1931.

TENTOU agredir o encarregado do Albergue Nocturno. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1931.

UM Palácio Grandioso para a prefeitura. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1934.

UMA ponte ligará o Museu de Arte Moderna à Av. Beira Mar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jan. 1962.

UMA Visita ao Albergue Nocturno da Boa Vontade. A Instituição da sopa do pobre, dirigida pelas Irmãs Mercedarias de Caridade. Um aspecto apanhado por ocasião da visita de hoje. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1932.

3.18. O JORNAL:

A comissão do plano da cidade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1931.

A cooperação da arquitetura e do urbanismo na solução do problema da favela. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1936.

CAMPOFIORITO, Quirino. O Coreto de Reidy. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 06 abr. 1965. Coluna de Artes Plásticas.

COSTA, Lucio. Carta Depoimento. **O Jornal**, 14 mar. 1948.

O estudo da remodelação da cidade do Rio de Janeiro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 fev. 1931.

O Rio Ganhou uma passarela. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1963.

OS acadêmicos da Escola de Bellas Artes em greve pacífica. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1931.

OS problemas fundamentaes do Brasil através do Sr. Borges de Medeiros. A educação, base da reforma revolucionária. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1931.

PEDROSA, Mario. A influência dos museus como fonte de ensino e cultura dos povos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 set. 1948.

RAMOS, Graciliano. O estranho Portinari. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 01 jul. 1943.

UM paiz sem architectura. A conferência de hoje de José Mariano Filho na Escola de Bellas Artes. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1931.

UMA escola viva de Belas Artes. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 jul. 1931.

UMA fase de propaganda feminina. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 mai. 1928.

3.19. O MERCANTIL:

EXPOSIÇÃO Continental. **O Mercantil**, São Paulo, 19 out. 1890.

FREITAS, Sena. O Monumento da Independência ou Morte. **O Mercantil**, São Paulo, 6 nov.1890.

3.20. O PAIZ:

MULHERES engenheiras. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1929.

TEIXEIRA, Mucio. Viagem Imperial. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 01 dez. 1882.

3.21. TRIBUNA DA IMPRENSA:

MAX Bill gostaria de morar no Conjunto do Pedregulho. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 06 jun. 1953.

4 – CORRESPONDÊNCIAS:

MARINHO, Ilmar [*Carta*] 11 jun. 1955, Paris [para] GOUTHIER, Hugo, Paris. **Expõe ao destinatário as exigências de Le Corbusier sobre sua vinda ao Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo CPDOC / FGV. (Coleção José Pessoa).

NIEMEYER JUNIOR, Oscar [*Carta*] 1956, Rio de Janeiro [para] PESSOA, José, Rio de Janeiro. **O aceite de Oscar Niemeyer em participar do projeto**. Rio de Janeiro: Arquivo CPDOC / FGV. (Coleção José Pessoa).

PESSOA, José [*Carta*] 12 jan. 1956, Rio de Janeiro [para] GOUTHIER, Hugo, Paris. **Solicita o envio do regulamento e do programa de urbanismo da universidade de Columbia**. Rio de Janeiro: Arquivo CPDOC / FGV. (Coleção José Pessoa).

_____ [*Carta*] 23 jan. 1956, Rio de Janeiro [para] NIEMEYER JUNIOR, Oscar, Rio de Janeiro. **Expõe a necessidade de criação de uma equipe técnica de brasileiros para aperfeiçoamento em urbanismo, engenharia de tráfego e**

paisagismo. Rio de Janeiro: Arquivo CPDOC / FGV. (Coleção José Pessoa).

_____ [Carta] 25 mai. 1955, Rio de Janeiro [para] GOUTHIER, Hugo, Paris.
Solicita o intermédio de Hugo Gouthier na vinda de Le Corbusier ao Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo CPDOC / FGV. (Coleção José Pessoa).

5 – INTERNET:

ATABAI, Kamyar. L'Enfant et les Sortilèges: Ravel's Enchanted Morality. Disponível em: http://modernmask.org/Issue_II/modernmask_music/ravel.html. Acesso em: 10 set. 2008, 10:45:14.

KONDER, Marcos. Período de formação. **Vitruvius**: entrevista, São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/konder/konder_3.asp>. Acesso em: 25 mai. 2007, 15:34:25.

LARA, Fernando. Espelho de fora: arquitetura brasileira vista do exterior. **Arquitextos**, São Paulo, n. 4, set. 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp012.asp>>. Acesso em 13 jun. 2007, 22:35:23. (Texto especial, n. 12).

LENZ, Maria Heloiza. A construção das estradas de ferro na Argentina no final do século XIX: a influência das companhias inglesas. **SEP**, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/169_e80063336ec609c3f419eafbffa60a50.pdf>. Acesso em 03 mar. 2008, ás, 17:30 hs.

LUCCAS, *Luís Henrique Haas*. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. São Paulo, jun. 2006 n. 073 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp370.asp>. Acesso em 10 de set. 2008, 20:30:45.

MOEHLECKE, Renata. As precursoras de Brasília. **Ciência Hoje Online**, Rio de Janeiro, jul. 2004. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1569>>. Acesso em 16 fev. 2007, 22:00:43.

O Albergue da Boa Vontade. **Affonso Eduardo Reidy**: Escola de Arquitetura da UFF. Niterói, [200-?]. Disponível em: <http://br.geocities.com/reidy_web/albergue.html>. Acesso em 28 jun. 2008, 14:00:00.

MORAIS, Rogério. Heróis dos logradouros: história das lutas do povo brasileiro. **A Nova Democracia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, mar. 2003. Disponível em <<http://www.anovademocracia.com.br/07/28.htm>>. Acesso em 16 dez. 2006, 16:47:30.

OLIVEIRA, Fabiano Lemes de. Siegfried Giedion e o caso brasileiro: uma aproximação historiográfica. **Docomomo**, Rio Grande do Sul, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Fabiano%20Lemes%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2008, 13:00:00.

ORTIGÃO JUNIOR, José de Barros Ramalho. Recordações da infância: as primeiras letras com a família Lutz. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000100018&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2007, 10:00:00.

TINEM, Nelci. Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto. **Arquitextos**, São Paulo, v. 72, mai. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha066.asp>>. Acesso em 15 mar. 2007, 22:32:43.

VAINSENER, Semira Adler. CHESF: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. **FUNDAJ**, Recife, dez. 2004. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=3695&date=currentDate>>. Acesso em 26 mai. 2007, 09:07:54.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo brasileiro: outros enredos, personagens e paisagens. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Paris, n. 7, fev. 2007 Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document3557.html>>. Acesso em 17 abr. 2007, 17:43:00.

VENANCIO. Gisele, Martins. A arte no tempo: por uma perspectiva sociocultural dos objetos artísticos. **Revista de História e Estudos Culturais – UFMG**, Minas Gerais, v. 3, ano III, n. 4, out. / nov. / dez. 2006. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/5.Artigo.Giselle_Martins_Venancio.pdf>. Acesso em 24, abr. 2007, 19:00:00.

VITA Mia: Arquitetura, Paisagem e Urbanismo. **ECCO!**, Jundiaí. Disponível em: www.ecco.com.br/vita_mia/oriundi_arquit.asp. Acesso em 5 dez. 2006, 16:52:35.

6 – ARQUIVOS, ACERVOS E OUTRAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS:

ARQUIVO DO MUSEU DO ÍNDIO, Rio de Janeiro.

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro.

ARQUIVO NACIONAL, Rio de Janeiro.

BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro.

CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

NPD (Núcleo de Pesquisa e Documentação), FAU, UFRJ, Rio de Janeiro.